



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DA BAHIA -
UFOB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS.**

**AS MOVIMENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS NAS REDES: DORES E AFETOS
CONECTADAS NO VIRTUAL.**

**MESTRANDA: DANIELLE LIMA ALMEIDA
ORIENTADOR: DR. CARLOS HENRIQUE DE LUCAS**

BARREIRAS-BA

10/2024

DANIELLE LIMA ALMEIDA

**AS MOVIMENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS NAS REDES: DORES E AFETOS
CONECTADAS NO VIRTUAL.**

Linha de pesquisa 1: Linguagem, Cultura e Poder.

BARREIRAS
2024

FICHA CATALOGRÁFICA

A447

Almeida, Danielle Lima.

As movimentações de mulheres negras nas redes: dores e afetos conectadas no virtual. / Danielle Lima Almeida. – 2024.

147f.:

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique de Lucas
Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Ciências Humanas e Sociais,
Universidade Federal do Oeste da Bahia. Barreiras, BA, 2024.

1. Educação não formal. 2. Interseccionalidade. 3. Mulheres negras.
4. Redes sociais. 5. Feminismo negro. I. Lucas, Carlos Henrique de. II. Universidade Federal do Oeste da Bahia – Centro de Ciências Humanas e Sociais.
- III. Título.

CDD 371

Biblioteca Universitária de Barreiras – UFOB

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

- 1 Aos treze dias do mês de dezembro de dois mil e vinte e quatro, às 10h, remotamente, deu-se
- 2 início à sessão pública para a defesa da dissertação do trabalho intitulado:
“AS
- 3 MOVIMENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS NAS REDES: DORES E AFETOS
- 4 CONECTADAS NO VIRTUAL”, apresentado pela pós-graduanda **DANIELLE LIMA**
- 5 **ALMEIDA**, matrícula n.º **2022100427**. A Banca Examinadora, aprovada pelo colegiado do
- 6 Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais - PPGCHS, conforme estabelecido
- 7 no Regulamento Geral dos Cursos de Pós-Graduação da Universidade Federal do Oeste da Bahia
- 8 e no Regimento Interno do PPGCHS, foi composta por: Prof. Dr. Carlos Henrique de Lucas,
- 9 Doutor em Cultura e Sociedade (presidente da comissão / orientador / UFOB); Profa. Dra.
- 10 Amanda Motta Castro, Doutora em Educação (UFOB); Prof. Dr. Clebemilton Gomes do
- 11 Nascimento, Doutor em Difusão do Conhecimento (UNEB) e Profa. Dra. Cassiane de Freitas
- 12 Paixão, Doutora em Educação (FURG). Após a exposição do trabalho, a Banca Examinadora
- 13 realizou a arguição que foi respondida **SATISFATORIAMENTE** pela mestranda. A discente
- 14 foi considerada **APROVADA**, com todos os pareceres favoráveis. **A Banca destaca a elevada**
- 15 **qualidade do trabalho e recomenda a sua publicação**. Nada mais havendo a ser tratado, esta
- 16 Banca Examinadora encerrou essa reunião da qual lavrei a presente Ata que, após lida e
- 17 aprovada, vai ser assinada por mim, presidente e pelos demais membros da Banca.

1
8

1
9

20


Assinatura dos Membros da Banca Examinadora:

2
1
2
2

23 _____ Prof. Dr. Carlos Henrique de Lucas


24 Documento assinado digitalmente
25  **AMANDA MOTTA ANGELO CASTRO**
Data: 23/12/2024 12:19:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

26 _____ Prof. Dra. Amanda Motta Castro

Documento assinado digitalmente
 **CLEBEMILTON GOMES DO NASCIMENTO**
Data: 13/12/2024 14:33:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

_____ Prof. Dr. Clebemilton Gomes do Nascimento

3
0

3 Documento assinado digitalmente
1  **CASSIANE DE FREITAS PAIXAO**
Data: 23/12/2024 17:05:09-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

32 _____ Prof. Dra. Cassiane de Freitas Paixão

RESUMO

O uso das redes sociais expandiu-se consideravelmente nos últimos anos. Neste trabalho de dissertação de mestrado no Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas e Sociais (PPGCHS/UFOB), analiso as redes sociais como um meio de educação não formal e como potencializadoras das identidades de meninas e mulheres negras. A partir de uma abordagem teórica que envolve conceitos fundamentais como educação formal, educação não formal, interseccionalidades, netnografia e dororidade, o trabalho discute a relevância política da escrita, inspirando-se em autoras do pensamento feminista negro, como Audre Lorde, Conceição Evaristo e bell hooks. Em diálogo com as ideias de Deleuze e Guattari, o conceito de "Ponto de Vida" é desenvolvido como um eco das vozes de mulheres negras, em resistência aos sistemas de poder, à necropolítica e à desautorização de sua intelectualidade. Metodologicamente, a pesquisa utiliza a netnografia para analisar os perfis de Instagram @asnegrasdoziriguidum e do canal do YouTube @GabiOliveira, explorando como esses espaços virtuais se tornam ferramentas de subversão e reinvenção das trajetórias de mulheres negras. Ao refletir sobre os conteúdos e interações nas redes, a dissertação problematiza as fugas do silenciamento e os rastros deixados pelas mulheres negras, evidenciando a importância das redes sociais como instrumentos de resistência e sobrevivência

PALAVRAS-CHAVE: Educação não formal, Interseccionalidade, Mulheres negras, Redes sociais, Feminismo negro.

ABSTRACT

The use of social networks has expanded considerably in recent years. In this master's thesis work in the Postgraduate Program in Human and Social Sciences (PPGCHS/UFOB), it analyzes social networks as a means of non-formal education and as enhancers of the identities of black girls and women. Drawing on key theoretical concepts such as formal education, non-formal education, intersectionalities, netnography, and "dororidade" (sisterhood through shared pain), the work discusses the political significance of writing, inspired by black feminist thinkers such as Audre Lorde, Conceição Evaristo, and bell hooks. Engaging with the ideas of Deleuze and Guattari, the concept of "Point of Life" is developed as an echo of the voices of black women, resisting systems of power, necropolitics, and the deauthorization of their intellectuality. Methodologically, the research adopts a netnographic approach, analyzing the Instagram profile @asnegrasdoziriguidum and the YouTube channel @GabiOliveira, exploring

how these virtual spaces become tools for subversion and reinvention of black women's life paths. By reflecting on the content and interactions on social networks, the dissertation problematizes black women's escape from silencing and the traces they leave behind, highlighting the importance of social networks as instruments of resistance and survival.

KEYWORD: Non-formal education, Intersectionality, Black women, Social networks, Black feminism

SUMÁRIO

AS MOVIMENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS NAS REDES: DORES E AFETOS CONECTADOS NO VIRTUAL.

1. INTRODUÇÃO	06
2. CAPITULO I- OS FEMINISMOS NEGROS E INSUBMISSOS RESISTEM: OPRESSÕES E VIOLÊNCIAS EM QUESTÃO	09
2.1 O meu processo de tornar-me negra.....	09
2.2 Uma breve contextualização das relações das negras e negros com a educação no Brasil	20
2.3 As redes sociais um espaço de deliberação política sobre a educação de mulheres negras	30
2.4 A expansão da voz de mulheres negras nas redes digitais para desnaturalizar a colonização de nossas corpos.....	37
3. METODOLOGIA	56
3.1 Uma análise netnográfica das vozes negras nas redes.....	56
4. II -AS REDES DE FUGA: AS CONEXÕES ANCESTRAIS E VIRTUAIS ENTRE MULHERES NEGRAS	62
4.1 A potencialidade das referências e ancestralidade na construção identitária	63
4.2 A educação não formal para a formação do eu negra: A medida que conectamos nos tornamos.....	78
5. III NAS POSTAGENS MULHERES NEGRAS INSTRUI O PROBLEMATIZAR A DEMOCRACIA DOS CORPOS	120
5.1 O uso das redes para fins democráticos.....	120
6 CONCLUSÃO	138
7 REFERÊNCIAS	140

INTRODUÇÃO

Povoada
Quem falou que eu ando só?
Nessa terra, nesse chão de meu Deus
Sou uma, mas não sou só
Povoada
Quem falou que eu ando só?
Tenho em mim mais de muitas
Sou uma, mas não sou só.
(Canção de Sued Nunes, 2:09)

Apresento a abertura deste trabalho, com versos curtos e potentes que lembram a ladainha para não serem esquecidos. Versos que marcam e reafirmam a corrente que interligam mulheres negras. Nós que somos únicas em singularidades (identidade, subjetividade), a mesma medida que é multiplicidade (identidade coletiva), uma, duas, varias, mais de muitas, uma mas não só. Mulheres negras são, estão e ocupam, a gente é terra que povoa. Somos identidades fluidas, porém marcadas e entrelaçadas a interseccionalidade¹ e dororidade².

Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que as nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentirmos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é porque apenas construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente. (HALL, 2001: 13)

¹ O conceito é abordado ao longo da escrita, no entanto a escrita da pesquisadora Viviane V. Simakawa (2015, p.29-30), sobre o mesmo apresenta rica contribuição para o entendimento prévio do conceito, ela apresenta que “O conceito de interseccionalidade é fundamental para a complexificação das análises sociais antinormativas e antiopressivas, tendo se originado eminentemente, como conceito analítico, a partir de aportes teóricos de feministas negras na avaliação de diversas instâncias em que dinâmicas sociais racistas e sexistas não puderam ser efetivamente compreendidas e enfrentadas a partir dos referenciais de ação política vigentes (seja dos movimentos ativistas ligados a questões raciais, seja dos ligados a questões de gênero). Pessoas mulheres e negras se encontravam em um entrelugar normativo complicado, algo que Crenshaw (1989, 139) (tradução nossa) – uma das primeiras autoras a pensar este conceito – aponta a partir do contexto jurídico estadunidense como “uma consequência problemática da tendência em se tratarem raça-etnia e gênero como categorias mutuamente exclusivas de experiência e análise”. Neste sentido é que pensar a centralidade de mulheres negras, por exemplo, permite “contrastar a multidimensionalidade da experiência de mulheres negras com a análise unidimensional que distorce estas experiências”.

² Essa é uma das palavras que traz um dos conceitos principais deste trabalho, é a palavra essência visto que o que busco discutir e denunciar a partir de minha escrita são nossas dores, como elas são desumanizadas diante de uma sociedade racista e sexista. E como a partir da percepção da não comoção das *outras* diante de nossas lágrimas nos fortalece, pois a partir da dor unimos (Mulheres negras criam seus quilombos, redes, pois mulheres negras, entendem as lágrimas de outras mulheres negras, são especificidades inscritas em nossas corpos, desde que se anuncia o sexo do feto) como meio de bom ori, de força e aconchego entre as irmãs.

Identities não são máscaras prontas e acabadas desde o nascimento. Enquanto vivas enfrentamos várias séries de mudanças nas concepções e formativas do *eu*, no entanto, essa eu mulheres negras desde a ocidentalização e diásporas de mulheres negras no colonial, se faz por caminhos tortuosos dos estereótipos e inferiorização de raça, classe e gênero. Todavia não significa nossa passividade ou parcialidade, mas sim sagacidade como expressa a psicóloga negra Jeane Tavares, a luta de mulheres feministas negras é conexão, é dororidade enraizada desde nossas ancestrais.

 saudementalpognegra

 2/3

importante e válido para uma sociedade melhor, tendo destaque em redes sociais ou não, estando na universidade ou não. Então, sigamos!

Estudantes, vocês são as flechas que envio para o futuro e são o orgulho da pró 🥰 vcs me tornam um ser humano melhor e são a melhor parte do meu trabalho;

Colegas, que honra lutar junto com vcs por uma ciencia e sociedade mais justa;

Seguidoras/es, que alegria ter vocês aqui ano após ano apoiando e divulgando o conteúdo desta página.

Para todas/os/es obrigada pelas trocas, aprendo muito com vocês ❤️, pelo carinho, pela confiança, pelo respeito e por compartilhar essa existência comigo.

👍 110

Curtido por ritaabreu1203 e outras pessoas
saudementalpognegra Final de 2023 e vim lembrar que...

Não estamos sós, muitos abriram caminhos para nós e seguiremos abrindo outros tantos para os que virão. Todos podemos produzir conhecimento importante e válido para uma sociedade melhor,

Obrigada Oya, minha mãe, pela proteção, força e sagacidade 🐝

Que venha 2024!

Imagens: [#Repost @sourceofknowledge](#)
Ver todos os comentários
22 de dezembro de 2023 · Ver tradução

Fonte: Instagram @saudementalpognegra.

O colonial se findou, porém, suas ideologias estendem-se à atualidade sob a colonialidade, o que por vezes atravessa as construções identitárias de meninas e mulheres negras sobre si, e como Jeane Tavares pontua no post acima, juntas, mulheres negras lutam por uma ciência e sociedade mais justa.

Dessarte, diante do pensar essa ciência e sociedade justas, onde a equidade seja direito estendido também a mulheres negras abordo no trabalho como discussão central a construção educativa identitária das mulheres e meninas negras para além das

formalidades institucionais, abordando-a no cenário virtual, meio este compreendido como espaço de educação não formal³.

Enquanto pesquisadora que analisa o meio virtual como caminho não formal de educação, percebo as possibilidades diversas de carências, de um fazer/falar consciente, porém, enquanto pesquisadora negra do meio educacional, evidentemente, na escrita desse trabalho adoto uma perspectiva política na pesquisa. Este texto é, para além de uma pesquisa netnográfica, um texto eminentemente político, em que certa perspectiva de mundo é defendida. Não há ilusão de neutralidade. Há um texto embebido nas experiências de uma menina/mulher negra fazendo-se pesquisadora que se atira no texto, nele escrevendo-se e inscrevendo-se. Desta maneira, apesar de reconhecer as carências ainda presentes nas falas e ensino/educação de influências virtuais, também destaco a problematização social existente nas hierarquias dos saberes e das grandes proporções de desigualdades sociais, que são barreiras no avançar de mulheres negras em diversas áreas como a educacional, profissional, financeira, romântica, emocional, entre outras.

Início o capítulo I inscrevendo-me no texto, percorrendo o eu subjetivo enquanto tornei-me e sigo tornando-me mulher negra e sobretudo uma negra pesquisadora, mesmo diante das tantas vozes que ecoam no desacreditar de minha e nossa intelectualidade e capacidade. Ainda proponho um breve levantamento sobre as relações de negras e negros com a educação no Brasil, perpasso nessa análise o Brasil colonial, imperial e por fim o Brasil República. Seguidamente aponto o espaço das redes sociais como meios de comunicação e informação capazes de somatizar positivamente o processo político e educacional de meninas e mulheres negras.

No capítulo II, apresento a metodologia de pesquisa utilizada nesta dissertação a qual adoto uma abordagem de pesquisa de análise netnográfica, onde o objetivo é realizar

³ Os espaços não formais de educação outras que impulsionam a tomada de voz, são caminhos possíveis para a redefinição potencializante da sujeita diante solidão e desafeto para com voz ativa e interrelações de apoio. Como percebemos no caso narrado pela senhora Clementina que através do rádio, soube do movimento sindical de trabalhadoras domésticas e ingressou no mesmo, para ver segundo ela “no que dava”. Ou seja, um meio para tentar romper com a solidão estrutural que carregava. Ela entrevistada por Ana Cláudia Pacheco, cita que no movimento (2008, p.94) “Quando Clementina se refere ao momento em que ingressou no Sindicato dos Trabalhadores Domésticos, elabora várias categorias de diferenciação entre a sua vida antes e depois de sua inserção no movimento social. Semelhantes às outras lideranças entrevistadas, a militância política possibilitou-lhe mudanças significativas em sua trajetória de vida. Um dos aspectos importantes observados, trata-se das redes de sociabilidade que construiu nesse espaço social. No seu relato, isso se explicita quando a informante faz menção ao lazer. Segundo ela, “antes do sindicato” não gozava de companhias para sair, conversar e se divertir. Durante as suas folgas (aos domingos) ficava ociosa e solitária. Após a descoberta do sindicato, seu leque de relações pessoais se ampliou, passando a se ocupar não só com as atividades, mas, também, com as festas. Dessa forma, Clementina quebra o seu isolamento social”.

uma pesquisa negro feminista no ambiente on-line, mais especificamente no *Instagram* e *Youtube*, lugares que estão fora do tido como padrão para a realização de uma educação de qualidade, porém, são espaços que podem ser compreendidos, como aqui faço, como espaços de aplicação de uma educação não formal.

No capítulo III é discutido a importância de se ter referências negras para a construção das identidades de meninas e mulheres negras, e como o saber sobre nossa ancestralidade potencializa esse processo que ganha força com o uso das redes sociais onde nós nos conectamos e empoderamos no compartilhamento de temas, saberes, discussões e informações.

No capítulo IV problematizo o espaço virtual das redes sociais para fins democráticos, questionando como o espaço pode também ser lugar do saber e de desconstrução do que por muito tempo a branquitude tratou como normalidade, e agora com voz e consciência de uma negritude feminina, democraticamente questionamos sobre a liberdade de nossas corpos no sentido de poder, estar e ser.

2- OS FEMINISMOS NEGROS E INSUBMISSOS RESISTEM: OPRESSÕES E VIOLÊNCIAS EM QUESTÃO.

2.1- O meu processo de tornar-me negra

O sistema educacional é usado como aparelhamento de controle nessa estrutura de discriminação cultural. Em todos os níveis do ensino brasileiro — elementar, secundário, universitário — o elenco das matérias ensinadas [...] constitui um ritual da formalidade e da ostentação da Europa e, mais recentemente, dos Estados Unidos. Se consciência é memória e futuro, quando e onde está a memória africana, parte inalienável da consciência brasileira? Onde e quando a história da África, o desenvolvimento de suas culturas e civilizações, as características do seu povo foram ou são ensinadas nas escolas brasileiras? Quando há alguma referência ao africano ou ao negro, é no sentido do afastamento e da alienação da identidade negra.⁴

O meio de educação formal, as escolas e demais instituições, podem ser espaços de liberdade e conhecimento. No entanto, os currículos e o ensino ao longo de décadas têm exercido um papel de conservação de opressões, de marginalização e de racismo⁵.

⁴ Abdias do Nascimento, *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*, p. 95.

⁵ Munanga (2004, p.24) conceitua racismo como: “O racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou

Flávio Santiago (2018) em sua pesquisa intitulada “Não é nenê, ela é preta, se vira sozinha! Um estudo etnográfico das intersecções entre as relações raciais e de gênero nas culturas infantis entre as crianças de 0-3 anos em creches”, apresenta a partir de uma escrita que denuncia a racialização e a maneira como crianças repetem as distinções sociais baseadas nas diferenças de raças e gênero nas escolas.

A partir do trabalho de Santiago cabe a discussão sobre os papéis de intersecções que são reproduzidos nas interações da comunidade escolar, desde as atitudes da professora que faz penteados na criança de cabelos não crespos, a maneira de tratar com maior fragilidade, ou não, baseado na raça. Somando-se a esses fatores já abordados, a questão das representações de figuras de belo e bom que são apresentadas as crianças⁶ e até a própria linguagem adotada pela comunidade escolar, interfere diretamente na construção do *eu* enquanto negra. Santiago observou e anotou em seu diário de campo que as crianças reproduzem essas ações de distinções em suas brincadeiras⁷ e cotidiano. As instituições de ensino e educação formal, mesmo nos anos iniciais como se compreende por Santiago, cria rótulos nas meninas negras (o “ela se vira sozinha” ecoa em tantas), a maioria das crianças negras nas escolas nos primeiros anos, são vistas como bagunceiras, indisciplinadas ou pouco inteligentes, e esses rótulos estendem-se até os anos finais, onde poucas ainda carregam autoestima suficiente para acreditar que são capazes de ingressar em um ensino superior (Assim ficamos de fora desses espaços de

seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo à qual ele pertence. De outro modo, o racismo é essa tendência que consiste em considerar que as características intelectuais e morais de um dado grupo, são consequências diretas de suas características físicas ou biológicas”

⁶ A questão racial, apontada também por Oliveira (2004) em sua dissertação “Um estudo sobre a creche: o que as práticas educativas produzem e revelam sobre a questão racial?” onde ela expõe a exclusão nas relações construídas pelas professoras com as crianças negras, o não cuidado e afeto expressos nos atos de aparição, e que maior parte do tempo, as crianças negras ficam “fora”. O não pertencer, o ser a corpos estranha a meninas negras é algo vivenciado desde a primeira infância, mesmo não sabendo definir o que é, sentimos, percebemos.

⁷ “As crianças pequenininhas estavam chegando na creche, eu estava perto da estante de brinquedos, enquanto as observava entrarem na sala e começarem a se organizar nos grupos de brincadeiras. Carolina (menina negra pequeninha) se aproxima de mim com uma boneca negra nos braços e me entrega, sem exitar pergunto para ela: - É a nenê? Vamos fazer ela dormir? Ela olha pra minha cara e diz: 8 - Não é nenê, ela é preta, se vira sozinha! Um pouco atônico com as palavras que a menina negra pequeninha havia me falado, peguei uma boneca não negra com formatos semelhantes àquela que Carolina havia me oferecido e perguntei: - O nenê? Carolina sorri e me diz: - Sim, é nenê! Faz ela dormir. Poucos segundos depois, ela viu a colega chegando e saiu correndo para abraçá-la, me deixando com este questionamento, as meninas negras pequenininhas não são nenê? O que representa ser uma menina negra? O que é ser uma nenê negra? (Fragmento diário de campo, abril de 2016)” (2018, p.7-8).

poder e de produção de conhecimento dito como científico, ficando as margens, servindo de mão de obra barata e objetos de estudos⁸).

A conceituação dos espaços de educação se dá da seguinte maneira para M. Lucia Bianconi e Francisco Caruso (p.20).

A educação formal pode ser resumida como aquela que está presente no ensino escolar institucionalizado, cronologicamente gradual e hierarquicamente estruturado, e a informal como aquela na qual qualquer pessoa adquire e acumula conhecimentos, através de experiência diária em casa, no trabalho e no lazer. A educação não-formal, porém, define-se como qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que, normalmente, se realiza fora dos quadros do sistema formal de ensino.

A educação formal, que é o ensino realizado nos ambientes formais de ensino como escolas, universidades, entre outras, exerce papel fundamental de grande relevância social. No entanto, esse dispositivo de ensino ainda necessita de um processo de redemocratização de acesso, visto que nem toda parcela da população é acolhida por uma inserção de qualidade na educação formal e conclusão da mesma. São diversos os fatores que contribuem para esse déficit de acesso, permanência, conclusão e continuidade. Perspectiva essa dissertada por Célia Ratusniak e Carla Clauber da Silva (2023) onde apontam diversas abordagens sobre a problemática de evasão escolar do sujeito negro, sobretudo da mulher negra.

[...] a evasão escolar esconde um processo de expulsão de determinadas populações da escola. Nos apoiamos em outras investigações que também têm examinado tal perspectiva. Brito (2006), pesquisando alunos negros, chamou de expulsão branda o resultado do desempenho acadêmico insuficiente, que é composto pelas reprovações e evasões que configuram o fracasso escolar. Bento (2011) também utiliza o conceito de expulsão em sua pesquisa com a população trans na escola, alertando para a limitação do termo evasão. Numa perspectiva semelhante, Oliveira Junior e Maio (2016) problematizam a expulsão compulsória de estudantes trans que aparece camuflada na evasão e no fracasso escolar. Esse conceito também é acionado por Ratusniak (2019), que identifica uma trajetória escolar marcada pelo fracasso escolar de alunos e alunas nomeados como em situação de evasão. Essa forma de expulsão é resultado das micro punições que punem o desempenho insuficiente, as sucessivas reprovações, o corpo que cresce e se destaca, a cor da pele, a estética corporal. São práticas múltiplas, finas, quase imperceptíveis, porém cotidianas. Nesse sentido, é a constância que lhes dá tanta força. Uma força tão grande que destrói a sensação de pertencimento ao espaço de aprendizagem. (p.4-5 grifos meus)

⁸ Como exposto no conjunto de textos, Por um feminismo afro-latino (Lélia Gonzalez, 2020, p.39) “O privilégio racial é uma característica marcante da sociedade brasileira, uma vez que o grupo branco é o grande beneficiário da exploração, especialmente da população negra. E não estamos nos referindo apenas ao capitalismo branco, mas também aos brancos sem propriedade dos meios de produção que recebem seus dividendos do racismo”.

Ademais, o não pertencimento, a negatividade sobre a negritude gerada pela exclusão e racismo, fragilidade financeira que ainda afeta majoritariamente a população negra⁹, estrutura familiar e mais como apresentado por Elisa Larkin Nascimento (1991); Danielle Almeida (2023) entre outras, apontam que são fragilidades que reverberam a evasão escolar de negras e negros dos ambientes escolares. Afirmção essa que se solidifica não apenas na análise de dados e leituras outras, mas se soma a observações sociais com base em minhas vivências, do núcleo familiar e de amigas.

Durante o terceiro ano do fundamental aconteceu a minha transferência da escola do campo para a da cidade, separada dos ex-colegas, agora em uma turma com rostos que até então eram desconhecidos. Por muitas vezes chorava por não conseguir fazer amizades e me sentir excluída[...]. No quarto ano, silenciosamente, implorava para que tudo fosse diferente, e infelizmente foi, só que não de um modo positivo, pois me vi em uma turma de alunos brancos e “ricos”. Me sentia fora de minha realidade, sofrendo bullying constante pelo cabelo, falas e sendo chamada de feia. Era uma boa aluna, sempre com notas excelentes, mas isso não me tornava destaque ou exemplo. Aos professores me sentia invisível. [...] Em um estágio trabalhei com turmas do primeiro a terceiros anos e os dois estudantes tidos como os piores do colégio, eram negros. Aos poucos me aproximei deles tentando entender quem eram e o porquê de apresentar descaso e rebeldia com os professores. Um deles apontou que a professora não gostava dele, pois era de acordo ele se nomeou, “burro” e o outro disse que apesar da pouca idade era o responsável por cuidar da avó que o criou e que morava em bairro muito “difícil”.(Almeida, 2023, p.38-39)

Em suma, ocupar o espaço escolar é um embate de poder e privilégios (O embate a rótulos que nos perseguem desde os primeiros anos escolares) com o racismo e exclusão camuflados no bullying¹⁰. Enquanto jovem negra vivenciei nesse espaço a

⁹ As pessoas pretas ou pardas representaram mais de 70,0% dos pobres e dos extremamente pobres. Essas desigualdades também se mantiveram nas taxas de pobreza e extrema pobreza: em 2022, 40,0% das pessoas de cor ou raça preta ou parda eram pobres, num patamar duas vezes superior à taxa da população branca (21%) e 7,7% delas eram extremamente pobres, mais que o dobro da taxa entre brancos (3,5%). Entre as mulheres pretas ou pardas, os percentuais foram ainda maiores, chegando a 41,3% de pobres e a 8,1% de extremamente pobres. O arranjo domiciliar formado por mulheres pretas ou pardas, sem cônjuge e com filhos menores de 14 anos também concentrou a maior incidência de pobreza: 72,2% dos moradores eram pobres e 22,6% eram extremamente pobres. [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38545-pobreza-cai-para-31-6-da-populacao-em-2022-apos-alcancar-36-7-em-2021#:~:text=Essas%20desigualdades%20tamb%C3%A9m%20se%20mantiveram,brancos%20\(3%2C5%25\)](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38545-pobreza-cai-para-31-6-da-populacao-em-2022-apos-alcancar-36-7-em-2021#:~:text=Essas%20desigualdades%20tamb%C3%A9m%20se%20mantiveram,brancos%20(3%2C5%25).). acesso em 17/07/2024

¹⁰ São diversos os casos de jovens vítimas de racismo no ambiente escolar, e ao examinar o cenário a constatação que o número de casos noticiados sequer beira a realidade é uma conclusão instantaneamente rápida. Mais recentemente a página @asnegasdoziriguidumoficial 21/03/2024 postou o caso da estudante de 12 anos de idade que na unidade escolar Hebe de Almeida Leite/SP foi pisoteada e chamada de ‘macaca’, ‘capacete de astronauta’ e ‘cabelo de bombril’ por alunos, de acordo notícias os agressores para além de pisotear, também jogaram terra e fezes de gato na garota. Esse não é um caso exclusivo ou isolado, se trata

interseccionalidade (mesmo antes de compreender o que era a mesma ou o racismo. Sabia que existia diferenças, mas não sabia nomeá-las), o que é transmitida e afincada nas hierarquias do ambiente formal de ensino¹¹ a qual experienciei a de raça, classe, gênero e território (chego a ficar embasbacada em me lembrar de algumas cenas no ambiente escolar durante a infância, pois estão em um tempo tão distante, porém vívidas, não como amargura, mas como marcas transcritas no *eu* e em minha negritude).

De mesma maneira que vivenciei o ensino como estudante negra, também pude ver outras vivenciarem, mas de um lugar de certo privilégio, pois estava no papel de professora, mas ainda no lugar de interseccionalidade, visto que nossa capacidade profissional sempre foi associada a força do trabalho braçal, ao branco que se atribui a intelectualidade¹².

A pesquisadora e autora Carla Akotirene, pesquisadora que convido ao meu texto é uma das intelectuais negras a qual me apoio para a referenciação teórica deste trabalho. Akotirene conceitua como interseccionalidade “a experiência do racismo, comungado com outras experiências presentes, discursivas politicamente, na vida das mulheres negras” (2019, p. 50). Ademais a conceituação de interseccionalidades de Carla Akotirene se inter cruzam as definições de identidades modernas de Stuart Hall, visto que ela aborda a interseccionalidade como experiências formadas pelas e nas “identidades”, enquanto Hall aponta que as identidades não são únicas, inatas e tampouco estáticas.

de um caso que recebeu destaque na mídia, mas quantas outras jovens sofrem injúrias raciais, racismo escancarado e sorrateiro no anonimato em suas escolas (Muitas até mesmo abandonam os estudos), locais de trabalho e entre outros espaços.

¹¹ Essas experiências interferem na construção identitária e relações afetivas até mesmo fora do espaço escolar. Ana Claudia Pacheco, 2008, p.94 aponta em seu trabalho de pesquisa essa análise das relações do espaço escolar refletido para além do mesmo “Em 1993, Clementina inicia-se no movimento sindical dos trabalhadores domésticos. Segundo seu depoimento, um dos motivos que a levou a ingressar no movimento social foi à falta de sociabilidade. Contou-me que aos domingos (dia da folga das trabalhadoras domésticas) ficava em “casa”, sozinha (casa dos patrões) ou, então, para preencher a solidão, fazia as tarefas da escola, pois sua rede de relações de amizade era estreita. Em função disso, passava um grande período de sua vida no trabalho e na escola. Na escola, tinha dificuldades em se aproximar dos colegas devido à sua timidez e às péssimas condições de ensino das escolas públicas nas quais estudara. A não permanência em uma mesma escola (passou por várias, vide trajetória educacional) poderia ser um dos fatores que a impediu de construir redes de sociabilidade nesses espaços”.

¹² nas décadas de 1970/1980 era comum tentar justificar a forma de inserção em cargos e ocupações mais precárias com a baixa escolaridade, e que essas distensões salariais iriam se reduzir acentuadamente, mas a população jovem, especialmente a partir dos anos 2000, ampliou seu nível de escolaridade, tanto entre os brancos, como os negros, com ensino médio e superior completos, mas para os negros pouca coisa mudou por causa do racismo. De acordo com a economista, em relação às mulheres, é comum a empregada doméstica ter curso superior e ter trabalhado antes no comércio e serviços, mas na fila do desemprego e nas crises, o empregador vai lá e escolhe o homem branco, acreditando que ele é mais eficiente do que elas. (ROCHA, 2021).

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo "imaginário" ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre "em processo", sempre "sendo formada"¹³.

Dessa maneira marcada pela interseccionalidade e vários atravessamentos do *eu* em contínuo processo de formação me apresento: sou mulher negra, alta, rosto redondo, cabelos curtos e crespos, nascida e criada em zona rural, filha de trabalhadores rurais, pai e mãe não alfabetizados. Sou uma mulher cheia de manias, uma delas é sempre que chego em um espaço ou navego na internet, meus olhos sempre correm em busca de outra negra, a procura da representação.

Reconheço que ainda sou uma preta no desenvolvimento da voz, isso porque antes sempre me escondi, abafando a voz por medo de não ser e saber o suficiente para falar e ser ouvida, medo dos olhares racistas que muitas das vezes me trouxeram desconforto de estar possivelmente ocupando o lugar errado, medo da violência que se mostra não apenas de maneira física e brusca, mas também nas sutilezas. Em um vídeo em sua página do *Instagram*, Akotirene realiza uma reflexão voltada ao pensar sobre essas marcas que parecem amarras em nossas vidas¹⁴.



Fonte: Instagram @carlaakotirene.

¹³ HALL, Stuart, 1932-2014. A identidade cultural na pós-modernidade. Stuar Hall; tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. ISBN 978-85-8316-007-6 Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

¹⁴ Aqui apresento o vídeo citado e trago também o print do mesmo, pois nossos pontos de vida para além de serem relatados, eles nos marcam, ele é nossa subjetividade, é o caminhar único de Carla Akotirene, mas também é uma identidade coletiva que se conecta a partir da dororidade as histórias de tantas outras mulheres e meninas negras. Vídeo disponível em https://www.instagram.com/reel/C8_9oiWOc2F/?igsh=MXNwd2FhMGdvOG9peA== acesso 18/08/2024.

Na imagem que representa o vídeo supracitado, Akotirene, traz uma fala que compõe sua singularidade, sua subjetividade enquanto sujeita negra única, crítica e pensante, porém também expressa a dororidade, pois perpassa a tantas outras acadêmicas negras que por momentos aparecem no decorrer da dissertação e outras as quais seus nomes ainda não foram ou são citados em trabalhos de pesquisas, porém ao falar de feminismo de mulheres negras, também falamos delas pois o feminismo negro é esse lugar de voz, reinvidicações, acolhimento, coletividade e embate. Carla Akotirene expõe que:

Eu já falei isso nas redes sociais, que a minha dificuldade inclusive de terminar o meu doutorado aos 41 anos se deve muito a essa marca no DNA ancestral, que diz que a gente não sabe ler direito, não sabe escrever direito, que a gente não tem inteligência e talvez eu ainda me sinta mobilizada por essas vozes do racismo e do colonialismo que desautorizam a minha inteligência.

Diante do apresentado pela intelectual, me vejo eu essa mulher negra ainda em formação que está professora, e nessa função diversas vezes me vejo nas jovens estudantes negras, sinto em muitas jovens meninas negras que somos desestimuladas a falar, a se mostrar, confiar em nossas capacidades e potencialidade, os rótulos e vozes do racismo nos perseguem. Ao afirmar que essa experiência é coletiva mergulho em Bárbara Carine, que conta em sua rede social *Instagram* e seu livro “*Querido estudante negro*”, como somos enquanto mulheres negras, desautorizadas de nossa inteligência, me volto para a palestra de Preta Rara, para o TED¹⁵, onde ela comenta também no *Instagram* que na época, por medo da “fala errada” quase desistiu de falar, de se apresentar como pensadora. Isso a qual ela denominou de “fala errada”, nada mais é do que a desautorização de nossa intelectualidade a partir das vozes do racismo.

Essa exposição da ferida é significativa para nós acadêmicas que estamos dando as primeiras balbuciadas do outro lado dos muros. Perceber essa dororidade (que é um caminho que as irmãs já percorreram) é simbólico, pois muitas das vezes essas vozes da colonialidade e do racismo nos inscrevem que somos impostoras, mas a partir da irmandade, do saber que é ancestral e coletivo percebemos que não somos corpos¹⁶

¹⁵link da palestra da escritora e rapper, formada em História @pretararaoficial https://youtu.be/d_n-z3s8Lo?si=CTrfYxheZCZskoSw.

¹⁶ Para trabalhar o texto de maneira desestruturante e negro feminista optei por usar a denominação corpos no feminino para falar de mulheres negras, ao invés de corpos no masculino, pois a palavra, assim como a língua são atos políticos.

estranhas¹⁷, e sim, que é o agir da ferramenta do senhor exercendo seu papel, colocando em nós as máscaras de ferro que nos silencia e desautorizam nossa inteligência.

Desta maneira percebo que de modo dominador a fala a nós foi colocada como “estranha”, nossas corpas são estranhas aos olhos delas cis-temas de branquitude, então nos inflige os silêncios e o medo. O receio pela punição e de não ser ouvida em muito me privou da fala, de soltar o que era e ainda se prende aos vocais, mas como cita Audre Lorde, devemos falar mesmo com medo, visto que os silenciamentos não são nossos, pois sabemos que para a negritude ancestral a palavra é poderosa. Evidentemente nessa afirmativa sobre a voz entalada, muda na garganta sou e somos uma, mas não só.¹⁸ Os silêncios para nós são muito caros.

A partir das escritas de Grada Kilomba (2019); bell hooks (2013); (2019), Lélia González (1984) entre outras, percebo que a fala a nós sempre é um ato de rebeldia, e busco, a partir da fala, da escrita e publicação, tomar para mim como um direito nato, mesmo com todas carências que carrego. Essas que se dão em mulheres negras não por um acaso, mas devido às estruturas de dominação macho brancocêntrica, as quais renego com ousadia a partir da fala e escrita, buscando estabelecer conexões com outras negras falantes ativas e silenciadas que lutam a seus modos para tomar a voz, a fala, a partir das aprendizagens com as irmãs que publicam e postam nas redes, insubmissas, “criadoras de casos”. Me marco e reafirmo através da fala e da escrita em busca do que bell hooks (2019, p.55) nomeia de voz da liberdade¹⁹. Me afirmo e reafirmo o eu que sou uma, mas não só. Como canta a saudosa Gal Costa (3:16):²⁰

Sou filha de todas as vozes
Que vieram antes
Sou mãe de todas as vozes
Que virão depois.

E nesse lugar de mãe me marco e instauro, afirmo e reafirmo meu ponto de vida²¹, sigo buscando ser quiçá um dia inspiração. No lugar de filha sigo aprendendo, aprendo

¹⁷ Essa definição é usada por hooks (2013), e ao longo do texto irei aborda-la de maneira mais aprofundada.

¹⁸ bell hooks 2019, p.55 aponta que “É importante para aqueles que permanecem em solidariedade conosco compreender que encontrar uma voz é uma parte essencial da luta libertadora- um ponto de partida necessário para o oprimido, e explorado -, uma mudança em direção à liberdade.

¹⁹ A voz da liberdade é a voz que incomoda, que carrega uma reflexão crítica com bases contra a dominação estabelecidas.

²⁰ Mãe de Todas Vozes https://www.youtube.com/watch?v=Ms004m_yJ-o acesso 29/01/2024.

²¹ Logo adiante o conceito será abordado a todas as leitoras, não digo explicado pois como cita Vilma Piedade (2017) conceitos são inacabados.

com as grandes pensadoras, escritoras e guerreiras negras que já percorreram esse caminho que busco trilhar, nesse lugar de filha me autodenomino em minha mãe, Marlene Francisca Lima Almeida, mulher negra de zona rural, órfã de mãe desde os seis anos de idade, criada por sua irmã mais velha em meio a um cenário de necessidades onde desde os sete anos de idade trabalhava na roça, obrigada a abandonar os estudos para trabalhar na colheita do algodão e cuidar das crianças mais novas, sou Marlene que ainda hoje carrega o sonho de aprender, porém abafado em meio a vergonha do não saber.

Sou minha avó Altamira Francisca Lima, que fugindo da fome e seca da cidade da Chapada Diamantina juntamente com seus pais, duas irmãs e dois irmãos fixaram-se em Candiba-Ba²², lugar onde se casou e exercia dedicação exclusiva a seu esposo Manoel Francisco dos Santos, aos seus 16 filhos e ao trabalho braçal. Porém, devido à falta de cuidados, acesso e informação, morreu jovem por complicações pós parto.

Sou minha irmã, Dandara Lima Almeida, de três anos de idade, pequenina em processo de formação, mas a qual desde cedo já busco apresentar meios de ser uma criança preta empoderada, que não abaixa a cabeça diante das injúrias raciais e racismo. Sou diversas outras familiares, irmãs, tias, vizinhas, negras distantes, próximas, ancestrais e que virão. Sou a acadêmica que briga por respeito, porém sem dúvidas também ainda sou a menina preta da roça, que teve os primeiros contatos de auto aceitação e afirmação identitária em vídeos que ensinavam a cuidar de meus cabelos sem alisá-los e assim aos poucos deixou de lado aquele velho sonho dos fios longos e lisos.

O cabelo para a mulher negra não é apenas questão estética, mas também identidade²³, e como será apresentado na análise do capítulo seguinte, é a partir dele que geralmente, para a negra, vem o primeiro “grito” de liberdade e reconhecimento de sua própria negritude, a força que surge e vem da raiz dos fios como é possível sentir através dos versos do poema “Preta” da poetisa Andra, mulher negra, poetisa do sul da Bahia.

Hoje eu acordei mais Preta
Pus o turbante na cabeça

²² Candiba se formou a partir de um mucambo. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Candiba> acesso 29/01/2024

²³ As @negasdoziriguidumoficial postaram em sua página do Instagram no dia 07 de junho de 2022 o questionamento “Ei, preto! Com quantos anos você assumiu seu cabelo?” O post conta com 1.017 comentários. Ao analisar os comentários, observei que esse assumir o cabelo black se dá principalmente na faixa etária entre os 18 a 35 anos, onde muitas colocam a dificuldade de usar os cabelos naturais devido comentários dolorosos sobre o mesmo, o que faz com que não se sintam bonitas. <https://www.instagram.com/p/Cehw5FfOqW/?igsh=NXR6MGV1bTJ0ODhi>. Essa ação que associa tudo que é naturalmente nosso é um mecanismo de dominação que não encontro palavras para definir o quão cruel é, pois ele age em nossas copas, em características naturais de nossa raça. Afirma que o nosso natural é ruim, é feio, e que para chegar próximo a beleza é preciso assemelhar-se a eles, a traços da raça branca.

Forjadas na amarração aprendida recentemente e sai pela rua inocente,
descrente
Uma Preta empoderada mete medo em muita gente.
São tão bonitas minhas tranças, mas me chamam de exótica, a cena fica caótica.
Hoje eu acordei tão Preta que arranquei dos curiosos olhares, se eu tivesse
nascido em outro tempo me chamariam de ousada
Hoje eu sou mais uma ousada que não se limita ao alisamento e que prefere o
afrontamento.
Hoje eu acordei chamativa minha gata
Passei no meio da multidão e um grupo me mirou na cara, não sei se foi meu
coque bem amarrado ou meu tom de marrom estampado, eu sei que me
olharam.
Mas esse olhar de estranhamento não me deu constrangimento, lancei meu
rosto ereto. Porque cabeça feliz não se abala
Passei com minhas tranças na sua cara
Hoje nem o seu "Oh morena, me abala".

Nesse sentido, o cabelo é um dos fios de conexão e ligação das negras de hoje e nossas ancestrais, o cabelo imprime cicatrizes na mesma proporção que ecoa força. As cicatrizes do pós abolição e cenas de injúrias raciais e racismo escancaradas em diversos momentos de nossas vidas, tanto lá atrás no pós abolição onde as práticas de embranquecimento e tentativas de clarear a negritude foram fortemente adotadas, tais como as de hoje onde jovens como Thaysa são ridicularizadas e vivenciam a grotesca dor da solidão da mulher negra, a solidão do desafeto e de ser constantemente a preterida.

Thaysa, jovem de 15 anos, viralizou em 2021 por ser feita de chacota por amigas que a zombavam por ela ser rejeitada pelo garoto que gostava devido a seu cabelo crespo²⁴. Bittencourt (2022, p.66) aborda que:

Durante o período de escravidão, as características físicas de africanos e africanas foram marginalizadas pelos senhores brancos. [...] O cabelo crespo torna-se nessa época a mais potente marca da servidão”. Dessa forma o cabelo crespo, estigmatizado para justificar a subordinação de pessoas negras nesse momento da história, transformou-se, como Grada escreve, em símbolo de “primitividade”, desordem e não-civilização.

A partir dos comentários é perceptível as diversas cicatrizes e cenas em comum que interligam negras de todos os espaços do Brasil e mundo, que compartilham experiências de racismo e abandono devido a seus traços fenóticos, sobretudo os cabelos. Elas nos relatos que são muitos e sobre elas nos comentários se percebe as conexões, afetos e sobretudo a dororidade entre meninas e mulheres negras, que relatam suas dores a mesma medida que se acolhem, nós singulares, mas unidas pela dor e necessidade

²⁴ Menina humilhada por amigas por conta do seu cabelo ganha tratamento capilar <https://www.youtube.com/watch?v=YwniVjh4jBc>

corriqueira de sermos fortes, pois a tal feminilidade, fragilidade e cuidado é lançada constantemente como já gritou Sojourner Truth (1851) é reservada a mulheres brancas.

Em síntese Raul Giovanni Lody (2004) aborda em seu trabalho de pesquisa os cabelos como forma de memórias de identidade de grupos sociais. Da mesma maneira, Victoria Santa Cruz em seu poema “Me gritaram negra”²⁵ aponta o processo de construção de uma identidade negra, primeiramente a partir da dor pejorativa dos estereótipos, e posteriormente, após o grito de liberdade e identificação “NEGRA SIM!”, uma negra empoderado, que se reconhece e exalta a negritude, os lábios grossos, a pele azeviche, os cabelos naturais. Como Raul Lody (2004) aponta os cabelos são memórias de identidade, e no poema se é possível perceber que é a primeira modificação da poetisa em seu eu em meio a pejoratividade, e também a primeira característica a ser reconhecida e dignificar no processo de auto afirmação e identidade como mulher negra “De hoje em diante não quero alisar meus cabelos! -Não quero!”

Ademais, sou o brado de Victória Santa Cruz, sou as vozes das várias em meio ao eco da voz de minha mãe dizendo para estudar, pois, segundo ela trabalhadora rural até os dias de hoje, “o trabalho da roça não dá nada a ninguém, se trabalha apenas para sobreviver com o mínimo”, assim sou a necessidade de honrá-la e fazer/proporcionar mais do que se naturalizou por séculos como coisa de e para preta. Devido a isso sempre que penso em parar a ouço dizendo “Estude, isso ninguém vai te tomar” e me lembro de suas mãos que sequer resta espaço para tantos calos, lembro de seu rosto com manchinhas marrons das queimaduras do sol, e seus olhos vermelhos da quentura diária da lida. Sou, somos nossa sina de preta como cito em poema autoral publicado pelo projeto “Mulheres que escrevem emoções em poesia”.

SINA DE PRETA FRANCISCA: NÃO DEIXAR A TINTA DA CANETA E O SUOR SECAR.

Minha preta e sua sina.

Sem brincadeiras, minha menina.

Sempre bailando nas estradas da lida, nas batidas de sua enxada despertando até o sol.

O brilho de seu suor sobre a luz reluz. E todas as pretas sentem a dor de cada gota do racismo que sobre ele se produz.

A primeira a despertar Minha Francisca mesmo assim é a última a se deitar.

Carrega a sina de preta.

Em toda sua vida mãe Bá, adulta pequena sempre dos outros e não de si se empenha a dedicar.

Naturalizou ser a preta guerreira, que mal permite se sentar.

Sua pele já marcada do sol, seus olhos vermelhos de suor e calor são as marcas que a vida lhe deixou.

²⁵Me gritaram negra <https://www.youtube.com/watch?v=g52jzCTUKXA>

Em sua história em todas as cenas carrega um objeto à mão, como toda retratação de preta sempre exerce uma função.
O afeto lhe pareceu estranho, pois seu corpo foi entendido como ferramenta de ganho. Cresceu analfabeta já que o tempo na lida não lhe permitiu estudar.
Foi para o Iuiú trabalhar na plantação
Trabalhava na cozinha e na cata do algodão.
Preta, preta, preta, pariu outra preta.
A sina de preta ao seu pequeno feto a fez rememorar.
Não aceitou tal sina e todas as oportunidades à sua preta cria que pode, se dedicou a proporcionar.
Preta, preta, preta, minha cria preta vai estudar.
Mal sabia pegar no lápis, mas decorou as falas para sua cria preta ensinar.
Engoliu sua dor e esmagou o coração pra bater de frente com o racismo e nossa marginalização.
Minha Francisca preta, não posso dizer que você venceu.
Fez sua vida com as zero oportunidades que o sistema hierárquico branco te ofereceu. Mas saiba, preta, que ao menos as engrenagens dessa dominação você estremeceu, graças a você um pontinho preto na faculdade se estabeleceu.
A sina de preta é guerrear. Ser preta forte, com ou sem estudar.
Minha preta mãe fez o cabo da enxada suar, pra que com a tinta da caneta por nossa sina preta eu venha a lutar.
Mãe preta, preta, preta (Grito) vou fazer essa caneta sangrar.
(Almeida, 2022, p.81-82)

À proporção que discuto e analiso quem sou, surge a percepção da importância de meios de educação outras, como o de educação não formal, pois infelizmente ainda hoje o meio de educação formal ainda poda e exclui *outras*, as quais que não sabem, que apresentam carências, realidades plurais, a vergonha do não saber e a falta de estímulos as fazem desistir. Visto que muitas são as causas que afastam negras do espaço formal de educação, cabe destacar que em contrapartida através dos espaços fora das paredes escolares e agora sobretudo nas telas de celulares, computadores e outros aparelhos tecnológicos, é por meio da *internet* que muitas jovens, meninas e mulheres negras têm acesso a questionamentos e debates sobre igualdade de raça, gênero, direitos e combate ao racismo, sexismo e machismo.

2.2- Uma breve contextualização das relações das negras e negros com a educação no Brasil

O Brasil é um país estruturalmente racista e, nesse cenário, não há como fugir do racismo na escola. Como já dialogamos aqui, a escola é um complexo social gestado no interior de uma sociedade, que carrega as marcas estruturais dela. Isso não significa que, como a escola reproduz racismo, não há nada a ser feito. Muito pelo contrário: sendo a escola um espaço de reprodução dessas estruturas de opressão, precisamos pensar em mecanismos de superação dessas mazelas também, principalmente por meio do sistema de educação formal. (Bárbara Pinheiro, 2023, p.67).

Evidentemente as escolas são espaços de aprendizagens e transformações sociais, não podemos negar seu grande papel enquanto instituição formadora de sujeitos, assim é

importante destacar que ao questionar as escolas, a grande problemática é o que se faz das escolas. Se elas servem como meio de ensino que promove o racismo, também podem servir para aplicar o pensamento de Nelson Mandela, que diz que ao invés de ensinar a odiar o outro pela cor da pele, pela origem, também podemos passar a ensinar a amar.

Dado que os espaços acadêmicos foram e ainda são tidos como espaço de dominação e privilégios²⁶, se faz necessário reconhecer os discursos outros, de outros locais de conhecimento, visto que por séculos nós negras não pudemos ou acessamos de maneira limitada esses espaços onde não podíamos falar ou escrever por nós mesmas, onde era preciso a voz do branco para legitimar nossas ideias, pesquisas, vivências e saberes como problematiza bell hooks (2019, p.101) “houve um tempo em que nós, pessoas negras, precisávamos que outras pessoas falassem por nós porque não podíamos sempre falar por nós mesmas”.

Enegrecer os espaços acadêmicos é uma importante estratégia antirracista. Pessoas negras não são obrigadas a falar sobre negritude na academia, mas a presença delas ali já gera um ambiente representativo e diverso - isso é importante e saudável para o desenvolvimento do pensamento. (Bárbara Pinheiro, 2023, p.84)

O acesso ao ensino formal básico e superior ainda hoje para a população negra, sobretudo mulheres negras, se dá de maneira precária, visto que questões de raça, classe e gênero nos atravessam como barreiras não apenas de acesso, mas de permanência²⁷. Enegrecer as academias é uma caminhada valiosa, tendo consciência que são espaços elitizados, nossa presença marca o enegrecimento físico e quiçá curricular do ambiente. Como percebe e acusa Bárbara Carine Pinheiro (2023b, p.118):

Eu penso o quanto a pós-graduação no Brasil é pensada como um não lugar para pessoas negras e pobres: em primeiro lugar, temos que saber que ela existe; em segundo, que é possível que pessoas como nós a acessem; em terceiro, que precisamos passar em uma seleção para esses lugares; depois, precisamos nos manter subjetiva e objetivamente ali; precisamos de outros idiomas para a leitura de textos que não necessariamente falam com a gente; e, acima de tudo, esperam que priorizemos a pesquisa e a escrita frente às nossas necessidades de sobrevivência, imediata... Definitivamente não foi pensado para nós, e segue sem o mínimo interesse de se tornar um espaço que preze por equidade.

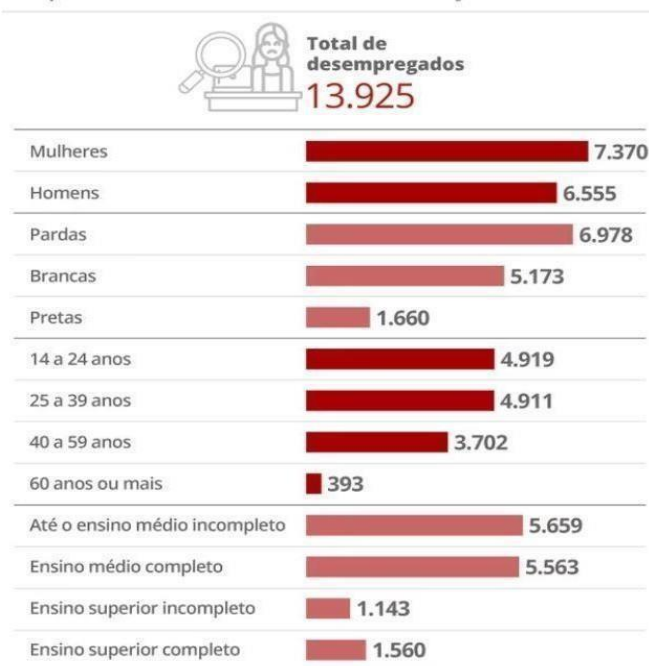
²⁶ Discussão essa que será abordada nas páginas seguintes.

²⁷ Segundo dados lançados pelo IBGE 22/03/2024; País tinha 9,3 milhões de analfabetos em 2023, o equivalente a 5,4% da população, afirma IBGE... -noticia completa em <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2024/03/22/pais-tinha-93-milhoes-de-analfabetos-em-2023-o-equivalente-a-54-da-populacao-afirma-ibge.htm?cmpid=copiaecola>.

Assim com corpas intrusas e condições desfavoráveis muitas acabam por desistir das escolas, universidades e educação formal em geral, o que vem a ser mais um benefício para o cis-tema branco hierárquico. Afirmativa essa exemplificada pela fala de Aline Santos, mulher negra entrevistada pelo G1 em 2021 “Eu estudei até a 5ª série, e hoje eu acho que é o que falta... é falta de estudo também, porque se eu não tenho estudo, eu não consigo um emprego melhor”. A educação formal se constitui como barreira social e econômica como é possível analisar no gráfico abaixo desenvolvido pelo G1 com base no IBGE 2021 e reportagem da Agência Brasil 2023.

Perfil dos desempregados no Brasil em 2020

Maioria era mulher, jovem, preta ou parda e com baixo nível de instrução



Fonte: IBGE



Infográfico elaborado em: 10/03/2021

Dados do IBGE mostram o retrato do desemprego no país em 2020 — Foto: Anderson Cattai/G1

O mercado de trabalho ainda é espaço de reprodução da desigualdade racial, não apenas a inserção, mas as possibilidades de ascensão são desiguais para a população negra. A análise é do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), entidade criada e mantida pelo movimento sindical brasileiro. (Repórter da Agência Brasil - São Paulo, 21/11/2023)²⁸

²⁸ Matéria completa no site: <https://agenciabrasil.abc.com.br/economia/noticia/2023-11/mercado-de-trabalho-reproduz-desigualdade-racial-aponta-dieese>

Haja vista que essas barreiras foram levantadas e recorrentemente têm sido firmadas pela lógica da ordem dominante branco patriarcal, como cita Luiz Alberto Gonçalves e Petronilha Beatriz Silva, desde o século XX:

A escolarização, entre os homens negros nascidos no início do século XX, quando ocorreu, foi, em sua maioria, na idade adulta (Silva, 1987, p. 12). Já as mulheres eram encaminhadas a orfanatos, onde recebiam preparo para trabalhar como empregada doméstica ou como costureira. Famílias abastadas as adotavam, quando adolescentes, como filhas de criação, o que de fato significava empregadas domésticas não remuneradas (idem). Este fato acabou, de certa forma, estigmatizando o lugar da mulher negra no mercado de trabalho. (Gonçalves; Silva, 2000, p.139-140).

Neste sentido, ocupar estes espaços de educação formal, que são tidos como espaços de poder, é uma oportunidade de representação e emancipação da raça, classe e gênero, que sob a norma homogênea de/para a dominação ocupamos de modo singelo. Visto que os objetivos dos negros no colonial até a atualidade foi e é sobreviver ao abandono e exploração dos corpos, primeiramente ao sistema escravocrata, segundo a nova forma de dominação e exploração dos mesmos, que se dá a partir do capitalismo e da macropolítica ou como dialoga pela conceituação dos autores e autora (Deleuze; Guattari, 1996; Guattari; Rolnik, 2013), macropolíticas políticas “Compõe o nível das diferenças sociais mais amplas e são determinados, pré determinados socialmente e sobre codificados pelo Estado. Funcionam como sistema homogêneo e constante política majoritária”.

No entanto, dentro desse processo de sobrevivência sempre à transgressão, mulheres negras a partir de suas ações e movimentos no mundo não virtual e virtual transgridem os sistemas, como fugas das normas e codificações. Deste modo essa transgressão pode ser entendida de acordo com a conceituação de Deleuze e Guattari que diz: “do ponto de vista da micropolítica, uma sociedade se define por suas linhas de fuga, que são moleculares. Sempre vaza ou foge alguma coisa, que escapa às organizações binárias, ao aparelho de ressonância, à máquina de sobrecodificação [...]” (Deleuze; Guattari, 1996, p.86). Na educação como aborda o conceito de Hooks esse vazar se caracteriza nas transgressões ao sistema (2013).

Todavia, o meio de educação formal se exprime inicialmente como uma maneira de exclusão da negritude, visto que o Brasil deixou de ser colônia de Portugal em 1824²⁹, quando D. Pedro I lançou o decreto que torna a educação pública e gratuita, proibindo a presença de pessoas negras nos espaços. Porém, à proporção que havia esses atos de opressão é pertinente destacar que também havia resistências e experiências com o ensino e educação fora dos espaços escolares. Transgressões, linhas de fuga que se davam também a partir dos ensinamentos informais e não formais. A vivência negra nos períodos coloniais é muito ampla, as relações eram diversas e complexas que permitia que a educação fosse transmitida e ensinada entre eles também fora dos espaços escolares, transmissões múltiplas de saberes e conhecimentos para além do espaço do teto escolar.

Os trabalhos sobre educação de negros no século XIX constatarem as dificuldades, empecilhos e restrições à presença negra na escola, baseadas nos costumes, na cultura, e também na legislação, mesmo quando a lei vedava a instrução aos escravos e não a qualquer outra categoria de origem negra. Tendo consciência dos limites de um trabalho panorâmico, nosso objetivo foi uma mirada geral, comparativa. Não tomamos a legislação como totalidade das relações. Se instituiu práticas, a lei também é resultado de processos, de disputas e conflitos. É burlada, alterada e descumprida – seja quando permite, seja quando proíbe. A obrigação de escolarizar os indígenas no Paraná, por exemplo, não significa que todos os indígenas daquela província tiveram acesso à escola, como a proibição de matrícula não excluiu todos os escravizados em todos os períodos e regiões do processo de escolarização – episódios que vêm sendo investigados por muitos pesquisadores. Além disso, durante o século XIX, uma gama de possibilidades convivia e disputava com a escola pública a hegemonia da formação dos sujeitos que se desejava educar – escolas particulares, por exemplo (VIDAL; FARIA FILHO, 2000, p. 21). Vale salientar que a legislação disponível versa sobre a escola pública, deixando de fora outros modelos educativos. (Barros, 2016, p.603).

Eventualmente a negritude produz conhecimentos e ensina fora das instituições, se percebe uma cultura voltada aos ensinamentos dos mais velhos aos mais jovens. Essa cultura pode ser relacionada ao provérbio africano de valorização dos conhecimentos ancestrais, sabedoria e experiências dos mais velhos que diz “Em África quando morre um ancião arde uma biblioteca, desaparece uma biblioteca inteira sem que chamados acabem com o papel”. A educação não formal sempre esteve presente no meio educacional com nomenclaturas diversas de existir, como aponta a citação a seguir:

²⁹ Lei que proibia a presença negra nas escolas “Ato 2 - LEI COMPLEMENTAR À CONSTITUIÇÃO DE 1824, referente à educação, recebe o seguinte adendo: ‘... pela legislação do império os negros não podiam frequentar escolas, pois eram considerados doentes de moléstias contagiosas’.

[...] as ações formativas desenvolvidas no campo da educação não formal já aconteciam desde antes de a terminologia ser cunhada. Os relatórios da UNESCO tratavam de experiências educacionais chamando-as, nos anos de 1950, de desenvolvimento comunitário, de educação comunitária, de educação rural e de educação no campo; no período de ditadura, nos anos de 1970, chamando-as de letramento funcional, de educação popular e de educação de jovens e adultos, até serem denominadas por educação não formal, ganhando notoriedade e destaque mesmo não sendo algo exatamente novo (Radcliffe; Colletta, 1985 in Fernandes; Garcia, 2019, p.503).

Logo é perceptível a amplitude e complexidade das formas de conhecimento, ensinar e aprender da população em virtude das abundantes demandas sociais e culturais no cenário educacional. Devido a essa abundância é primordial se alertar ao que bell hooks (2013) aponta em seus trabalhos sobre a necessidade do cuidado, da não hierarquização dos saberes, produções teóricas e teoria, ou seja, a necessidade de valorizar e reconhecer também os saberes que são denominados dentro da própria academia como empíricos. Saberes que muitas das vezes até mesmo fogem da conceituação científica acadêmica, pois essa pode não fazer sentido ao sujeito em ação.

Além de que muitas das vezes o próprio Estado busca se desvincular, tirando de si a obrigação de atender as demandas das classes populares marginalizadas, da mesma maneira que pratica o ato de deixar morrer denominado por Mbembe de necropolítica³⁰. O Estado exerce a ação de fingir não ver, e dá permissão silenciosa para o prolongar das lacunas e faltas que promovem as carências existentes no acesso, inclusão, permanência e progressão profissional e social dos grupos às margens³¹.

Percebe-se como o Estado brasileiro, em consonância com o projeto neoliberal, foi se desresponsabilizando de assumir para si a tarefa da educação das classes populares, tanto em ações e projetos no campo da educação formal (que se caracteriza pela ampliação do acesso, mas não de garantia da qualidade como) no campo da educação não formal, caracterizando-se pelo repasse de

³⁰ As formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte (necropolítica) reconfiguram profundamente as relações entre resistência, sacrifício e terror. A noção de biopoder é insuficiente para explicar as formas contemporâneas de subjugação da vida ao poder da morte. (Mbembe, 2015, p.146, grifos meus).

³¹ Diante dessa passagem as falas da autora negra e favelada, como ela mesma se definia, Carolina Maria de Jesus, elucida em sua escrita esse lugar de margem, de falta e fome (a nossa fome aqui enquanto mulheres negras e comunidade negra é de humanidade, dignidade para *ser* ou *vir a ser*), quando cita (2007, p.55) que “Não mais se vê os corvos voando às margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituem os corvos”. Diante dessa passagem reflito, o que é nosso? e o que é de nós do não branco, das mulheres negras base de exploração e opressão social se como Carolina em seu livro diversas vezes repete “enfim, o mundo é como o branco quer” (JESUS, 2007, p. 71).

verbas ao terceiro setor por meio de programas, projetos e atendimento a editais. (Fernandes; Garcia, 2019, p.504)

Porquanto, não por um acaso, se percebe essa desvinculação somando-se como barreira limitante de acesso a determinados espaços e postos sociais, dado esse que se mostra em ativa, tanto durante o período de adoção do conceito, como se ver a partir de pesquisas da época, como a da pesquisadora Inaiá Maria Moreira de Carvalho³², que mostra a intencionalidade da desresponsabilização do Estado voltado a questões econômicas, tanto de investimento, quanto de qualificação de mão de obra, visto que mão de obra não qualificada formalmente simbolizava (simboliza ainda hoje) mão de obra mais barata.

Por séculos de racismo e discriminação, os saberes negros se passavam fora das instituições acadêmicas e espaço de prestígio. Bem como tudo que constituiu o ser negro passou por um processo de descrédito e demonização na qual era necessário sempre comprovações científicas. Munanga (2020, p.26) cita que “na simbologia de cores da civilização europeia, a cor preta representa uma mancha moral e física, a morte e a corrupção, enquanto a branca remete à vida e à pureza”.

Com os saberes negros demonizados e culturalmente inferiorizados para melhorar as táticas de sobrevivência buscou-se adaptar aos saberes dos colonizadores, porém essa adaptação também se dava, e conseqüentemente se dá, de modo hierarquizante, visto que grande parte dessa grande comunidade étnica não tem pleno acesso ao ensino escolar, é imposto de maneira hierárquica desde os primórdios no Brasil, constituindo por exclusão classificações elitizantes. Nessas classificações elitistas os indivíduos aos quais não podem ou conseguem adaptar-se são excluídos.

Existem tantos contextos neste país em que a palavra escrita tem um significado visual mínimo, onde pessoas que não sabem ler nem escrever não encontram utilidade para nenhuma teoria publicada, seja ela lúdica ou opaca. Por isso, nenhuma teoria que não possa ser comunicada numa conversa cotidiana pode ser usada para educar o público. (hooks, 2013, p.90).

O feminismo, sobretudo o feminismo negro pensando em classe e raça de suas integrantes requer atenção para agregar e não excluir mulheres negras que ocupam espaços outros que não são o de instituições acadêmicas, precisam estar atentas para

³² A ESCOLARIZAÇÃO EM FAMÍLIAS DA CLASSE TRABALHADORA. Publicado originalmente em Cadernos de Pesquisa, n. 42, número especial sobre Educação e Marginalidade na América Latina. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, agosto de 1982, p. 27-40.

dialogar com os diversos públicos, pois negras não acadêmicas também produzem e falam dos lugares múltiplos que ocupam, o feminismo negro carece estar apto a ser dialogado como cita hooks acima “até mesmo em uma conversa cotidiana”. hooks (2019) cita que;

A hierarquia opressiva é, portanto, reforçada e mantida. A teoria feminista está se tornando rapidamente outra esfera do elitismo acadêmico, no qual o trabalho que é linguisticamente ininteligível, que se aproxima de outros trabalhos similares, é considerado mais sofisticado intelectualmente, mais teórico, do que o trabalho que é mais acessível (uma vez que estereótipos de teorias é sinônimo de empolado, difícil de compreender). Toda vez que isso acontece, o potencial radical, subversivo, dos estudos feministas - e da teoria feminista, em particular - é enfraquecido. (hooks, 2019, p.89).

Saber validar e reconhecer produções e saberes outros é uma medida que tende a aumentar a amplitude do movimento e eco das diversas vozes que foram hostilizadas, oprimidas e reprimidas por não ser a voz e saber padrão ideal, visto que o ideal, como será abordado ao longo deste trabalho, foi criado sob um código horas escancarado, e momentos silenciosos de poder da branquitude. Lorde (1984, p.112) aponta que, “Pois, as ferramentas do senhor nunca vão desmantelar a casa-grande.” A partir dessa frase de Lorde percebemos que a mesma chama a atenção a necessidade iminente de conhecer, compreender e respeitar os diversos pontos de vida de outras (pontos de vida esses que são expressos na coletividade do movimento negro feminista no acolher, lutar e trocas de dororidade, somando-se também as subjetividades, pois cada sujeita negra apesar das dororidades que nos conectam, somos únicas, somos seres subjetivas as quais performamos também de modo singular), pois a separação e exclusão é a ferramenta de dominação da casa do senhor. Assim, para (r)evolução o feminismo requer atingir para além do faz de contas e performances em locais de prestígio e poder acadêmico social.

O feminismo de mulheres negras quer voz como anuncia bell hooks, querem afetos como dialoga Mayana Soares (2021), respeito e dignidade como esbravejou Sojourner Truth (1851) e diversas outras mulheres negras, que a partir de suas vozes e ações criam pequenas (r)evoluções buscando desmantelar a casa do senhor e as armadilhas dos Cis-temas³³. Ao abordar (r)evoluções feministas negras falamos de mudanças diversas do poder, ser e estar.

³³ Elisson Lima Santos e Edinéia Tavares Lope (2024) apontam que a sociedade vive sob a lógica da colonialidade, onde existe um cis-tema que opera a partir da hierarquia definidora de humanidade a partir de marcadores raciais. “Com a colonialidade do poder (Quijano, 2005, 2009) foi instaurado um cis’tema definidor de humanidade em termos raciais. Todavia, como afirma Lugones (2020), a definição de humanidade foi criada inter-relacionando raça, gênero e sexualidade. Não é sem sentido que as mulheres-negras são hiper exploradas no modelo moderno-colonial e capitalista de sociedade (Gonzalez, 2020;

São muitas as armadilhas constuídas pelo CIS-temas de opressão, que elaboram formas sofisticadas de exclusão e de eterna desumanização de pessoas pertencentes a grupos sociais específicos. cist-temas esses que criam discursos falaciosos sobre a importância desses indivíduos nos espaços coletivos, com falas acaloradas sobre serem parte de planos políticos de sociedade brasileira, de autonomia e de espaços de fala. Diante disso, digo: não há construção coletiva sem reflexão crítica e profunda sobre as relações estruturais de poder. Pelo menos não no contexto em que vivemos. (Jorge, 2023, p.16)

Validar conhecimentos e saberes compartilhados pelas histórias e vivências passadas de maneira não formal é dismantelar a organização senhorial, trazendo à luz o que tentou se esconder e negar a existência para dominar nossos seres e corpos que é nosso intelecto e capacidade de produção de saber. Assim o fazem, pois é um instrumento de aprisionamento. Andreza Jorge (2023, p.37) aponta em citação ao site que traduz e organiza textos de Assata Shakur “Ninguém vai te dar a educação que você precisa para derrotá-los. Ninguém vai lhe ensinar sua verdadeira história, seus verdadeiros heróis, se eles sabem que esse conhecimento irá lhe libertar”. Desse modo, a partir da reflexão se compreende que a educação é ferramenta de liberdade, e o “senhor” para prosseguir com o cis-tema de dominação e opressão a científicisa para excluir e/ou delimitar quais pessoas podem e são capazes de produzir conhecimento.

Eles encaixotaram o que reconheciam como conhecimento científico, não nos deixaram entrar, mas nós expandimos do lado de fora e aprendemos com os mestres, aprendemos tanto que hoje criamos rasuras “rachaduras” e vazamos para dentro do caixote academia. Transgredimos, adentramos com nossos mestres e ancestralidades como cita Valdina Pinto, quando em 2005 foi proclamada “Mestra de Saberes” pela Prefeitura Municipal de Salvador.

Não, eu me considero uma aprendiz. Dizem que eu sou uma sábia. Na semana passada, fui homenageada com uma placa como mestra de saberes populares. Então eu digo: a negra que eu sou, o ser humano que eu sou, sou porque aprendi com os meus mestres. Meus primeiros mestres foram meus pais. Meus segundos mestres foram os outros negros da comunidade do Engenho Velho da Federação. Na primeira escola que estudei, minha primeira professora escrevia as letras e os números em uma pequena pedra, uma lousa apoiada em madeira. Meu lápis era também feito de pedra. Aqueles negros, aquelas negras, mulheres e homens da comunidade onde nasci, cresci e moro até hoje, foram os meus primeiros mestres. (Pinto, 2005, p.75).

Vergès, 2020), assim como pessoas LGBTQIAP+ e indígenas” p.8. Assim sendo ao apropriar-me do conceito Cis-temas aqui me refiro a um sistema ao qual privilegia o pensamento de homens, pessoas brancas, heterossexuais, cisgêneras (CIS-tema).

Os primeiros saberes relatados por Valdina Pinto, se dão de modo não formal, a partir das relações com o meio em que vivia, de mesmo modo as mídias e redes sociais passaram por um processo de extensão do alcance social conectando pessoas distintas de múltiplos lugares que trocam assim como Valdina e sua comunidade, saberes. Os saberes na contemporaneidade digital se conectam por redes que interligam as instituições acadêmicas e múltiplos outros lugares de conhecimento.

Mesmo diante desses avanços e conexões nas redes sociais, é indispensável somatizar a discussão que as redes sociais e as pessoas que as administram e consomem seus conteúdos, estão inseridas em um contexto onde o capitalismo agencia essas interações, pois a internet³⁴ tem limitações no acesso, na veracidade dos fatos, quanto na consciência do que se propaga nas postagens.

Neste trabalho discuto essa vasta rede de conexões proporcionadas pelas redes sociais *Instagram* e *Youtube* para a amplificação das vozes de meninas e mulheres negras, como cidadãs ativas que carregam voz e buscam respeito e equidade no valor e poder que ecoa a partir de suas falas, performances e escritas online.

Mais precisamente uma construção educativa para além das formalidades institucionais, M. Lucia Bianconi e Francisco Caruso (2005) citam que “Pesquisas junto ao público docente apontam que os espaços fora do ambiente escolar, mais comumente conhecidos como não-formais, são percebidos como recursos pedagógicos complementares às carências da escola”. Durante a década de 50, as formas de ensino e aprendizagem eram mais centradas em espaços formais de educação, os quais podem ser definidos como instituições de ensino, escolas, universidades, entre outros.

A educação formal está consolidada hoje e é uma necessidade do ser humano. Você não escolhe nada quando começa a estudar, quem escolhe é a escola e isso é muito importante para que se possa ter um conhecimento compartilhado. Mas, antes disso, havia um aprendizado não formal no qual a pessoa ficava ao lado do mestre, observando e aprendendo. (MacManus, 2013, p.22).

No entanto, com as modificações sociais, culturais, tecnológicas e globais o ensinar e o aprender também passam por processos de mudanças, logo tais mudanças

³⁴ A pesquisa indica que, em sua maioria, os desconectados têm formação até o ensino fundamental e fazem parte das classes econômicas D e E. A pesquisa ainda aponta os índices de acordo gênero, raça, escolaridade, por área e renda, comparando os dados dos anos anteriores de 2019, 2020, 2021, 2022 e 2023. disponível em <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/11/16/aceso-a-internet-cresce-no-brasil-e-chega-a-84percent-da-populacao-em-2023-diz-pesquisa.ghtml> acesso em 25/08/2024.

alcançam também espaços diversos e essa flexibilidade de lugares de aprender e ensinar passa a caracterizar a educação não formal, que é a prática que carrega intencionalidades e objetivos ao ensinar, porém fora do ambiente institucional. Ainda segundo os autores mencionados anteriormente:

Essas diferentes formas de ensino são classificadas na literatura como: educação formal, educação não-formal e educação informal. A educação formal pode ser resumida como aquela que está presente no ensino escolar institucionalizado, cronologicamente gradual e hierarquicamente estruturado, e a informal como aquela na qual qualquer pessoa adquire e acumula conhecimentos, através de experiência diária em casa, no trabalho e no lazer. A educação não-formal, porém, define-se como qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que, normalmente, se realiza fora dos quadros do sistema formal de ensino. (Bianconi; Caruso; 2005, p.1)

Nessa perspectiva de velocidade e amplificação é possível o estabelecimento de um paralelo entre construção identitária da negra e a educação não formal, nesse meio da não formalidade se vislumbra integrações diversas com objetivos de transformar e conscientizar, estabelecendo constantes relações de aproximações e semelhanças, do *eu* identidade individual e do *eu* identidade coletiva. Maria da Glória Gohn (2006, p.30) conceitua a educação não formal³⁵ como um processo sistematizado, já ao observar as ações realizadas pelas mulheres negras criadoras e produtores as quais analisarei os trabalhos e pontos de vida ao decorrer deste trabalho, percebo uma ação de ensinar característica da educação não formal como conceitua Maria da Glória Gohn (2006, p.30³⁶) “Mulheres negras influencers produtoras de conteúdos que se conhecem, conscientes de sua negritude e potencialidade da intelectualização de outras negras, usam das redes como espaço de conexão com suas pares, sendo as grandes educadoras que integram e fortalecem identidades outras de negras, enquanto aprendem e ensinam”.

2.3 As redes sociais como espaço de deliberação política sobre a educação de mulheres negras.

³⁵ A educação formal requer tempo, local específico, pessoal especializado, organização de vários tipos (inclusive a curricular), sistematização sequencial das atividades, disciplinamento, regulamentos e leis, órgãos superiores etc. Ela tem caráter metódico e, usualmente, divide-se por idade/ classe de conhecimento

³⁶ A educação não -formal tem outros atributos: ela não é organizada por séries/ idade/ conteúdos; atua sobre aspectos subjetivos do grupo; trabalha e forma a cultura política de um grupo. Desenvolve laços de pertencimento. Ajuda na construção da identidade coletiva do grupo (este é um dos grandes destaques da educação não-formal na atualidade); ela pode colaborar para o desenvolvimento da autoestima e do empowerment.

No contexto atual das redes virtuais a educação racial não formal tem proporcionado transformações e essas somando-se a educação formal, geram probabilidades de bagunça dos sistemas hierarquizantes vigentes, como cita Andreza Jorge (2023, p. 90):

Infelizmente, muitas pessoas no Brasil não têm acesso à internet, mas no mundo atual, globalizado e com boa parte da população conectada e se relacionando virtualmente, é fomentada a participação dos indivíduos no mundo digital, sobretudo por meio das redes sociais como forma de contato, comunicação e circulação de conteúdo. Por tais motivos, uma parcela significativa da população já ouviu falar de feminismo.

A partir dos avanços tecnológicos e da produção livre de conteúdos e formas de comunicação, o termo tem se popularizado em diferentes espaços da sociedade, a ponto de, para algumas mulheres, se tornar quase uma espécie de obrigação se posicionar e se nomear como feminista. Digo isso, pois a palavra feminismo tem estado cada vez mais difundida entre juventude, em letras de músicas, nas mídias sociais, nos memes, com diversas referências a respeito da luta feminista.

O fenômeno internet, redes e mídias digital virtuais sociais, carregam consigo um público abrangente e diverso, devido a isso é perceptível sua grandeza na influência das estruturas sociais. Logo, pode ser um meio de educação transformadora visto a amplificação do público ao acesso à informação. Amplificação essa que pode ser visualizada no gráfico abaixo.

da população em relação à internet

84% da população brasileira usou a internet em 2023

Índice estava em 81% desde 2020



Por área

Urbana



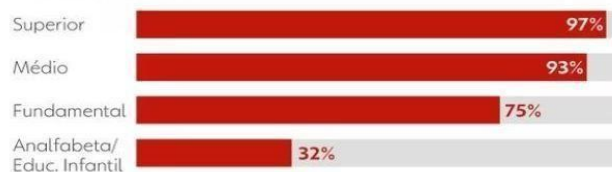
Rural



Por renda



Por escolaridade



g1 Fonte: TIC Domicílios 2023 (Cetic.br)
Infográfico elaborado em: 14/11/2023

Fonte: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/11/16/aceso-a-internet-cresce-no-brasil-e-chega-a-84percent-da-populacao-em-2023-diz-pesquisa.ghtml> acesso em 07/06/2023.

A internet amplia discussões sobre nossa condição de negras e serve de suporte a mulheres negras que buscam ensinar a partir do compartilhamento a outras negras ³⁷,o desenvolver do olhar crítico sobre os espaços que ocupamos e nossas ausências em outros, além de criar conteúdos diversos sobre o cuidado e afeto com nossas corpos por completo, empregando o ciberativismo³⁸. As telas de TV repetiram os estereótipos sobre mulheres

³⁷ A partir de seu Instagram @umaintelectualdiferentona Bárbara Carine chama a atenção corriqueiramente sobre a necessidade dos estudos, tanto para mudança social, como para desenvolvimento do eu enquanto sujeitas pensantes. Apesar de ser usuária frequente das redes, ela cita que “Os estudos, o conhecimento me salvou. Às vezes a gente fica atrás de ser influenciado, de ganhar dinheiro, do tigrinho, de rifa, mas se a gente não tem conhecimento, o vento passa e leva tudo. Estudar é desenvolver os instrumentos do pensamento”. disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C-uhHlix1hG/?igsh=MnpybHk0N3Z1YjVs> acesso em 25/08/2024.

³⁸ Christiane Campos (2019, p.3) sob bases de ANTOUN, Henrique; MALINE, Fábio. A Internet e A Rua - Ciberativismo e Mobilização Nas Redes Sociais conceitua o ciberativismo o definido pela utilização do ambiente digital - seja através de redes sociais ou não – com o objetivo de engajar os indivíduos e causas sociais, políticas, culturais ou ambientais.

negras, a colonialidade se revigorou nos telões midiáticos com extensa ridicularização do ser negra, ser a favelada³⁹, sempre associando a marginalidade, sexualização, servidão e ignorância.

As youtubers negras, finalmente, surgem como uma ruptura desses estereótipos e atendem à uma demanda reprimida da sua audiência já que esses padrões simbólicos não são – e nunca foram - suficientes para definir as muitas identidades e individualidades possíveis. Assim, as várias identidades representadas parcialmente pelas influenciadoras em seus canais tornam-se elos de identificação por parte da audiência. As questões apresentadas por elas são questionamentos e reivindicações comuns a seus pares. A partir destas similaridades, a mobilização é ativada. Afinal a demanda é de todo um grupo. Então, o ativismo virtual é acionado através de comentários, compartilhamentos e retweets de postagens feitos por iguais que são autoridade e referência em determinado assunto, admirados, ideologicamente afinados e confiáveis. (Christiane Campos, 2019, p.7-8)

Todavia o crescente acesso à internet é um meio de revigorar essa imagem sob a corpa das meninas e mulheres negras, tendo em vista que a internet tem sido um espaço de conhecimento, aprendizagens e desconstruções de imagens estereotipadas da negritude. No espaço virtual grupos marcados pela racialidade e gênero encontram representantes confiantes de suas vozes, e estabelecem vínculos a partir do consumo dos conteúdos, engajamento, curtida, compartilhamentos, comentários e publicações.

Desirée de Oliveira Pires (2021, p.45) fala que “Na era digital, os movimentos sociais precisam encontrar outros espaços de deliberação política, já que os institucionais estão sendo ocupados pelos interesses de uma elite dominante.” Oras se as mídias e instituições estão tomados pela branquitude dominante, o que nos resta é rasurar as paredes e telas e nos achegar para dentro desses espaços, para além disso ocupar outros, onde o contato com as nossas se dá de maneira mais ágil para as trocas do ensinar e aprender, ou seja usar o espaço digital a nosso favor como meio de uma educação não formal. Espaço de criação de saberes, imagens e representações outras que não a de inferiorização.

Ao observar a mídia hegemônica, têm-se vários exemplos de novelas e programas de “humor” que se ancoram no racismo recreativo, produzindo formas caricatas de representação da favela. Nesses contextos, a favela é representada sempre por moradores sem educação, que falam alto, comem de boca aberta, têm atitudes que vão “contra” os padrões sociais de convívio e trato social, falam um português cheio de inadequações gramaticais e estão atrelados aos piores estereótipos que acompanham a população negra. (Jorge, 2023, p.66).

³⁹ Feminismos favelados uma experiência no complexo da Maré - Andreza Jorge (2023).

Nesses espaços nos unimos em páginas e sites como o @saudementalpopnegra, @pretararaoficial, @uma_intelectual_diferentona, @carlaakotirene, @asnegasdoziriguidumoficial, @parditude, @gabidepretas, no *Youtube* de Gabi Oliveira, dentre outras, onde os espaços de posts virtuais, apresentados neste trabalho, de acordo análises expressam a união, a dororidade, o afeto. Destaco que muitas outras mulheres negras não trago para somatizar nessa escrita, porém ressalto que estas se fazem presentes tanto nos conteúdos postados, quanto nas interações, pois mulheres negras são uma, mas não são sós, Vilma Piedade aponta essa interligação de dororidade, essa conexão de apontar que somos capazes, que nossas crenças não são erradas, que somos belas com nossos traços, sejam eles finos ou grossos e que merecemos/exigimos respeito e dignidade. bell hooks (2023) em “Irmãs do Inhame” dialoga sobre a potencialidade que é essa união de acolhimento, suporte e trocas entre mulheres negras. Se antes houve a busca por animalizar, embranquecer e apagar as identidades negras, hoje é perceptível a rejeição a essa máscara branca e as diversas tentativas de reconstituição do ser negra. Para Césaire de acordo citação de Munanga na qual reflete negritude:

A negritude é o simples reconhecimento do fato de ser negro, a aceitação de seu destino, de sua história, de sua cultura. Mais tarde, Césaire irá redefini-la em três palavras: identidade, fidelidade, solidariedade.

A identidade consiste em assumir plenamente, com orgulho, a condição de negro, em dizer, cabeça erguida: sou negro. (Munanga, 2020, p.50)

E assim, com esse orgulho, mulheres negras têm usufruído das páginas, sites e canais de maneira ciberativista (Campos, 2019) e a(r)tivista (Rocha; De Lucas, 2024), usando o espaço virtual digital como espaço de tomada da voz e poder. As produtoras de conteúdo digital negras, fazem de suas corpos portadoras de avanços político-social no meio digital, para ocupar e reivindicar espaços e direitos. Assim, suas vozes são ferramentas decoloniais de nossas corpos pretas, marcadas pelo racismo, sexismo, machismo e múltiplas outras formas de marginalização e inferiorização da negra. E nesses espaços que promove não apenas a publicação de conteúdos sobre nosso negrume, mas o nosso falar de nossos pontos de vida acadêmicas ou não, dizemos que somos sujeitas de histórias, capacidades e direitos.

A proximidade e a intimidade simuladas por meio das redes sociais virtuais ampliam também o sentimento de solidariedade com a influenciadora, fazendo com que a audiência se engaje em suas causas determinadas. É comum a audiência deixar comentários favoráveis e contrários, mas também sugestões de pauta que são aceitas pelas youtubers e com base no feedback, bastante

conteúdo audiovisual é produzido. Sendo assim, um bom exemplo de cultura participativa, de interação entre produtores e consumidores de mídias, fundamentado em novas regras, na qual a audiência é tão importante quanto os próprios produtores. (Christiane Campos, 2019, p.8)

Inquestionavelmente as redes sociais tem proporcionado avanço da voz de mulheres negras em seus papéis na sociedade⁴⁰. O papel empenhado pelas negras produtoras de conteúdo digital é de grande importância, pois exerce a função de educar a partir da conscientização e acesso à informação. Precisamos de negras conscientes, intelectualizadas, mas é reflexivo que esse papel fique não apenas destinado a nós, de aprender e questionar, como diz Conceição Evaristo, não mais nos cabe ninar a branquitude, mas com a potencialização de nossas vozes ‘Desperta-los de seus sonos injustos’ Assombrando-os com as nossas histórias, barulhos e irreverência até porque, como cita Luellem Castro na página do *Instagram* @primeirosnegros, “Racismo não é um problema só nosso”.

As pessoas negras elas falam muito de ancestralidade. A gente busca muito ancestralidade como um meio de força, um meio de consciência, de bom orí, um meio de sinalização de caminho pra gente lembrar o que aconteceu com a gente, entender por que que aconteceu e se cuidar pra que não volte a acontecer. Eu acho que as pessoas brancas que elas estão pecando na ancestralidade. As pessoas brancas, elas não conversam sobre a ancestralidade delas, porque se elas olhassem para trás, elas veriam que estava errado e elas veriam o que isso fez com o resto do tempo e veriam que elas são quem são hoje por conta do que a família delas fez antes. Eu acho que todos os assuntos precisam ser gerais. Racismo não é um problema nosso.

Nesses espaços expressamos nossos pontos de vida, compartilhamos saberes sobre nós e nossa ancestralidade. O ponto de vida é um conceito novo em aprimoramento, nele busco expressar a partir da palavra que mulheres negras tem vida, é viva. Ponto de vida é identidade, raça, negritude, é a busca por dignidade e humanização, é a busca e reivindicação do reconhecimento da vida e direito de falar da mesma. Quando o coloco em evidência, estou chamando a atenção para as proporcionalidades de meninas e

⁴⁰ Dado esse que é reafirmado como aponta a matéria que teve como alvo apenas mulheres negras “As mulheres negras cresceram com a sociedade, familiares e amigos afirmando que era necessário mudar seus cabelos, afinar seus narizes e lábios, vivendo em uma sociedade que deprecia as principais características e traços negros. Na contemporaneidade, foi possível visualizar a ascensão da aceitação da beleza negra e sua estética capilar (dreads, boxbraids, crespos e cacheados) impulsionada especialmente pelo empoderamento. A internet foi a ferramenta que possibilitou o abalo do padrão pré-estabelecido especialmente pelas referências midiáticas. O papel assumido por youtubers negras é de grande importância pois atinge uma visibilidade grande para informar, conscientizar e, principalmente, contribuir com a aceitação. É necessário afirmar que essas mulheres que prestam o papel de porta-vozes também como mulheres negras, tratam assuntos por pura vivência, pois sofreram -e sofrem- suas doses de racismo diário.” matéria completa em <https://versaobetalab.wordpress.com/2017/06/01/a-influencia-das-youtubers-negras-na-autoestima-da-mulher-negra/> acesso 14/07/2024.

mulheres negras como sujeitas vivas, capazes de pensar e criar, e sobretudo falar, seja de si, de suas condições ou assuntos outros, pois essa, independente do espaço social que ocupa, é sujeito pensante e criador. É viva, e essa vida teima em ser vivível e falante.

Posto que os silêncios já não nos cabem (E ele nem sempre significa mudez, como expõe Conceição Evaristo⁴¹), tenho dito que nunca nos coube, fugimos constantemente desse lugar de mudez que a sociedade da colonialidade, manchada pelo racismo e sexismo teimam em nos empurrar. Um desses espaços de fuga ao qual ocupamos, são as telas onde blogueiras e influencers negras falam de diversas formas para e sobre o combate ao racismo, sexismo e variadas formas de opressão sobre as corpos interseccional das mulheres negras.

Logo, essas corpos doloridas produzem ecos e ferramentas de desmonte da naturalização de nossas opressões. Como debatem Carlos Henrique de Lucas, Carlana Farias Rocha e Anselmo Peres Alós (2020, p.2) “O corpo-performance. O corpo como tela. Os acontecimentos se inscrevendo por sobre, por debaixo, tal qual tatuagens, na pele”. Similarmente às ações de ensino e aprendizagem no espaço físico formal, os corpos transgrediram as barreiras limitantes da formalidade e nas telas, sendo as próprias telas performance, proporcionam maior amplificação de nossas vozes no espaço não formal como meio de ensinar e aprender.

O corpo, como propõe Beatriz Nascimento, é um quilombo, corpo-quilombo e a internet, páginas de *Instagram*, *Youtube* e outras são mapas para encaminhar a alforria. Emicida em “Ismália” cantou sobre a utopia que o diploma nos alforria, no entanto, esse processo é muito mais complexo, isso pois se trata de seres, pessoas, indivíduos cuja as histórias de nossa ancestralidade, nossas raízes culturais, crenças foram amnésicas e passamos a ser inscritos por mais de quinhentos anos como errantes. Bimwenyi-Kweshi (1977, p.151) ao citar Ki-Zerbo aponta que:

Pegue uma pessoa, despojando-a brutalmente de todos os dados gravados em sua cabeça. Infilja-lhe, por exemplo, uma amnésia total. Essa pessoa torna-se um errante num mundo onde não compreende mais nada. Despojada de sua história, ela estranha a si mesma, aliena-se. A história é a memória da nação. Os povos e a coletividade são frutos da história.

⁴¹ Conceição Evaristo, aborda na @tvbrasil sobre a trajetória de mulheres negras e o lugar de subalternidade em suas funções, que o silêncio nem sempre é mudez, as vezes é uma espera. Disponível em https://www.instagram.com/reel/C_GpuMIOT3D/?igsh=MXBncHc5d3Z2M3l6Ng== acesso em 02/09/2024.

Romper com tais estereótipos discriminantes é um desmonte que vem acontecendo a pequenos avanços, sobretudo com o fortalecimento das identidades negras. Germinar em espaços outros e todos quão possíveis para a construção de uma identidade negra de uma “negritude” é um brado de desmonte das ferramentas opressoras do senhor colonizador, é fazer, como cita Conceição Evaristo, que nossas histórias, nossas escrevivências não sejam lidas como histórias de ninar da casa-grande, e sim que aterrorizem, para incomodá-los em seus sonos injustos.

Se não a plena libertação de nossos corpos marginalizados para ocupar de modo democrático espaços de poder e política, ao menos nossas vozes não mais aprisionarão.

As redes de comunicações digitais *Instagram* e *Youtube* são meios adotados na luta identitária de meninas e mulheres negras e corporificação do debate a reflexão já realizada por hooks (2013) sobre a identificação para a identidade, a importância de meninas e mulheres negras se vejam nos discursos, nas telas, nas teorias e percebam que elas podem falar e ocupar outros espaços, não apenas o da ausência.

2.4 - A expansão da voz de mulheres negras nas redes digitais para desnaturalizar a colonização de nossas corpos.

Por certo as mídias digitais nos últimos anos tornaram um lugar muito potente de compartilhamento de notícias, ideais, lutas e diversos outros nichos. A velocidade e agilidade da nova tecnologia de comunicação supera as convencionais anteriores como cita Silva e Tessarolo (2016, p.6):

Os influenciadores digitais geram hoje resultados tão (ou mais) significativos do que um filme de 30 segundos na televisão. Isso acontece porque a geração Y está muito mais presente na internet do que presa aos meios convencionais de comunicação em que os horários e conteúdos são limitados pelas emissoras.

Nesse meio, é perceptível a ampliação tanto do público criador de conteúdo, quanto de usuários consumidores destas produções. Através dessa ampliação do público emissor, criador e receptor se rompe as barreiras limitadoras dos canais de emissoras tradicionais, e públicos diferentes tomam posse ao direito a informações diversificadas, entre elas a de empoderamento de meninas e mulheres negras, contribuindo desse modo para o desenvolvimento dessas como cidadãs como cita Wimmer (2008, p.147).

O direito à comunicação se distingue dos tradicionais direitos e liberdades individuais a ele associados – e.g. direito à informação, liberdade de expressão – por possuir uma forte dimensão coletiva e por se caracterizar também como um verdadeiro direito social, cujo reconhecimento implica no dever do Estado de criar os pressupostos materiais para seu efetivo exercício e na faculdade do cidadão de exigir as prestações constitutivas desse direito.

A internet se tornou e cresce como uma área atraente e ricamente diversificada de conteúdos e público criador. Logo o espaço se torna atraente pelo que produz de entretenimento, quanto por sua possibilidade de fama e reconhecimento como influencer. A própria plataforma *Youtube* aponta o seguinte citado abaixo sobre seus objetivos no espaço comunicativo consumidor.

Criado em 2005, hoje o YouTube se configura como um espaço em que o público consumidor de vídeos também pode tornar-se produtor de conteúdos. O próprio site expressa que a liberdade de expressão e o direito à informação são valores que definem seu perfil enquanto plataforma aberta aos usuários comuns, afirmando que “pessoas devem ser capazes de se expressar livremente, compartilhar opiniões, promover o diálogo aberto, e que a liberdade criativa propicia o surgimento de novas vozes, formatos e possibilidades” e que “todos devam ter acesso livre e fácil às informações e que o vídeo tem grande influência na educação, na construção do entendimento e na transmissão de informações sobre acontecimentos no mundo” (Mateus, 2021, p.19).

Em virtude desse crescimento de produções e falas, o pesquisador André Lemos (2016), membro fundador do grupo de pesquisas Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura (ABCIBER), que busca analisar a cibercultura, desenvolve o conceito de "Liberação do pólo emissor". De acordo com essa conceituação, pessoas diversas passam a ocupar o lugar de fala na internet, como influencers, comunicadores, youtubers, blogueiros etc.

Na Modernidade Recente, segundo Santos (2008), deparamo-nos com a pluralidade da vida social e com a transgressão. Em tal contexto, transgredir seria entrar em territórios considerados proibidos e “[...] pensar o que não deveria ser pensado, fazer o que não deveria ser feito” (Pennycook, 2006, p. 74). Tais possibilidades afloram com o advento da web 2.0, visto que os sujeitos sociais e seus corpos podem se expor livremente, lutar pelos seus direitos, contestar as exclusões ou injustiças que presenciamos na sociedade de modo que possam contar suas histórias sem o receio de depreciação do mundo face a face, podendo ser, portanto, outros. Nos blogs e redes sociais, por exemplo, as chamadas minorias relatam suas vivências, exercem a cidadania e podem selecionar as lutas que valham à pena, segundo o seu contexto histórico-social e suas experiências. Dessa forma, o ambiente on-line pode contribuir para dar visibilidade também aos corpos ébanos, já que “[...] a Modernidade silenciou a diversidade das experiências humanas de sociabilidade em benefício de um projeto identitário único: branco, masculino e heterossexual.” (Moita Lopes, 2006, p. 291). (Melo; Lopes; 2007, p.2)

De tal forma que essa chegada de grupos tidos como minoritários na comunicação digital pode ser considerada também um movimento social, uma micropolítica, pois permite o surgimento de outras vozes em espaços marcados por limitações raciais, econômicas, fenotípicas e de gênero. Fazendo assim o exercício de exercer poder ao adentrar espaços demarcados como espaço da brancura, isso não por um acaso natural, mas mediante as duras imposições de invisibilização e ausências das nossas, das negras que são empurradas para o lugar de outridades na colonialidade contemporânea. Nessa esteira, aponta Mateus (2021, p.69).

Por conta disso, a identidade das mulheres negras acaba por ser formada em função de sua oposição às mulheres brancas e aos homens, ambos grupos que, estruturalmente, tem sua posição social superior às custas do subjugo das mulheres negras. Assim, ao mesmo tempo em que existe uma busca pelas identidades individuais, o movimento feminista negro sinaliza a necessidade identificada de buscar uma identidade coletiva que as auxiliam a superar essas opressões que atuam em diferentes esferas.

Nesse sentido, somos lidas estruturalmente como as *outras das outras* e dos outros, ou seja, outras no sentido de que a mulher negra é a outra em relação ao gênero e à raça. Kilomba (2019) aborda esse lugar de outra, discutindo que se criou a outra como antagonista do eu, sendo relegado a essa outra todas e quaisquer possibilidades de positividade, honestidade e bondade. A autora afirma que “Tornando o corpo negro a tela de projeção daquilo que o sujeito branco teme reconhecer em si mesmo” e a essa outra se redireciona a negatividade e estereotipação sobre as mulheres negras, desenvolvendo sobre essas o conceito desenvolvido pela autora como a outridade. E sobre essa outridade se direciona o ódio tal como menciona Fanon (1967, p. 118): “Eu fui odiado, desprezado, detestado, não pela vizinha do outro lado da rua ou pelo meu primo por parte de mãe, mas por uma raça inteira”.

A negra, mulher negra, a outra múltiplas vezes, outra por não ser homem, branca e diversas outras a depender de questões sociais, religiosas e econômicas e etc. São duas as outridades que se quer destacar, uma que concerne ao gênero, é dizer, a mulher como a outra do homem e a segunda outridade, de raça, a mulher como a outra da mulher branca. Lorde (1984) aponta a necessidade de se discutir raça no movimento feminista, pois ao se tratar de mulheres negras a leitura e lugar social são distintos da mulher branca.

Aquelas de nós que estão fora do círculo do que essa sociedade define como mulheres aceitáveis, aquelas de nós que foram forçadas nos caldeirões da diferença—aquelas de nós que somos pobres, que somos lésbicas, que somos Negras, que somos velhas—sabemos que sobrevivência não é uma habilidade acadêmica. É aprender a estar sozinha, impopular e às vezes insultada, e a fazer causa comum com aquelas outras identificadas como externas às estruturas, para definir e buscar um mundo no qual todas nós possamos florescer. É aprender a tomar nossas diferenças e torná-las forças. Pois as ferramentas do senhor nunca vão desmantelar a casa-grande. (Lorde, 2015, p.3).

Esta observação sob nossas diferenças já foi e é realizada por diversas pesquisadoras negras, e em nossos trabalhos a famosa declaração de Sojourner Truth⁴² Na conferência de Ohio de 1857 é indispensável como referência discursiva dessa pauta. Além de Lélia González, Sueli Carneiro, bell hooks e muitas outras intelectuais.

Deste modo é inegável a necessidade da discussão de raça junto a discussão de gênero, pois essa concerne distinções de lugar, mobilidade social, econômica e poder na sociedade como percebemos no trecho onde Holanda cita as observações de Lorde, mulher negra que a todo momento aborda e luta por pelo direito a direitos.

Ignorar as diferenças de raça entre mulheres e as implicações dessas diferenças representa a mais séria ameaça à mobilização de forças das mulheres. Enquanto as mulheres brancas ignoram seu privilégio natural de brancura e definem a mulher apenas em termos de sua própria experiência, as mulheres de cor se tornam “outras”, as forasteiras cuja experiência e tradição são “exóticas” demais para se entender. (Lorde, 1984 in Holanda, 2019, p. 242).

Além disso, analisar gênero sem levar em consideração a raça como fez Erving Goffman (1987)⁴³, ao pesquisar a representação da mulher na publicidade e não debruçar por sequer um momento sobre a questão racial, ao questionar que a mulher sempre aparece acompanhada, ignora a pouca presença de mulheres negras e que estas quando aparecem nas publicidades é de modo solitário e/ou servil⁴⁴. Dessa forma, é uma análise incompleta, isso pois como declara Sojourner, Lélia Gonzalez (1984) e muitas outras pesquisadoras negras, o sentido e significado de mulher não é universal, porém ainda assim é uma análise significativa como cita Campos; Felix; Junior (2023), pois ela

⁴²A fala de Sojourner Truth pode ser acessada pelo seguinte link: <https://sismmac.org.br/sojourner-truth-mulher-negra-feminista-e-abolicionista/> acesso 24/10/2023.

⁴³ Uma forma padronizada de representar as mulheres nos anúncios publicitários estadunidenses era raramente colocá-las sozinhas, mas sempre em relação com os homens, o que, em sua visão, transmitia a ideia de dependência do gênero feminino.

⁴⁴ Eis a afirmação completa de Goffman: "Já entre os não brancos, chama atenção o fato de as mulheres não brancas serem aquelas com maior presença em anúncios com muitos personagens em cena, com homens não brancos também alcançando alta proporção. Em outras palavras, além de aparecerem pouco, não brancos tendem a ser retratados em grupo, modo de representação que rouba sua individualidade e é condizente com a generalização categorial promovida pelas práticas de branquitude." (GOFFMAN, 1987, p.10).

invisibiliza o privilégio branco, isso enquanto chama a atenção para o privilégio de gênero, mostrando assim como a produção acadêmica às vezes procede dos males da sociedade a sua volta.

Por meio da abordagem analítica dessas *outras que influenciam, e o uso desse verbo não é por acaso*, pelas suas redes e páginas na internet, percebo que a escrita dessas influenciadoras coopera para a construção identitária de mulheres e meninas negras. O processo de identidade se relaciona constantemente com o de identificações, como cita Anzaldúa (1991, p.252-253): “Identidade não é um amontoado de cubículos estufados respectivamente com intelecto, sexo, raça, classe, vocação, gênero. Identidade flui entre, sobre aspectos de cada pessoa. Identidade é um [...] processo.” E as publicações e comentários, que são textos de pontos de vida(s)⁴⁵, são processos fluidos constantes e contínuos de ser, estar e porvir, são interações diversas contidas nela de mundo que perpassam entre subjetividades e coletivos, entre o *eu* e *outra/as*.

Os sujeitos brancos estão inseridos nos telões dos meios de comunicação há muitos anos, pois seu rosto, espectro do colonial, foi - e ainda é - o padrão do belo, bem como sinônimo de positividade. A representação de negritude também passa por um pequeno crescimento no espaço. No entanto, essa mudança ainda singela quando faz alusão à minoria preta representando-a sob uma ótica estereotipada em que a branca está associada à feminilidade, cuidado, afeto, luxo, enquanto a negra está associada ao trabalho pesado, esporte, trabalho braçal, solidão. Condições essas analisadas e discutidas por Campos; Felix e Junior (2023, p.15):

Mas apesar do otimismo de alguns analistas do tema (Fry, 2002), a publicidade parece imune a esses avanços. A proporção de negros nos anúncios analisados permaneceu quase constante do fim da década de 1960 para cá, bem como a posição dos (poucos) negros e negras em seu interior. Nesse sentido, a publicidade brasileira parece ainda reproduzir princípios de branquitude no qual pessoas brancas são colocadas como padrão de normalidade e representantes fundamentais da nossa sociedade. As mudanças raciais aqui foram mínimas e, mesmo quando ocorreram, vieram acompanhadas de imagens estereotipadas de negritude. Brancos e brancas não apenas são maioria, como também aparecem mais associados a produtos de beleza, artigos de luxo e marcadores de prestígio social. As poucas seções em que negros têm algum destaque são aquelas relacionadas à publicidade filantrópica, estatal ou desportiva.

⁴⁵ Conceito este que será discutido logo mais ao decorrer do trabalho.

Fly (2002) partia de uma perspectiva otimista que negros cresceriam grandemente no mercado publicitário e suas representações deixariam de ser estereotipadas, e que por meio desse crescimento haveria uma grande diminuição do racismo no Brasil. De modo geral, se percebe uma expansão dos desenvolvimentos industriais, tecnológicos e digitais; as mídias se tornaram lugar de destaque e poder comunicativo de amplo alcance. Porém, ao contrário do que previa Fly, apesar da expansão do pólo falante, as mídias digitais e publicidades nelas contidas ainda realizam um papel mais homogeneizador do que promover a heterogeneização.

Embora algumas marcas tenham feito esforços recentes de diversificação de seus elencos publicitários, a inclusão de modelos negros e negras é marginal. Ademais, a branquitude do mundo publicitário parece ser bem maior que aquela detectada por nós em outras esferas da produção cultural comercial como as novelas televisivas (Campos e Feres Júnior, 2016) ou o cinema de alta bilheteria (Candido et al.; 2016b). (Campos, Felix, Júnior; 2023, p.3).

Uma vez que a branquitude transfigurou-se continuamente em imagens preferenciais, como o rosto que se enquadra no perfil apto para ocupar posições de destaque nas mídias e meios digitais, outros não brancos se enquadram no preterimento. A imagem é elemento muito importante, principalmente na questão de empoderamento e identidade racial, pois os corpos negros são aqueles que, sucessivamente, orbitam outros corpos, os que são apontados pela norma como os normais, naturais e padrão.⁴⁶ A imagem serve para criar tanto visibilidades de potencialidades, quanto sua ausência para reforçar preconceitos. Sobre a importância das imagens Anzaldúa (1987) diz: “Nada sucede el mundo real, a menos que primero suceda en las imágenes de nuestras mentes”.

A invisibilização ou representação estereotipada com simplificações generalizadas das mulheres negras durante muitos anos, tornou o espaço hostil e limitado para esse público. Lippmann (1972, p.25) conceitua estereótipos da seguinte maneira: “O estereótipo designa uma opinião preconcebida acerca de atributos exteriores. Caracteriza-o ainda como um mecanismo que ajuda na economia do pensamento, que organiza as

⁴⁶ Penso que a branquitude é filha dileta da colonialidade. É dizer, a norma que institui o branco como o padrão, o normal, o belo, e que, por esses motivos, deve de ser, sempre, respeitado e preservado, nomeia-se *branquitude*. É importante destacar isso, uma vez que a colonialidade, como defende Carlos Henrique de Lucas (2017), estabeleceu uma série de normas, de padrões normativos, melhor dizendo, os quais regulam, em grande medida, o corpo, mas não só, também as subjetividades: a heteronormatividade e a cisnormatividade, por exemplo, figuram como sistemas de regulação da sexualidade e gênero, tal como a branquitude regula a raça.

experiências, dando lugar às generalizações”. Desse modo a mulher negra é repetidas vezes estereotipada nas mentalidades, mídias e diversos outros espaços de maneira pejorativa como aborda Lélia Gonzalez (1984) a mulata gostosa, a promíscua, lasciva, a doméstica, mãe preta, barraqueira entre outras.

Os estereótipos são práticas de representações que, ao serem repetidas vezes, consolidam-se no interior do imaginário. Essa concretização de visão deturpada impede ou dificulta a mobilidade e leitura positiva da imagem sobre o si e do outro, ou ainda imaginários de quem é a negra, e até mesmo sobre quais lugares são capazes e podem ocupar profissional e socialmente como pontua e analisa a partir de si própria a pesquisadora e mestra socióloga Rebouças (2022) em seu trabalho de resumo apresentado na XV semana das humanidades.

Este resumo aborda sobre as minhas vivências, enquanto mulher negra, com relação à escrita da minha tese de doutorado em Sociologia. A lógica acadêmica, branca, heteronormativa, eurocêntrica e elitista, ainda impõe e reproduz normas e condutas de uma “boa escrita” e concede a determinados grupos, brancas/os, privilégios por serem consideradas/os as/os sujeitas/os produtoras/es de conhecimento. Sob este *modus operandi* da academia, convivo com o desafio de pôr as ideias no papel, enfrentando situações de autossabotagem, procrastinação e insegurança no desenvolvimento do trabalho supracitado. Com base nas leituras de bell hooks (2019) e Audre Lorde (2020), tenho percebido que esses bloqueios criativos são construídos destas relações de poder e opressão, por isso que a escrita, para nós, mulheres negras, tem se tornado também uma importante ferramenta de transformação e subversão desse sistema.

A representação da negra é continuamente a do não lugar, o não lugar de poder e destaque positivo, o que porvir afeta o desenvolvimento e crença em nossas próprias capacidades para estar, ocupar e criar como percebemos a partir do relato acima de Rebouças. Até mesmo nos canais de informação e comunicação é perceptível o desenvolvimento dos estereótipos de lugares e não lugares da negra. Assim nas telas dos cinemas brasileiros, de acordo estudos de Marcia Rangel Candido, e João Feres Júnior, tem consistido na seguinte separação tipológica e estereotipada sobre mulheres pretas e pardas como: (1) mulata; (2) favelada; (3) crente; (4) trombadinha; (5) revoltada ou militante; (6) empregada; e, (7) batalhadora. (Candido; Júnior, 2019, p.6).

Por outro lado, os movimentos sociais negros feministas, com grande frequência e força, advogam por maior representatividade e não objetificação e sexualização de seus corpos nas telas. Essa ação de não aceitação dos papéis tanto nas mídias, quanto na sociedade promove uma onda de negras que lutam por voz, espaço, direitos, representação e o direito de construção de sua própria identidade.

Com o grande crescimento de influenciadoras negras, o mercado fica atento à diversidade. Muitas mulheres negras vieram dispostas a criticar o padrão estético e de como lidar com as críticas e a aceitação. Sabe-se que as mulheres negras são as que mais sofrem com a aceitação por não estar adequadas ao que é tido como padrão, já que vivemos uma sociedade racista em diferentes dimensões inclusive na estética. A influenciadora digital Maria Azevedo, conhecida como Tia Má, retrata a realidade de como ser reconhecida, e entre outras ideias que gere ajuda e conselhos, assim como outras que criam novos horizontes para diversas mulheres. Grandes vozes negras geram a mudança e mudança gera recomeço, para novas experiências da vida. (Menezes, 2022, p.12-13).

Para mulheres negras, lutar por direitos e espaços nunca foi tarefa fácil ou opcional, mas necessária devido ao contexto social fundamentado sobretudo no sistema patriarcal branco, machista e racista, na qual estão incluídas. Logo, chegar a conquistar e atingir milhares de pessoas pelo *Youtube* e *Instagram* não é apenas números em um meio digital, é poder, é vitória de toda uma raça que alcança mais uma oportunidade de narrar sua(as) própria(s) histórias e reescrever nossas marcas culturais que foram apagadas pelo que Gayatri Spivak chama de “violência epistêmica”.

De certo a narrativa para povos ancestrais africanos foi algo sagrado e de grande valor, visto que existiam os griôs, que eram os encarregados da tarefa de guardiões da palavra e desde cedo eram preparados para a função. Ser representante de um grupo enquanto influenciadora também é uma tarefa que exige respeito, organização e conhecimento.

As mulheres que ocupam esse lugar de portadora da voz e conhecimento, precisam estar munidas do conhecer-se e com línguas afiadas, como cita Heleine Souza (2020, p.113) precisam da língua diaspórica que quebra a máscara, cuida em reunir e recombinar os pedaços de si para reconstruir a mirada de um rosto humano.

Apesar de que, corriqueiramente, as mídias endossaram imagens ficcionais estereotipadas das negras como aborda Marcia Rangel Candido; Verônica Toste Daflo e João Feres Júnior (2017) Melo; Lopes (2014), Mateus (2021), Lélia Gonzalez (1991) entre outros. Elas subverteram essa ferramenta, fazendo de si próprias a intelectual de opiniões que fala, que posicionam-se de diversas formas. O que não necessariamente significa o respeito e aceitação da comunidade branca, que como expressa em comentário no *Instagram* @leilapaduanoadv em post sobre boicote sofrido pela advogada Shirlene Mendes no evento AOB-RJ “Os negros são aceitos, desde que, sigam a cartilha dos brancos”.



Fonte: Instagram @asnegasdoziriguidumoficial

Ao postar o vídeo as irmãs @asnegasdoziriguidumoficial trazem para a cena pública o ato escancarado, filmado e compartilhado do racismo, onde a advogada negra é desrespeitada como corpa que fala, visto que no evento em questão enquanto Shirlene Mendes protesta no microfone as pessoas presentes a ignora, deixando o ambiente. Trazer esse vídeo para o espaço de debate é escancarar a branquitude que somos quilombos, que estamos vendo e denunciado as tentativas de silenciamentos, que ser negra mansa não é nossa característica, pois em nada nos beneficia, que somos sim “criadoras de casos” diante de cenas como essas.

Para além da expansão do pólo emissor, as redes digitais também abrangem o público receptor. O que vem a nos favorecer, pois ecoamos em alto som o “Cumé que a gente fica?” Em situações vivenciadas como Shirlene Mendes. Assim tendo em vista que a internet e suas ferramentas de comunicação *Instagram* e *Youtube* são reflexos da sociedade, pensar, agir, crenças e conceitos vigentes são sujeitos do meio e construção social.

Não obstante, a tecnologia das redes e a organização em rede são apenas meios que refletem as tendências inscritas na estrutura social. O atual processo de globalização tem sua origem em fatores econômicos, políticos e culturais, segundo têm documentado os estudos acadêmicos sobre a globalização. Mas, tal como sugerem uma série de estudos, as forças que impulsionaram a globalização só puderam desencadear-se porque tinham a sua disposição a

capacidade de conexão em rede global que proporcionam as tecnologias digitais de comunicação e os sistemas de informação, incluindo as redes informatizadas de transporte rápido de longa distância.⁴ (Castells, 2009, p. 51)

O público que antes não tinha acesso ao instrumento midiático digital, passa a ter. As estruturas se transformam em grupos que se viam distantes da oportunidade de ocupar um lugar de expressão comunicativa como cita González (1984, p.223) na epígrafe “Cumé que a gente fica?” referenciado de modo sarcástico a não produção e não direito da negra de falar, mesmo que seja de e sobre si, agora recebem visibilidade em proporções globais a partir da “liberação do emissor”. Visto que a internet hoje é um dos maiores meios de comunicação e interação entre as sujeitas. O *Instagram* e *Youtube* se desenvolveram não apenas como espaço para mostrar a rotina, mas também o que se acredita, defende, conquistas e muito mais, são espaços de influências.

Todavia, o maior acesso à mídia digital proporcionou maiores possibilidades de comunicação e circulação de informações e de negras se empoderarem. Esta ligeira mediatização está presente em diversas ferramentas e plataformas comunicativas, a exemplo as pesquisadas neste trabalho, que são o *Youtube* e o *Instagram*, mais especificamente o canal Gabi de Pretas e a página do *Instagram* @asnegasdoziriguidumoficial.

O canal e página foram escolhidos entre uma gama diversificada, não apenas devido suas proporções de alcance, mas também devido ao conteúdo abordado que visa fortalecer as identidades de mulheres negras, traz temas sensíveis como mobilidade educacional, ambiental, financeira entre outros temas como, afetos, corpos, dororidades, conexões, autocuidado, adoção e demais temáticas, de modo didático e simples para públicos variados de negras, conteúdos que podem servir de dialogados tanto em um debate acadêmico, quanto em uma conversa cotidiana entre amigas.

Nesse sentido, é analisada no canal e páginas a produção de conteúdo de conhecimento voltado a identidades de mulheres negras e interações. Sobretudo as discussões por conteúdo, tanto de acordo ao nicho, aos comentários de negras voltados a criadora do conteúdo, quanto às interações entre as usuárias que comentam e respondem comentários de outras. Os vídeos e imagens do *Youtube* foram selecionados de acordo com seu tema e a relação com a mulher negra. Devido ao fato de somarem-se milhares de publicações e comentários, eles foram selecionados de acordo os anos de publicação, sendo dois dos mais antigos, dois intermediários e dois recentes.

A conta de *Instagram* @asnegasdoziriguidum, que é um site de sociedade e cultura, intitulada site de notícias e mídias, idealizado por duas irmãs negras, inquietas que a 10 anos criaram o espaço para os diferentes públicos que iam de filhas a mães para se sentirem empoderadas e acolhidas. A página autodeclarada “Seu quilombo digital” soma 534 mil seguidores, 7.692 publicações e está a dez anos ativa. Uma das fundadoras da página Karollyna Ferreira @karollynaferreira no dia 14/09/2023 se tornou membro da Forbes BLK @forbes página que conta com mais de 6 milhões de seguidores, plataforma global dedicada a potencializar talentos negros. O layout do @asnegasdoziriguidum é o desenho de duas negras, uma de pele retinta e cabelos amarelos, outra com o tom de pele um pouco mais clara e cabelos pretos, ambas de black, corpos padrões em cima de um pódio escrito “As negas do ziriguidum”. A página aborda diversos temas, desde afetos, educação, saúde, moda, política, trabalho, entre outros.

Para delimitação deste trabalho foram estudados dois meios de comunicações onde observei de modo analítico as produções e interações do negas do Ziriguidum e do canal do *Youtube* de Gabi de Oliveira, ativista negra feminista⁴⁷ e criadora de conteúdo digital tanto no *Youtube*, quanto no *Instagram*. Seus inscritos no *Youtube* somam 666 mil no canal Gabi de pretas, com 311 vídeos. No *Instagram* @gabiOliveira conta com 628 mil inscritos e 1.770 publicações, a influencer também criou juntamente com a também influenciadora Karina Vieira um meio de extensão de comunicação e debates entre e sobre as pretas, o podcast nomeado @afetospodcast, espaço no *Spotify* podcasts onde se propõe de acordo a descrição “Humanizar as nossas subjetividades”.

Nesta perspectiva de humanização é possível perceber que ao tratar de nós, nossa negritude e vida não cabe apenas discutir lugar de fala, mas pensar em conceitos como nosso ponto de vida, pois ainda necessitamos reafirmar corriqueiramente que somos humanas.

A autora negra Djamila Ribeiro (2018) desenvolve em seu livro ‘Lugar de fala’ o conceito do que é esse lugar, na discussão se percebe que esse lugar de fala não é a abordagem ou discussão de experiências individuais, mas do coletivo, implica em perceber e analisar como o lugar ocupado por determinados grupos afeta seu “caminhar

⁴⁷ Sobre o movimento de aceitação de Heloisa de Hollanda (2020, p.19) O feminismo negro foi o movimento que concretamente introduziu os constructos raça e classe no debate feminista ou o que Patricia Hill Collins chamou de matriz de dominação. 9 No feminismo brasileiro, Luiza Bairros, Beatriz Nascimento e Sueli Carneiro já vinham insistindo nessa matriz alegando que o feminismo negro é fruto da experiência de ser negro – vivida através do gênero – e de ser mulher – vivida através da raça –, dimensões que se imbricam e que rejeitam qualquer priorização.

pela a vida”. No entanto neste trabalho busco falar, realçar e valorizar a partir do individual, subjetivo para o coletivo. Poder para empoderar. Isso será feito partindo do desenvolvimento do conceito ponto de vida. Mas o que é ou vem a ser esse ponto de vida? Como diz o famoso provérbio africano que: “Até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias de caça continuarão a glorificar o caçador” de mesmo modo é o ponto de vida, só que através do olhar das leas negras, ou seja, ele é a humanização das vivências, da humanidade de meninas e mulheres negras que se marcam como presentes, como relevantes, como indivíduos vivos que falam primeiramente através do que vivenciam na pele diariamente.

Logo a abordagem é sobre as narrativas e escritas não formais que se formam fora das instituições de ensino, fora das normas de escrita. O ponto de vida é o lugar do saber e de se saber da preta que por anos teve sua humanidade, vida e voz negadas socialmente e agora através de comentários se marca como vida falante que contém saberes. Esses que os compartilham em redes como configuração de suas expressões de experiências como válidas, criando conexões de vivências e aprendizagens umas com as outras. Estabelecem dororidades. Vilma Piedade (2017) ao criar o conceito argumenta que ele contém a sororidade, mas que ao se tratar de mulheres negras a sororidade carrega um vazio, falas silenciadas devido ao racismo. “A sororidade parece não dar conta de nossa pretitude.” A dororidade engloba a dor, a dor preta.

Mulheres pretas nos holofotes centrais da fala a partir de seus pontos de vida, lugar esse que requer reivindicações constantes do ser e do devir. Como aponta Sueli Carneiro (2019, p.218) “A relação entre mulher negra e poder é um tema praticamente inexistente. Falar dele é, então, como falar do ausente...” A reivindicação do ponto de vida é tomar para si a narrativa, ser presença ao invés de ausência, para além de sobreviver, é viver, é poder. Gonzales através da epígrafe abaixo sintetiza a centralização do pólo emissor, onde se percebe uma relação de dominado e dominador, quem fala e o que se fala.

... Foi então que uns brancos muito legais convidaram a gente prá uma festa deles, dizendo que era prá gente também. Negócio de livro sobre a gente, a gente foi muito bem recebido e tratado com toda consideração. Chamaram até prá sentar na mesa onde eles tavam sentados, fazendo discurso bonito, dizendo que a gente era oprimido, discriminado, explorado. Eram todos gente fina, educada, viajada por esse mundo de Deus. Sabiam das coisas. E a gente foi sentar lá na mesa. Só que tava cheia de gente que não deu prá gente sentar junto com eles. Mas a gente se arrumou muito bem, procurando umas cadeiras e sentando bem atrás deles. Eles tavam tão ocupados, ensinado um monte de coisa pro crioulo da platéia, que nem repararam que se apertasse um pouco até

que dava prá abrir um espaçozinho e todo mundo sentar juto na mesa. Mas a festa foi eles que fizeram, e a gente não podia bagunçar com essa de chega prá cá, chega prá lá. A gente tinha que ser educado. E era discurso e mais discurso, tudo com muito aplauso. Foi aí que a neguinha que tava sentada com a gente, deu uma de atrevida. Tinham chamado ela prá responder uma pergunta. Ela se levantou, foi lá na mesa prá falar no microfone e começou a reclamar por causa de certas coisas que tavam acontecendo na festa. Tava armada a quizumba. A negrada parecia que tava esperando por isso prá bagunçar tudo. E era um tal de falar alto, gritar, vaiar, que nem dava prá ouvir discurso nenhum. Tá na cara que os brancos ficaram brancos de raiva e com razão. Tinham chamado a gente prá festa de um livro que falava da gente e a gente se comportava daquele jeito, catimbando a discursadeira deles. Onde já se viu? Se eles sabiam da gente mais do que a gente mesmo? Se tavam ali, na maior boa vontade, ensinando uma porção de coisa prá gente da gente? Teve um hora que não deu prá agüentar aquela zoada toda da negrada ignorante e mal educada. Era demais. Foi aí que um branco enfezado partiu prá cima de um crioulo que tinha pegado no microfone prá falar contra os brancos. E a festa acabou em briga... Agora, aqui prá nós, quem teve a culpa? Aquela neguinha atrevida, ora. Se não tivesse dado com a língua nos dentes... Agora tá queimada entre os brancos. Malham ela até hoje. Também quem mandou não saber se comportar? Não é à toa que eles vivem dizendo que “preto quando não caga na entrada, caga na saída” ... (Gonzalez, 1984, p.223)

Apesar de se tratar de uma epígrafe, a colocação feita por Gonzales externa um reflexo do espaço acadêmico atual. bell hooks, Vilma Piedade, Grada Kilomba, Angela Davis, Lélia Gonzales, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro e entre outras milhares de mulheres negras quando escrevem partem do si, de algo que lhes perpassa, incomoda, alegra. Partem da vida, de suas vidas, logo o conceito de ponto de vida, apesar de ainda inacabado busca chamar atenção para a vida, que se tem vida e que ela é política. Afinal, como apresenta Audre Lorde em seu poema ‘A Litany for Survival’ “Sobreviver nunca foi nosso destino”, porém teimamos rebeldemente para criar novas narrativas e novos destinos frente aos cis-temas.

Assim em contraponto ao cis-tema, vivemos e nos conectamos a partir da dororidade em espaços reais e virtuais, nos fazemos flechas que abrem caminhos, como denomina a professora Dra. Jeane Tavares. @saudementalpopnegra página da Jeane Tavares, mulher negra que, de acordo com a descrição de seu perfil no *Instagram*, busca popularizar o conhecimento científico⁴⁸. Nesta pesquisa o virtual engloba a inovação da diversidade de negras jovens, adultas e maduras que aprendem e expressam-se mesmo diante das opressões que visam invisibilizá-las. Negras ressurgem, ensinam e vivem através dos comentários, conteúdos, compartilhamentos e curtidas. Nesses ambientes se criam redes e conexões vivas que politizam e são politizadas, que falam. Redes que se

⁴⁸ Não estamos sós, muitas abriram caminhos para nós e seguiremos abrindo para outros tantos que virão. Todos podemos produzir conhecimento importante e válido para uma sociedade melhor, tendo destaque nas redes sociais ou não, estando na universidade ou não. Então, sigamos! 22/12/2023

acolhem e aprendem como trata Berth (2019, p.153) para o processo de empoderamento de múltiplas negras.

[...] porém é preciso que também haja um processo conjunto no âmbito coletivo. Quando falamos em empoderamento, estamos falando de um trabalho essencialmente político [...]. De mesmo modo, quando questionamos o modelo de poder que envolve esses processos, entendemos que não é possível empoderar alguém. Empoderamos a nós mesmos e amparamos outros indivíduos em seus processos, conscientes de que a conclusão só se dará pela simbiose do processo individual com o coletivo.

Para corpos negros, sobretudo de mulheres negras que perpassam a interseccionalidade da raça, gênero e oras classe, viver é uma constante ação política. Assim como a resistência ao ato e tentativas de emudecimentos. Quando ousamos viver, buscamos nos silenciar. Marielle Franco, mãe Maria Bernadete Pacífico e outras negras que foram assassinadas por falar, por serem políticas. Assassinadas por lutar por direitos e igualdades na sociedade, ressaltado novamente, assassinadas mais de uma vez, primeiramente quando tem suas vidas ceifadas e posteriormente quando a sociedade cria narrativas para justificar suas mortes, e de novo quando o sistema permite a impunidade aos seus assassinos.

Por certo que ao falar de mulheres negras falamos da ausência de poder, mas também falamos da ousadia de tomá-lo para si de todas as formas possíveis, mesmo diante da desvalorização e riscos do enfrentamento direto às estruturas sociais dominantes⁴⁹. Ao falarmos de mulheres negras falamos da voz libertadora que incomoda, se impõe presente. Marielle Franco, ecoa presente, ecoa desconforto a cultura de dominação. Mãe Bernadete, ecoa presente perante a cultura de marginalização da nossa existência, fé e sobretudo vida. Mulheres e meninas pretas vivem, ecoam em suas vozes presentes e por elas e nelas como cita a linguista e escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, em suas vozes “se fará ouvir o eco da vida-liberdade”.

hooks (2019) menciona que ao analisar as falas de sua mãe, parentes e vizinhas negras que, mulheres negras sempre falaram, e falam alto, mas eram falas sigilosas, apenas entre elas. Agora a partir dos comentários que são interações com as publicações

⁴⁹ Quando pensamos estar falando em um ambiente onde a liberdade é valorizada, frequentemente nos surpreendemos com o quanto nos vemos agredidos e como nossas palavras são desvalorizadas (bell hooks, 2019, p.53).

é possível perceber que continuamos falando, e falando alto, porém essas falas dos comentários apesar de valiosas continuam em sigilo, pois hierarquicamente não ocupam o lugar do saber, não estão sendo publicadas nas grandes revistas de conhecimentos e saberes. São pontos de vidas que ainda são abstraídas.

Ao contrário dos pastores negros, que discursavam para serem ouvidos, que eram quem se deveria ouvir e cujas palavras deveriam ser lembradas, as vozes das mulheres negras - dando ordens, fazendo ameaças, cismado - podiam ser abstraídas, tornar-se um tipo de música de fundo, audível, mas não reconhecida como uma fala significativa. O diálogo - fala compartilhada e reconhecimento - não acontecia entre mãe e criança ou entre a mãe e a figura masculina de autoridade, mas entre mulheres negras. Eu me lembro de assistir fascinada a como minha mãe falava com sua mãe, suas irmãs e amigas: a intimidade e a intensidade da fala delas - a satisfação que tinham em falar uma com a outra, o prazer, a alegria. Foi nesse mundo de falas de mulheres, de conversas barulhentas, palavras irritadas, mulheres com línguas rápidas e afiadas, línguas doces e macias, tocando nosso mundo com suas palavras, que eu fiz da fala meu direito inato - e o direito à voz, à autoridade, um privilégio que não me seria negado. Foi naquele mundo e por causa dele que cheguei ao sonho da escrita, de escrever (hooks, 2019, p.33).

A fala é um elemento político e de poder na qual através das novas tecnologias de comunicação tornou-se mais democrática estendendo-se a mulheres negras, não como um direito dado socialmente, mas conquistado, tomado para si como inato. Dentre essas ferramentas de trocas de comunicações, serão avaliadas algumas publicações selecionadas, as interações pelos hashtags, curtidas, compartilhamentos e comentários. A investigação da pesquisa será baseada na perspectiva da voz ser uma ferramenta decolonial de insubordinação, de lutas políticas e sociais, além de espaços de reivindicação na tomada de direito a voz de mulheres negras a partir das perspectivas de hooks (2019), Piedade (2017) e Killomba (2019). Os quilombos surgiram no Brasil como símbolo de resistência, hoje ainda existem, são lugares remanescentes quilombolas, lugares de história e tradição.

Todavia, podemos dizer que também temos os quilombos modernos, como apontado por autodefinição na página @asnegasdoziriguidum são um quilombo digital. São as redes *Instagram* e canais do *Youtube* novos meios de aquilombamentos, conceito este enunciado por Beatriz Nascimento (2006). Na internet se encontra não apenas perseguições, destilação de ódio, mas também união dos grupos a partir da dororidade que formam esses quilombos digitais. Conectividade essa, significativa também fora dos muros das instituições acadêmicas, na qual hooks já havia questionado que, se fosse possível fora das academias seria grande potencializadora do movimento feminista de mulheres negras.

Grande parte da educação feminista para a consciência crítica acontece nas aulas de estudos sobre mulheres ou em congressos sobre gênero. Livros são uma fonte primária de educação, o que significa que a massa de pessoas que ainda não leem não consegue acessá-la. A separação entre as formas como o movimento de base compartilha o pensamento feminista, ao redor de mesas de cozinha, e as esferas onde grande parte do pensamento é gerado - a academia - enfraquece o movimento feminista. O pensamento feminista avançaria se o novo pensamento feminista pudesse ser compartilhado no contexto de pequenos grupos, integrando a análise crítica com discussão de experiências pessoais. (hooks, 2019, p.65-66)

Certamente o espaço imaginado por hooks na citação acima, compreendido como lugares de aprendizagem não formal, pode ser lido dentro das novas tecnologias de comunicação, em espaços como o explorado neste trabalho de pesquisa, que analisa a potencialidade das redes sociais para a formação de identidade de meninas e mulheres negras. Para além de lugar que auxilia nas formações de negritude das mulheres, as redes também são zonas de criação e expressão, são áreas onde podem criar e expressar seus pontos de vida. Falar e ser ouvida através de suas vivências.

Nesse sentido a blogueira @saramara compartilhou recentemente em sua página no *Instagram* que foi convidada para participar do podcast no dia 28/08/2023 e que não sentiu medo, pois iria falar a partir de si. Apesar de que para as vozes e falas serem reconhecidas no meio científico seja necessário referenciais críticos teóricos, o ato de poder se expressar e falar sobre ser uma mulher negra a partir de suas vivências é levar o feminismo de base, de cozinha aos holofotes. Nós sempre falamos, mas como aponta hooks (2019, p.33) “Nossa fala, ‘a fala correta da feminilidade’, frequentemente foi o solilóquio, a conversa ao vento, para ouvidos que não escutavam-na conversa que simplesmente não é ouvida”. Vozes mudas, caladas, entaladas na garganta, como expressa Conceição Evaristo em sua poesia.

Durante o podcast a influenciadora afirma que devido à falta de comunicação do programa, que não informou que o formato do quadro era de debates, com uma mulher branca antifeminista que denomina o movimento como histeria, ela sentiu grande nervosismo e pressões por não ter se preparado com base em autoras para reafirmar e validar suas vivências. Em suma, se percebe que apesar das redes e mídias sociais abrirem espaços para maior atuação da mulher negra e eco de suas falas, elas ainda são invalidadas por grande parte da massa popular social, por mais que o tema tratado parta de seus pontos de vida, sua experiência ainda é abstraída e ilegítimada. Tornando novamente como ponto de partida para discussões legítimas os livros e as instituições acadêmicas.

No entanto, mesmo as mulheres negras acadêmicas, por vezes são descredibilizadas, dissociadas de suas intelectualidades, é o caso de como ocorreu com a historiadora Luana Tolentino que compartilhou em suas redes sociais que foi abordada por uma mulher branca com as seguintes palavras “Moça, você é faxineira?” Casos como esse não são raridade para uma mulher preta, ser associada a pobreza, serviços de baixa renda, servidão e não domínio profissional intelectual. Cabe ressaltar que a problemática em questão não é a profissão, mas a naturalização de negras em profissões de menor remuneração, trabalhos braçais e de grande esforço físico.

Assim, outro exemplo desse olhar naturalizado entre a branquitude, do negro servil, a raça, aconteceu com a rapper, empresária e escritora do livro *Eu empregada doméstica*, Preta Rara. Ela relata nos stories no início do mês de setembro de 2023 em seu *Instagram* indignada que precisou ir ao banco para retirar seu cartão black e ao ficar na fila de empresas, foi questionada por uma mulher já idosa, branca, que ela estava na fila errada, pois aquele local era direcionado apenas para empresas. Rara conta que quando afirmou que estava no lugar correto, pois é empresária, a senhora a olhou com olhar de descrença, indignação e recuou.

Essa visão utópica sobre corpos negros, ressalta as marcas do colonialismo e passado escravocrata. As correntes físicas em partes foram rompidas, no entanto as imaginárias permanecem socialmente e também na realidade. É notável a naturalização da associação da pobreza como negra e baixa mobilidade social entre a raça. É uma área de muita adversidade discutir classe e raça, é necessário muito cuidado para não associar a pobreza a uma raça, mas reconhecer que se existe um problema de imobilidade social já prescrito pelo sistema racista a determinados corpos.

Corpos esses marcados, codificados pelas macropolíticas que estruturalmente dita ou ainda insistem em tentar ditar os postos da sociedade. Mulheres negras têm criado estratégias para vazar a essas estruturas, uma delas é a de dororidade como apontado por Piedade (2017, p.46) “Racismo que vem da criação Branca para manutenção do poder... E o Machismo é Racista. Aí entra Raça. E entra Gênero. Entre Classe. Sai a Sororidade e entra Dororidade”.

O conceito de Piedade de dororidade aborda não só a dor histórica e ainda atual da mulher negra, a dor sofrida, mas também as dores de emoções, realizações e conquistas. A dororidade integra a mulher negra pelas diversas formas de dores, a dor da vitória, do sucesso, da exclusão, da marginalização, de alcançar aquilo que a sociedade

busca estruturalmente impedir, amarrar, calar, silenciar, tornar ausência, reconstruir os grilhões. Piedade cita em problemática que:

Faxina tem cor? Aqui tem. Tem cor. É preta. Ou limpa a sujeira, que é Preta. Tá no Léxico. No dicionário. É só procurar, sinônimos ou antônimos. A oposição linguística é notória, estrutural, alimenta o imaginário...o racismo... Branco-Luz. Preto-Sujo. Tá na nossa Língua Portuguesa. É isso que também conceituo como...Dororidade... o que é? Ou o que pretende ser? Seria a Dor e nem sempre Delícia de se Saber ou não Saber Quem Somos... (Piedade, 2017, p.43).

A dororidade grita, canta e fala (Precisa falar) celebrar os duros avanços conquistados por meninas e mulheres negras. As mesmas urgem por falar, pois é como diz Piedade (2017) relembra a branquitude que as correntes foram rompidas. Mulheres negras falam, falam, pois, vivem e sentem, falam como canta a ousada Elza Soares em sua canção mulher do fim do mundo.

Meu choro não é nada além de carnaval
É lágrima de samba na ponta dos pés
A multidão avança como um vendaval [...]
[...] Um peixe amarelo beija a minha mão[...]
[...] Na chuva de confetes, deixo a minha dor [...]
Na avenida, deixei lá
A pele preta e a minha voz
Na avenida, deixei lá
A minha fala, minha opinião
A minha casa, minha solidão
Joguei do alto do terceiro andar
Quebrei a cara e me livrei do resto dessa vida
Na avenida dura até o fim
Mulher do fim do mundo
Eu sou, eu vou até o fim cantar [..]
Até o fim eu vou cantar
Eu vou cantar até o fim
Eu sou a mulher do fim do mundo
Eu vou, eu vou, eu vou cantar
Me deixem cantar até o fim. (Grifos da autora)

O poder da voz gera ecos, falas que não aceitaram ou aceitarão mais serem caladas, falas insubmissas as formas de discriminação. Que gritam e cantam assim como Elza “La, la, la, la, la, la, la, la, la, la”. Mas sobretudo que se unem nos comentários, curtidas e compartilhamentos a partir do que Vilma Piedade (2017) denomina como dororidade. Se percebe neste meio pesquisado, oportunidades e novas formas de “falar” para não morrer.

Por que escrevo?
Porque eu tenho de
Porque minha voz,

em todos seus dialéticos,
tem sido calada por muito tempo
(Jacob Sam-La Rose in Kilomba, 2019, p.27)

Evidentemente a dororidade entre negras, união a partir das dores é uma fórmula de submergir as diversas ações de violência. Como já afirmava Audre Lorde, mulher, negra e Lésbica “O que você ouve em minha voz é fúria. Não sofrimento. Raiva, não autoridade moral”. O que se ouve na voz de Lorde e milhares e muitas outras milhares de mulheres negras é o não quero mais, não aceito, aboli. Abolir-se das máscaras, dos castigos, dos silêncios, desse modo percebe-se a escrita e a fala como lugares onde a fome coletiva da voz política, ganha vozes que por muitos anos tentaram silenciar. Recebem e produzem sons.

Seguramente à medida que apropriam-se da internet, mulheres negras conseguem espaços, além de voz ganha aconchego ao se identificar na outra, tomando assim confiança para se expor e expressar-se. Falar e ser ouvida, expressar-se e ser compreendida. Nesse espaço online e virtual é possível vislumbrar a união das interseccionalidade, da raça e gênero sob um mix de emoções, temporalidades e idades. Vislumbrar o controle sobre o que foi censurado - a boca, o corpo da negra. Problemática essa exposta por Kilomba (2019, p. 35) mediante a imagem da “Escrava Anastácia”.



Fonte: Memórias da plantação (2019, p.35).

Deste modo “La, la, la, la, la, la, la, la, la, la” essas vozes ecoam como Conceição (2021) recita em sua poesia Vozes-mulheres, vozes essas que são muitas e

rompem na dororidade a censura, as máscaras de silêncio e invisibilidades por meio da exposição de seus pontos de vida. Nas páginas e canais que foram textos vivos nesta dissertação se percebe o eco da bisavó, da avó, da mãe, do meu e da minha filha. Todas essas e outras vozes unidas pela dororidade provocam rasuras no lugar antes homogeneamente destinado a um público e protagonismo branco padronizado. Como sujeitas protagonistas nos espaços de comunicação *Instagram* e *Youtube*, mulheres e meninas negras expressam sua força, dores, fragilidades, poder entre outras colocações. São autoras de suas vivências, narram seus pontos de vida.

3. METODOLOGIA

3.1 - Uma análise netnográfica das vozes negras nas redes.

Desse modo, debruço-me nas produções com um olhar para o conteúdo ali discutido, ao invés da quantidade de posts e vídeos⁵⁰, visto que não serão analisadas todas as publicações das páginas e canais selecionados. A pesquisa é netnográfica, pois serão usadas mídias virtuais digitais, ou seja, produtos online, caracterizando o trabalho de pesquisa como netnográfico. De modo a realizar uma análise etnográfica no virtual, nossos passos e marcas nas redes sociais. Como já anunciei anteriormente, essa pesquisa, assim como a pesquisadora não são passivas, a própria escolha metodológica parte de um lugar muito íntimo, tendo em vista que abordo aqui as redes como espaço de educação não formal.

Durante o desenvolvimento e trocas com colegas e professores muitas das vezes ouvi o quão problemático seriam enxergar as redes como meio educacional, que se aprende é nos livros, no entanto trago em evidência que enquanto mulher negra e pobre primeiramente a afirmativa que livros no Brasil não são acessíveis, segundo aponto que em escolas públicas somos pouco estimuladas a leitura de livros para além dos didáticos (Quando a escola e disciplina os tem, tendo em vista que alguns escolas não tem livros o suficiente para todos estudantes), e como consequência dos dois apontamentos anteriores, enquanto professora de ensino médio ressalto o quão é difícil estimular estudantes ao habito da leitura (sobretudo de livros que passam as 50 páginas), porém na prática venho adotando o uso das redes para apresentar autoras, conceitos e debates e percebo um

⁵⁰ Classificando assim também o trabalho como pesquisa qualitativa, visto que Minayo (2003), caracteriza esse tipo de pesquisa pelo “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (p. 22).

resultado favorável. Aprender e ensinar em todos espaços enquanto possíveis, tem sido a marca de nosso povo.

Recordo-me que meus primeiros passos em direção a construção identitária e de empoderamento como mulher negra se deram a partir de acompanhar canais de mulheres negras no youtube falando sobre transição capilar e cuidados para cabelos crespos, só posteriormente essa identidade vem a desabrochar no espaço institucional. É inegável a influência das redes nas vidas de nós mulheres negras, sobretudo jovens que como apresento neste trabalho compõem o maior grupo de consumidores das redes virtuais.

Esse tipo de estudo no online possibilita a percepção e comparação entre o ambiente online virtual e o não virtual. É viável a partir da pesquisa netnográfica uma observação analítica dos nichos produzidos online, suas interações e paralelo com o não virtual como cita Silva (2015, p.342).

Em netnografia tem-se a possibilidade de encurtar as distâncias entre tempo e espaço, devido à própria dinâmica da Internet, em que os agrupamentos sociais estão dispostos em rede. Tais agrupamentos podem funcionar somente no espaço online, como também podem coexistir fora dele, no espaço offline. O que é interessante perceber na apropriação dos pressupostos da etnografia é o caráter investigativo e de observação da realidade do outro que continua presente na netnografia.

Enquanto a etnografia se propõe a estudar e escrever as culturas e comportamentos de um povo na realidade, como aponta Silva (2015), a netnografia realizada nesta pesquisa investiga os agrupamentos sociais evidentes em redes. Investiga nesse ambiente o canal “Gabi de pretas” e páginas do *Instagram*, assim na busca da escrita na internet, foram escolhidos dois vídeos e posts do início da criação do canal e página, um do período intermediário para análise do seu desenvolvimento e três recentes. Sendo os vídeos recentes divididos entre o período de pandemia do covid-19 e pós pandemia do covid-19. Os nichos analisados serão voltados à estética negra, moda e autoafirmação do poder e identidade da negra.

Pessoas devem ser capazes de se expressar livremente, compartilhar opiniões, promover o diálogo aberto, e que a liberdade criativa propicia o surgimento de novas vozes, formatos e possibilidades” e que “todos devam ter acesso livre e fácil às informações e que o vídeo tem grande influência na educação, na construção do entendimento e na transmissão de informações sobre acontecimentos no mundo (Youtube, 2020).

A pesquisa aborda sobre o papel do meio virtual, um lugar de educação não formal como elemento simbólico para a construção identitária das mulheres negras, destacando

que identidades são construções sociais não estáticas. E que sua perspectiva social se transforma de acordo as engrenagens que é a população, e suas visões sobre si e o outro. No entanto, problematizar os fatores encravados desde o colonial, que de certo modo são bússolas limitadoras ainda vigentes, barreiras para o respeito às diversas diferenças cultural e física, é algo indispensável.

Nesse sentido, é cabível exemplificar a potencialidade do meio digital para a construção da identidade da mulher negra que possa vir a romper tais barreiras visíveis e invisíveis de sua(s) identidade(s). O uso do (S) plural se aplica pois, o ser negra é um processo construtor de vir a ser. Primeiro se é negra porque te disseram que devido ao tom de pele escuro você era negra (Definição estereotipada), depois este ser negra se forma a partir do reconhecer-se como tal (Identificação), processo que é interligado o individual e coletivo e vice-versa.

Assim, o alcance e valorização da internet na sociedade da era tecnológica, torna imprescindível o estudo do espaço. Diante disto, será observado a formação da identidade a partir da união das mulheres negras, expressa por meio dos comentários, índices de interações e curtidas. A formação da identidade no e do porvir, uma breve relação na qual conecta o ontem, o hoje e o amanhã. Passado, presente e futuro entrelaçados e alinhados em redes. Essas virtuais e reais sob latentes forças da ancestralidade às quais já foram conectadas pela luta, força, suor e lágrimas de cada preta, derramadas nas águas salgadas do Atlântico, cada chibatada, cada abuso sobre seus corpos, e em cada ação de insubmissão.

Como o índice de morte era extremamente alto durante as travessias, as rotas do Atlântico, se tornaram um enorme cemitério na imensidão do mar aberto. Rotas que estabeleceram não apenas a comunicação ultramarina entre os colonizadores e suas transações assassinas, mas também comunicações ancestrais dos afetos que transitavam pelas águas junto aos corpos vivos e mortos do povo negro, mobilizando diferentes afecções, sentidos e subjetividades. (Soares, 2021, p.40).

O meio educacional estabelece relações diretas de aproximação e distanciamentos com o que hoje se reconhece como identidade de um sujeito. A partir desse meio determinadas características recebem estímulos para se constituir em detrimento de outras, que é diferente do eu estimulado, logo não é um igual, ocupa uma posição inferior na linha abissal, Boaventura (2019).

Apesar da conquista de negras com grandes números de seguidores e engajamentos no *Instagram* e *Youtube*, não é por um acaso que elas ainda são minorias no meio, vistas como “corpos estranhos”, tanto negativamente, pois precisam trabalhar

mais para serem notadas pelas marcas, quanto positivamente, pois é um corpo estranho que representa outras milhares, que também são preteridas em diversas posições.

É necessário não perder de vista que os espaços de educação formal tem recebido os choques de decolonialidades de diversos movimentos sociais e ativistas, de acordo com múltiplas pesquisas, entre elas a da pesquisadora Aguilar (2022) que aponta os dados que os movimentos intensificados nas décadas de 80 e 95 proporcionam uma aproximação de horizonte, onde a educação libertadora surge com grande efervescência.

Conforme o ensino formal se modifica, o ensino não formal também recebe avanços. Isso devido a ação de interação e ensinamento com linguagem mais acessíveis a variados públicos de mulheres negras, politizadas e cientes da importância da compreensão de vários assuntos, buscando compartilhar seus saberes e conhecimentos com outras negras. Visto que conhecimento é poder, é arma de insubmissão.

Sobre a prática de educação se torna indispensável destacar que ela é o meio capaz de gerar transformações no mundo. Sejam elas potentes ou não. No entanto, não se deve deixar escapar o olhar menos formalista sobre a educação, pois ela se faz não apenas nas instituições formais de ensino.

A educação formal está consolidada hoje e é uma necessidade do ser humano. Você não escolhe nada quando começa a estudar, quem escolhe é a escola e isso é muito importante para que se possa ter um conhecimento compartilhado. Mas, antes disso, havia um aprendizado não formal no qual a pessoa ficava ao lado do mestre, observando e aprendendo. (Paulette Mcmanus, 2013, p.22)

Os meios não formais de educação sempre estiveram presentes em nosso cotidiano, e sua validação se faz eficiente na medida que consegue alcançar áreas que são limitadas ao ensino formal. No panorama educacional as plataformas do *Youtube* e *Instagram* são ferramentas de comunicação de longo alcance. O acesso simplificado e a linguagem popular garantem maior amplitude de público.

Desse modo, ao observar estas estratégias e dinâmicas, que compõem uma educação não formal, realizada pelas influencers e youtubers na internet, marcam essa pesquisa como metodologicamente netnográfica. De acordo Suelen Silva (2015, p.339);

Netnografia é uma forma especializada de etnografia e utiliza comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural na Internet. Sua abordagem é adaptada para estudar fóruns, grupos de notícias, blogs, redes sociais etc.

Para tanto foi abordado o contexto virtual digital como espaço de estudo e observações, das relações e interações entre meninas e mulheres negras. Interações estas que a partir do olhar crítico analítico, foram compreendidas como conteúdos e mecanismos que auxiliam na construção identitária de negras, fornecendo narrativas antirracistas de conhecimento e desconstrução de estereótipos sobre suas corpos, histórias e referências. De maneira netnográfica foi escolhido e analisada postagens do *Instagram* @asnegasdoziriguidumoficial e do *Youtube* o canal “Gabi de pretas/ Gabi Oliveira”. Os critérios de análises são baseados nos conceitos de raça e gênero, nos conteúdos e interações nos comentários que perpassam a dororidade sobre essas categorias.

Em netnografia tem-se a possibilidade de encurtar as distâncias entre tempo e espaço, devido à própria dinâmica da Internet, em que os grupamentos sociais estão dispostos em rede. Tais grupamentos podem funcionar somente no espaço online, como também podem coexistir fora dele, no espaço offline. O que é interessante perceber na apropriação dos pressupostos da etnografia é o caráter investigativo e de observação da realidade do outro que continua presente na netnografia. (Silva, 2015, p.342)

Essa forma de estudo oferece um alcance maior de análise ao reduzir as distâncias, pois não exige interações físicas, por ser uma metodologia de pesquisa totalmente voltada à internet e interações no ambiente, não deixando de lado a essência da pesquisa investigativa etnográfica e olhar para a outra, corpa/outra essa que também aparece nas redes sociais. Dessa maneira, neste trabalho, a partir de uma observação e estudo crítico, realizo análise dos conteúdos criados por mulheres negras, sua influência e suas falas na construção identitária de meninas e mulheres negras a partir da análise dos comentários.

Essa análise nos comentários inicialmente se deu pela leitura de cada um, no entanto, percebi que em muito eles se completavam, eram similares em pontos chave, então os estudei a partir de ferramenta do próprio *Youtube*, que permite a busca nos comentários a partir de palavras chave. A palavra principal de buscas foi selecionada dentro do próprio vídeo de acordo com a temática nele tratada. Além de que foram palavras associadas a elementos simbólicos para a formação identitária de negras⁵¹. Bacelar e Cappelle (2022, p.2) diante dos estudos netnográficos voltados aos corpos de mulheres influenciadoras, citam a partir de Cirucci (2018) que são as mulheres as que estão mais ativas nesses espaços, como local de trabalho.

⁵¹ Palavras como belo, bonito, dor, força, auto aceitação, cabelo, transição, infância, racismo, inspiração. Foram selecionadas para a busca nos comentários do *Youtube*. No *Instagram* a análise se deu a partir da leitura de todos os comentários.

Segundo Cirucci (2018), além das mulheres estarem mais comprometidas com o trabalho digital, quando comparadas aos homens, também estão mais propensas a realizar interações online. Em seus achados, Cirucci (2018) argumenta que as mulheres definem sites de redes sociais como extensões simbólicas da casa, onde poderiam realizar trabalho, enquanto homens descrevem sites de redes sociais como plataformas de entretenimento. Devido à expectativa social de que mulheres deveriam trabalhar em casa, plataformas de redes sociais representam locais de trabalho continuado para elas.

Embora Bacelar e Cappelle, aborde esse espaço apenas como recurso de trabalho, para os movimentos esse é um canal/espaço possível de trocas em aprendizagens e saberes, de aplicação de uma educação não formal que fortaleça a construção de identidades não subalternizadas sob ideologia do colonialismo⁵², que transcende a contemporaneidade como colonialidade. A colonialidade cria um lugar em que a humanidade não pertence a todos, transformando em coisas aqueles que não pertencem a seu grupo étnico, construindo assim experiências distintas entre os sujeitos que constroem a sociedade, Flávio Santiago (2018, p.9).

Assim, compreendendo esse meio de comunicação como um espaço não apenas de trabalho para remuneração, mas também de engajamento de lutas e extensão de comunicação, esse meio é um propulsor de espalhamento de vozes, as vozes que passaram e continuam passando por tentativas de silenciamentos, essas as quais foram despidas de humanidade e na modernidade ousadas nas redes sociais e canais de comunicação engajadas, enquanto sujeitas falantes e insubmissas diante da “ordem das bicadas⁵³” e do cis-tema, para desgosto do patriarcado branco, adentram os diversos cenário e realidades das nossas, sejam esses de marginalização e desigualdades⁵⁴ ou de alguma vantagem.

⁵² O Colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada. Uma ferida que dói sempre, por vezes infecta, e outras vezes sangra.” - Grada Kilomba

⁵³ De acordo (Gomes; Cunha e Moreira, p.582, 2022) Saffioti denomina a organização do galinheiro, vigora do seguinte modo: O “galo” tem maior poder sobre aquele espaço, sendo ele uma representação do homem branco e abastado. Tomando como base um hipotético galinheiro, composto por dez galinhas e um galo, o macho concentraria o poder sobre as demais fêmeas. Como exercício de seu poder, o galo bicaria a primeira galinha, podendo igualmente bicar as demais. A galinha que receberia a primeira bicada, mesmo estando submetida ao poder do galo “dominante”, exercerá um relativo poder sobre as demais, podendo bicar todas as outras. A segunda galinha, mesmo sendo bicada pelo galo e pela primeira galinha a receber a bicada, exerceria poder sobre as demais; e assim sucessivamente, até chegarmos a última galinha – aquela que é bicada tanto pelo macho quanto pelas nove outras fêmeas. Esta última galinha não possuiria poder sobre nenhum outro integrante do galinheiro, estando assim na base dessa organização hierárquica.

⁵⁴ (Silva; Moreira, p.155,2023) debatem que “Diante dessa realidade de desigualdades, as mulheres, principalmente mulheres negras, indígenas, afro-americanas e africanas seguem na luta antirracista, feminista e em Direitos Humanos, reivindicando políticas públicas para a promoção da equidade racial e de gênero, justiça social e do bem viver aos grupos sociais historicamente excluídos, tais

Virtualmente acessam a casa de centenas, e até mesmo milhares de pessoas com mensagens que podem vir de assuntos bem elaborados academicamente, a simples vivências que suprem como inspiração a outras meninas e mulheres negras, sobre sua própria condição de sujeita negra no mundo conectado nas redes o “eu” privado ao nós “coletivo” na batalha por direitos a liberdade e equidade.

4- CAPÍTULO II AS REDES DE FUGA: AS CONEXÕES ANCESTRAIS E VIRTUAIS ENTRE MULHERES NEGRAS.

As redes sociais carregam grande impacto na sociedade. Assim, ao voltar os olhares a esses espaços percebe-se que hoje ele se concretizou como espaço de poder e voz. Mas qual voz tem ecoado nas redes e quando ecoa e o que se ecoa?

Sendo uma área em ascensão, as redes sociais proporcionam uma forma de pesquisa online, conceituada como netnografia, essa abordagem metodológica de estudo e pesquisa se caracteriza pelo recorte voltado ao meio virtual, onde todas as análises se dão no âmbito do ambiente online, nas redes. De forma analítica, é observado canais e páginas as quais selecionei por sua atuação e redes de conexões com outras páginas e canais atuantes na propagação de informações, apoio, educação e política a pessoas negras, partindo de um posicionamento negro feminista⁵⁵ para a fuga dos silêncios e inexistências.

como negros, indígenas, trabalhadores e trabalhadoras, e a população LGBTQIA+. Nessa perspectiva, o lugar de que falamos é o lugar de posicionamento, de resistência de mulheres que construíram e constroem redes feministas em seus cotidianos e, mais que isso, buscam estremecer a “ordem das bicadas” (SAFIOTTI, 1987), imposta pela sociedade patriarcal, capitalista e neoliberal”.

⁵⁵ As mulheres do Movimento negro, percebiam que suas particularidades não eram abordadas dentro do movimento negro, assim como também não eram saciadas no Movimento de mulheres, logo em suas discursões levantaram essa ausência e mobilizaram suas pares e seus companheiros para a luta em busca da “alforria de nossas corpos” que eram oprimidas pelas variadas formas hierárquicas de dominação. Lélia Gonzalez (1984, p.8) dialoga sobre os inícios dessa discussão envolta de raça e gênero apontando que “Os históricos encontros na Universidade Cândido Mendes (Rio de Janeiro-RJ) atraíram toda uma nova geração negra que ali passou a se reunir para discutir o racismo e suas práticas, enquanto modo de exclusão da comunidade negra. Vivia se, naqueles momentos, a euforia do “milagre brasileiro”, do “ninguém segura este país” e coisas que tais. Mas, a “negadinha” ali reunida (fins de 1973 / início de 1974), sabia muito bem o que isto significava para a nossa comunidade. E, fato da maior importância (comumente “esquecido” pelo próprio Movimento Negro), era justamente o da atuação das mulheres negras que, ao que parece, antes mesmo da existência de organizações do Movimento de Mulheres, reuniam-se para discutir o seu cotidiano marcado, por um lado, pela discriminação racial e, por outro, pelo machismo não só dos homens brancos, mas dos próprios negros. E não deixavam de reconhecer o caráter mais acentuado do machismo negro, uma vez que este se articula com mecanismos compensatórios que são efeitos diretos da opressão racial (afinal, qual a mulher negra que não passou pela experiência de ver o filho, o irmão, o companheiro, o namorado, o amigo, etc., passarem pela humilhação da suspeição policial, por exemplo?). Nesse sentido, o feminismo negro possui sua diferença específica em face do ocidental: a da solidariedade, fundada numa experiência histórica comum. Por isso mesmo, após sua reunião, aquelas mulheres: Beatriz (Nascimento), Marlene, Vera Mara, Joana, Alba, Judite, Stella, Lucia, Norma, Zumba, Alzira, Lísia e várias outras (eram cerca de vinte) juntavam-se a seus companheiros para a reunião ampliada (que chamavam de “Grupão”), onde

4.1 - A potencialidade de ter referências e conhecer a ancestralidade na construção identitária.

A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico, sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (Munanga, 1994: 177-178).

No ambiente das redes sociais virtuais há um alcance de grandes massas de público, logo é um meio de amplificação dos polos emissores da fala e agentes receptores, assim é o meio de encurtar distâncias e palco para que continuemos “criando casos”⁵⁶ e construindo nossas identidades. Dessa maneira o espaço se constitui como uma ferramenta que bem utilizada, pode gerar múltiplas transformações nos conceitos, normas e pensamentos sociais, como aborda a pesquisadora Desirée Pires (2021)⁵⁷ o compartilhamento de notícias e informações realizado na mesma é capaz de transformar as opiniões públicas⁵⁸.

É possível que tais esforços pavimentem o caminho a fim de lograr descentralizar e democratizar a produção e a distribuição na esfera da comunicação social. O futuro depende em grande medida de uma consciência das alternativas abertas, sejam econômicas, tecnológicas e sobretudo políticas, e do equilíbrio entre as forças sociais e um esforço consciente para a promoção das condições ótimas para a comunicação dentro das nações e entre elas. (Macbride, 1980, p, 58-59)

colocavam os resultados de sua discussão anterior, a fim de que o conjunto também refletisse sobre a condição da mulher negra”.

⁵⁶Elizabeth Viana (2010, p.59) aborda a partir do pensamento feminista de Lélia Gonzalez, os primeiros anos dos movimentos negros feministas, e a falta de “solidariedade” de nossas irmãs brancas. ela cita que “o movimento feminista, nesta época e agora como vimos no testemunho de Gláucia Mattos, não conseguia incorporar também em seu discurso a dimensão de raça (e de classe), além de que estava, como afirma Sueli Carneiro, “prisioneiro” de uma “visão eurocêntrica” e “universalizante das mulheres” (Carneiro, 2004, p. 308). Essa perspectiva não só invisibilizava a história das mulheres negras como relegava a um segundo plano suas especificidades. É por isso que as “Lélias” e as “Gláucias” da vida continuam ‘criando caso”’.

⁵⁷ Em suas pesquisas, Pires (p.55), ao analisar também o *Facebook*, conclui que “Percebemos, atualmente, que a atuação de mulheres nas redes sociais por meio do Mulheres Unidas contra Bolsonaro (MUCB) é muito mais do que um simples grupo de discussão no *Facebook*. Ele se constitui hoje como uma comunidade que tem por intuito oportunizar uma educação política para/pelas mulheres em defesa dos direitos humanos.” As ações de mulheres negras nas redes são também movimentos educacionais políticos, a fala é política, assim como a educação.

⁵⁸ Damasceno, 2016, p. 26

Em virtude desta relevância do meio que age no virtual e estende-se ao espaço não virtual, a pesquisa realizada neste trabalho se caracteriza como uma análise netnográfica. A escolha do tema de estudo surge em uma conversa com o orientador, onde expus temas e problemáticas que me perpassam enquanto sujeita preta. Visto que desde a graduação busquei voltar meu olhar e escrita a problematização direcionada ao ensino de mulheres negras, ao nosso desenvolvimento e o que fazem e fazemos de nós nas escolas, nos livros didáticos e meio de educação formal.

Desde o século XIX ao XXI muitas foram as teorias desenvolvidas e difundidas em espaço de poder e ensino formal, tidas como científicas, que inferiorizam os corpos negros, sobretudo o das mulheres negra.⁵⁹

Porém, o que meninas e mulheres negras fazem do que a sociedade racista, sexista e machista faz delas? O que fazemos para subverter a condição de corpo marcado pelo não poder? tido que “Na ordem patriarcal de gênero, o branco encontra vantagem, [...] o poder é macho, branco e, de preferência, heterossexual” (Saffioti, 2015, p.33). Porém “[...] a mulher negra é responsável por um inconsciente cultural negro brasileiro⁶⁰” Nossa força se desperta nas dororidades, no coletivo, pois como já citado no capítulo anterior, somos uma, mas não sós. De maneira que as redes sociais se estendem como caminho de conscientização e empoderamento da corpa social e política.

Diante da problemática da ordem branco macho patriarcal, a educação formal por tempos e bases brancocêntricas, serviram como mecanismo de perpetuação dessas ordem de poder baseada no gênero e raça, mas, os movimentos de feministas negras, vagaroso, porém continuo e teimoso, escancaram que o pensar e discutir raça e gênero é uma trajetória urgente para a evolução do desenvolvimento e promoção de direitos humanos.

O exercício de pensar as relações de modo interseccional, segundo McClintock (2010), possibilita uma ruptura no pensamento moderno, produzindo ideias teóricas pós-coloniais: raça, gênero e classe não são campos distintos e isolados da experiência. O gênero não é somente uma questão ligada aos atributos culturais construídos a partir de um “sexo biológico”, mas também é uma questão de classe, de uma pilhagem colonial. Raça não é somente uma questão de cor da pele, mas também uma questão de divisão social das forças de trabalho, incubada pelo gênero. Esses domínios não são redutíveis ou idênticos entre si, existem em relação íntima, recíprocas e contraditórias.

⁵⁹ Renato Kehl (1923); Alexandre Tepedino; Júlia Lopes de Almeida (1906); Porto Carrero, entre outros.

⁶⁰ Gonzalez, ([1985] 2020), p. 307.

Certamente nós mulheres negras somos muitas, porém realço o questionamento “de onde falam as muitas de nós que não adentram as universidades?” diante da pilhagem de nossas corpos nossa voz se torna ausência nos espaços de poder na realidade⁶¹ não virtual. Segundo notícias do Informe MIR - Monitoramento e avaliação - nº 2 - Edição Mulheres Negras (2023).

A população negra historicamente foi mantida à margem do sistema educacional brasileiro, sendo expressamente proibida de frequentar escolas, durante o período colonial ou tendo seu acesso restrito aos negros livres, durante o período imperial. Com a Proclamação da República e a política de branqueamento, apesar de não proibido, o acesso da população negra à educação era bastante limitado e somente no início do século XX começa haver mudanças substanciais por força do movimento negro organizado (Romão, 2005; Domingues, 2008). O que se observa é que o sistema educacional ainda privilegia a população branca e persistem enormes desigualdades raciais no acesso à educação no Brasil, como pode ser visto na tabela 1. Entre 1995 e 2015, a taxa de analfabetismo caiu a menos da metade, tanto para as mulheres negras, quanto para as mulheres brancas, mas o nível de desigualdade manteve-se praticamente inalterado – entre as mulheres negras é mais de duas vezes a observada entre as mulheres brancas – estimativas mais recentes sugerem que as disparidades continuam no mesmo patamar. Em 2022, a taxa de analfabetismo entre as mulheres negras foi de 6,9%, enquanto para as mulheres brancas foi de 3,4%.

Nos espaços fora da rede social virtual as inquietações são privadas, as desigualdades são estatísticas ocultas a quem não vivencia ou volta os olhares a cena, mas quando essas desigualdades promovida pelas opressões e marginalidades são lançadas nas redes sociais, elas alcançam sujeitas que vivenciam processos similares, e a partir do engajamento gerado seja pelas interações, ou pelo compartilhamento, tornam-se questões públicas e as inquietações deixam de ser privadas, se tornam uma dororidade comum e pública que inquieta outras, podendo até mesmo reverberar em ações de movimentos fora das redes sociais. Quando engajamos temas que nos perpassa, estamos realizando uma ação de mobilização que transita a denúncia, educação e empoderamento, pois mostramos que sim, somos críticas e não passivas perante as violências sob nossos corpos.

⁶¹ Das 94 mulheres eleitas para a Câmara dos Deputados, nove são negras e irão ocupar as cadeiras do legislativo representando os partidos PT, PSOL, PCdoB e REDE. Em relação a 2018, o número de mulheres cresceu 22%, mas ainda representa apenas 18% do total. Já o número de mulheres negras diminuiu cinco cadeiras, queda de 38%. [https://www.brasildefato.com.br/2023/07/31/cresce-participacao-de-mulheres-negras-na-politica-mas-violencia-persiste#:~:text=Fruto%20das%20lutas%20de%20mulheres,da%20hist%C3%B3ria%20do%20parlament%20brasileiro](https://www.brasildefato.com.br/2023/07/31/cresce-participacao-de-mulheres-negras-na-politica-mas-violencia-persiste#:~:text=Fruto%20das%20lutas%20de%20mulheres,da%20hist%C3%B3ria%20do%20parlament%20brasileiro.). 2022 acesso 13/06/2024.

No que tange os aspectos de comunicação e alcance, as redes sociais é algo que está constantemente presente e vivido a todo instante entre a grande massa, sobretudo entre o grupo de pessoas jovens, como apresenta a matéria da publicitária Danielle Salgado⁶².

A frequência de uso do Instagram mudou pouco no último ano, com leve tendência para o uso mais frequente. É entre os mais jovens que o uso rede é mais popular, de acordo com o público de 16 a 29 anos, 83% usam várias vezes ao dia ou deixam aberto o dia todo. Já na faixa de 30 a 49 anos, o percentual cai para 78%. A partir dos 50 anos, são 70%.

As redes sociais hoje desenvolvem um papel para além de um mecanismo de lazer, sendo também um espaço de marketing, vendas, influências e disseminação de conteúdos simbólicos. Durante a pandemia de Covid-19, as redes sociais também foram canais de levantamento de pautas significantes, assim como em outros momentos em que as pautas abordadas saíram das páginas para a realidade, a exemplo os movimentos #AbusoDoÉseuRacismo, #elenão, o #vidasnegrasimportam, entre outros.

Com o intuito de tratar a efervescência da comunicação e movimento de mulheres negras feministas diante do processo de ensinar e aprender, se desdobra a interrogação e inquietante curiosidade do pensar nas redes sociais, páginas e canais digitais como mecanismos que transformam a maneira de se fazer movimentos ativistas. Dessa forma, transformam o não lugar da internet em lugares seus, espaços próprios para fazer nascer suas vozes e cultivar as vozes de meninas e mulheres negras, não qualquer voz, porque não basta ser influencer negra (como ser branco muitas vezes basta a branquitude) é preciso ter consciência crítica.

Acrescentamos que existe evidentemente o não lugar como o lugar: ele nunca existe sob uma forma pura: lugares se recompõem nele: relações se reconstituem nele: as 'astúcias milenares' da 'invenção do cotidiano' e das 'artes de fazer', das quais Michel de Certeau prôpos análises tão sutis, podem abrir nele um caminho para si e desenvolver suas estratégias (AUGÉ, 2008, p.74).

As redes sociais, oferecem maior agilidade e velocidade na propagação de lutas, além de exercer influência na construção das sujeitas negras pensantes, políticas e críticas. A partir das análises sutis, mulheres negras estão construindo caminhos que percorrem

⁶² Pesquisa sobre o Instagram no Brasil: dados de comportamento dos usuários, hábitos e preferências no uso do Instagram <https://blog.opinionbox.com/pesquisa-instagram/>

do virtual para o real como estratégia de desenvolvimento de lutas sociais negras feministas.

O “eu” é assim ao mesmo tempo o “nós”, sem estar fundido em uma unidade impossível. Ser um ator político é uma função, uma característica de agir em termos de igualdade com outros humanos – essa importante formulação arendtiana permanece relevante para as lutas democráticas contemporâneas. A igualdade é uma condição e uma característica da ação política em si, ao mesmo tempo que é o seu objetivo. O exercício de liberdade é algo que não vem de você ou de mim, mas do que está entre nós, da ligação que estabelecemos no momento em que exercitamos juntos a liberdade, uma ligação sem a qual não existe liberdade. (Butler, Judith, 2018, p.38)

O retrocesso é marca legítima do racismo, sexismo e patriarcado, pois essa infringe valores, fazendo da própria liberdade uma dádiva para poucas figuras usufruir. Isso baseado em privilégios de raça, classe, gênero, sexualidade e demais aspectos. Apontando corpos que não desfrutam dos mesmos privilégios como corpos errantes, sem história, pois, como cita Ki-Zerbo “A história é a memória das nações” sem histórias a memória da liberdade se perde nas narrativas da dominação.

Anteriormente eram as redes de televisões midiáticas, baseada em doutrinas racistas, machistas e sexistas que adentravam as casas a partir das imagens, novelas, programas e propagandas voltadas a branquitude como padrão ⁶³de beleza, inteligência, dignidade e todos os possíveis adjetivos de positividade. Se prorrogou a partir das mídias as narrativas da barbárie do não branco, desde o projeto colonial, atualizado nas teorias eugenistas, o não branco é caricaturado como corpos que devem ocupar as margens.

A invenção do outro se encontra fortemente relacionado com a invenção da cidadania. A criação da identidade do cidadão moderno na América Latina só seria possível se existisse um contraponto para essa cidadania. A construção do imaginário da “civilização”⁵ exigia necessariamente a produção de sua contraparte: o imaginário da “barbárie” (Lander, 2000, p. 55).

Através da influência exercida pelas imagens e narrativas produzidas no veículo comunicativo criava a imagem do humano ideal. E assim a corpa da mulher negra se define no meio pelo que Kilomba (2019) nomeia de outridade da mulher ideal, essa que

⁶³ Os relatos de dores perpassados através dessa auto imagem produzido a partir das mídias, são diversos, o “eu” formado na dor da não pertença. Uma internauta relatou no post que “Aos 5 anos de idade eu abri e joguei uma garrafa de água sanitária no corpo pra tirar aquela cor que falavam que era suja” e muitos são os outros narrando o qual machucadas foram na infância pela não consciência racial, porque não pertenciam, conheciam ou ocupavam a um espaço que era antirracista.

é do lar e branca⁶⁴. “A definição de um corpo feminino ideal já foi evidenciada e reiterada pela mídia em diversos formatos: novelas, propagandas e revistas, como um corpo jovem e magro, branco ou bronzeado que é apresentado como padrão reconhecido” (Brittos; Gastaldo, 2006). As negras (mesmo as que com boas condições financeiras, essas com todo seu negrume, não são as cidadãs, não carregam o corpo ideal) como cita Lélia Gonzalez (1984, p.230-231), resta o não lugar e a constante guerreira que luta pela fuga do papel da mucama.

[...] os casos de discriminação de mulheres negras da classe média, cada vez mais crescentes. Não adianta serem “educadas” ou estarem “bem vestidas” (afinal, “boa aparência”, como vemos nos anúncios de emprego é uma categoria “branca”, unicamente atribuível a “brancas” ou “clarinhas”). Os porteiros dos edifícios obrigamos a entrar pela porta de serviço, obedecendo instruções dos síndicos brancos (os mesmos que as “comem com os olhos” no carnaval ou nos oba-oba [...]2 só pode ser doméstica, logo, entrada 2 Trecho ilegível na cópia digitada. 231 de serviço. E, pensando bem, entrada de serviço é algo meio maroto, ambíguo, pois sem querer remete a gente prá outras entradas (não é “seu” síndico?). É por aí que a gente saca que não dá prá fingir que a outra função da mucama tenha sido esquecida. Está aí. Mas é justamente aquela negra anônima, habitante da periferia, nas baixadas da vida, quem sofre mais tragicamente os efeitos da terrível culpabilidade branca. Exatamente porque é ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha. Isto porque seu homem, seus irmãos ou seus filhos são objeto de perseguição policial sistemática (esquadrões da morte, “mãos brancas estão aí matando negros à vontade; observe-se que são negros jovens, com menos de trinta anos. Por outro lado, que se veja quem é a maioria da população carcerária deste país).

A construção de corpos “ideais” realizada pelas mídias impunham memórias, contos e falácias de raças e gêneros que inferiorizam e fantasiavam a mulher negra. Colocando a branquitude como centralidade dos padrões sociais, que carregavam em si o direito divino do ser e poder, além do direito de explorar a corpos/raças/gêneros que naturalmente precisavam servi-los. Ocupando e dominando deste modo os polos de poder nas comunicações, como a mídia, as escolas e outros locais, repetiam continuamente que dentro da lógica do viver, alguns eram corpos exploráveis, servis, que necessitam lutar para sobreviver e outros corpos que viviam, e nesse viver usufruíam dos múltiplos privilégios da raça e gênero.

Outros intelectuais se dispuseram a contribuir e a engrossar o feixe de enunciados que impuseram discursos e práticas demarcadoras de espaços sociais dos grupos raciais minoritários, conferindo-lhes o lugar de outsiders em

⁶⁴ A crítica feminista salienta como a representação das mulheres é associada sempre ao mundo privado, às atividades de cuidado e à vida familiar. Tal caracterização se constrói como o “Outro” do masculino, que aparece dedicado às tarefas de prestígio e ao desfrute do espaço público (Simone BEAUVOIR, 1967).

sua própria sociedade. A imprensa também foi uma agência poderosa na difusão dessa formação discursiva contra mulheres negras. Ver, por exemplo, Nepomuceno (2008), que apresenta o papel da imprensa carioca nos anos de 1920, na reprodução de preconceitos e estereótipos contra artistas negras. A legitimação da inferioridade apresentava-se englobada em figuras mais gerais definidoras e definitivas, tais como a erotização da imagem da mulher negra, o par antagônico racializado: beleza (branco)/feiura (negro). A aliança com a pedagogia traduziu essa reiteração em experiências cotidianas, no que se refere aos materiais didáticos e às práticas pedagógicas que classificavam, demarcavam e estereotipavam professoras e alunos negros (Fonseca, 2016, p.406).



Fonte: Instagram @asnegasdoziriguidumoficial

Diante desse processo, a mulher negra foi e continua a ser a corpa lançada às margens, como cita Marcia Rangel Candido e João Feres Júnior (2019, p.6). Os corpos negros enfrentam a ausência da positividade nos diversos meios de educação, seja esse formal ou não formal, nos séculos XIX e XX.

Tal processo de estereotipação das mulheres negras não é restrito ao Brasil. bell hooks identifica o emprego de estereótipos desumanizadoras nas representações estadunidenses, associados à imagem da mulher negra como selvagens sexuais, prostitutas, desleais e amorais (hooks, 1982). Mas o caso brasileiro parece apresentar peculiaridades. A mulata, em particular, devido à ambiguidade de sua representação, às vezes aproximada do padrão de beleza da branquitude, serviu para operar a rejeição à negra preta (CORRÊA, 1996). A década de 1950 ofereceu abertura para que as mulatas se transformassem em símbolos sexuais e em referências de beleza. Não obstante, esse processo foi bastante incompleto, uma vez que diversos papéis abertos a serem representados por mulheres negras acabaram sendo interpretados por mulheres brancas (RODRIGUES, 2011).

Se as mídias televisivas eram o trajeto de percurso das referências que influenciaram crianças, jovens e mulheres negras de modo estereotipado pautado no

imaginário racista, hoje as redes sociais que estão nessas posições de influência (tanto de maneira benéfica para a tomada de consciência e empoderamento, quanto para o desenvolvimento de problemas de aceitação da auto imagem).

A imagem apresentada logo acima pelas “negas do ziriguidum”, carrega uma mensagem de leitura simples e direta, sobre a importância da representação e de histórias onde não apenas mulheres brancas sejam protagonistas, mas que também vejamos mulheres negras em destaque, em situações de positividade para construirmos uma sociedade que ofereça condições igualitárias de equidade social. A filósofa Katiúscia Ribeiro, participou do debate que se deu no *Youtube* no canal @BrunoCorano no qual a intelectual pesquisadora trouxe por meio de compartilhamento em seu feed na rede social *Instagram* @kattiusciaribeiro, a discussão onde ela problematiza que;

Como que nós olharemos e construiremos uma sociedade onde todas as pessoas são iguais se você vê, você não precisa ir muito longe, você pode ligar a televisão, você vê a polícia todo dia, extermina pessoas negras. Atualmente você tá vendo a polícia exterminar na Bahia, a polícia exterminar em São Paulo. Aí você tem outras formas de extermínio. O professor Abdias Nascimento, traz isso. A gente tem esse genocídio, que é um genocídio factual, que você tá ali olhando, mas tem na estética, tem na cultura, tem na mídia, tem na educação. Então todos esses pontos eles precisam ser tratados, todos esses pontos eles precisam ser colocados à frente e a população negra é cada vez mais tomando consciência do seu lugar enquanto pessoa pretas. Enquanto agentes políticos e o racismo, ele precisa ser colocado como centro. O Brasil ele é um país extremamente racista⁶⁵.

A partir de ambos os posts tanto o da imagem, quanto o de Katiúscia Ribeiro, podemos questionar sobre o que nossas irmãs, meninas negras, consomem desde a infância, advindos do meio midiático e virtual, para além de como isso afeta nossas identidades, para assim pensar meios de divulgação de vozes da potencialidade, ou seja, vozes de negras que influenciam a “criar casos”, a não ser negra mansa diante das opressões, desigualdades e que mostrem que o negrume de nossa pele não é a marca da escravidão, da servidão, mas sim de povos, mulheres estrategistas, políticas que se levantam e reescrevem a si e suas comunidades no cis-temas que a séculos ignoram e exploram nossas vidas⁶⁶.

⁶⁵Katiúscia Ribeiro <https://www.instagram.com/reel/C--DIJ6pXcM/?igsh=MWN3dmFpaHZkbnU1Zg==> acesso 26/06/2024.

⁶⁶ Bárbara Carine questiona ao apontar que no Brasil as pessoas negras são as maiores vítimas de todas as mazelas sociais. Na ausência do acesso à moradia, à educação, à saúde, ao saneamento básico, à mobilidade urbana. Somos nós que engrossamos as taxas de suicídio, de genocídio, de pessoas em condição de rua, de pessoas em privação de liberdade, todas as maiores tragédias sociais. Os quantitativos, a estatística sempre

Da mesma maneira que estrategicamente os brancos aplicavam a separação nas negras e negros quando trazidos para cá, buscando romper laços, clãs e unidade familiar, as mídias foram usadas por eles para retratar a personificação desse projeto de separação. Por meio delas se propagou a imagem do corpo negro fora de lugar, errante e do corpo branco como o ideal. Assim separaram não apenas povos, mas o indivíduo de sua própria imagem, do reconhecimento do *eu*.

Entretanto, como expõe Barbara Carine em publicação em seu *Instagram* no dia 21/07/2024 “A gente é planejado para não existir. Resistimos coletivamente e hoje existimos!” Como a intelectual aponta, mesmo com todos os ditos de contenção que a sociedade impõe para nós, a gente consegue, a gente se inscreve e reescreve como aponta Nascimento (2008, p.122) No passado mulheres negras tomam para si a responsabilidade de manter a unidade familiar e a coesão grupal, preservando as tradições culturais, particularmente as religiosas. No presente, mulheres negras ainda exercem funções de ensino e cuidado com as suas nos meios e caminhos de contra narrativa que alcançam.

Abordagem essa que vai ao encontro da linha de pensamento dialogado e problematizado por Gabi de Oliveira a 4 anos, no vídeo depositado via postagem no *Youtube* intitulado “Vamos construir nossas referências?”.



Fonte: Galeria pessoal da pesquisadora Danielle Almeida.

aponta para nós, no sentido da maior amostragem. Não faz sentido nós enquanto maioria da população ocupar apenas esses lugares e não no judiciário, na saúde, na política institucional, na mídia televisiva, na cena cultural.

<https://www.instagram.com/reel/C47wXtjgWpg/?igsh=dzBsb3c3YnYxNm1w>

Gabi Oliveira é incisiva ao mediar a discussão sobre a importância de mulheres negras serem e terem representatividade e não uma representação de representatividade, pois ver e ter outras mulheres negras ocupando espaços importantes é força para todas nós. Gabi de Oliveira apresenta em seu vídeo, Issa Rae, como uma mulher negra que a inspira e como se vê na mesma, que tem como objetivo criar narrativas para mulheres negras para além dos estereótipos, que são constantemente reforçados por Hollywood. Apresenta para as inscritas também Sueli Carneiro⁶⁷, e reforça a necessidade de referenciar mulheres e homens negros que abriram caminhos para que possamos dialogar sobre nossa negritude, fala sobre sua amiga Egnalda Cortes, mulher negra fundadora da Cortes assessoria, uma empresa pioneira no cuidado comercial com criadores de conteúdo. Ela relembra que em 2016 as marcas achavam que era muito normal pagar até cinco vezes menos para criadores negros e que foi Egnalda, uma das pessoas que prestou apoio e deu força para ela não desistir. Explanar as nossas é a continuação da luta das negras ancestrais que (re)constituíram as unidades familiares para sobrevivência física e espiritual da comunidade.

Mulheres negras são símbolos de resistência e recomeços, e precisamos repercutir narrativas que contam sobre nossa magnificência, sobre a potencialidade que é a ligação com nossas ancestrais. Ligação essa que “As negas do ziriguidum” novamente trazem a partir do uso de imagens.

⁶⁷ Gabi Oliveira cita que Sueli Carneiro é uma das mulheres que possibilitaram que mulheres negras trouxessem suas narrativas para a internet. Que ela é uma das inspirações para mulheres negras que usam a internet como ferramenta. Ela cita como referência também Viola Davis, que em seus discursos de acordo Gabi, ela sempre traz à luz as discriminações raciais que faz com que pessoas negras tenham menos oportunidades de se destacar na indústria de Hollywood. E por último ela apresenta a própria mãe, e finaliza falando das mulheres negras ao nosso redor que nos formam.



Fonte: Página do instagram @asnegasdoziriguidumoficial.

A imagem postada pelas “negas do ziriguidum” é uma imagem que fala, que elucida a ligação das várias mulheres e meninas negras, a representatividade da ancestralidade. Makota Vadina, comenta em “sagrada ancestral” a partir da republicação da página de *Instagram* @espiritualidade e despertar, que “A força vem de baixo, é embaixo que está toda nossa ancestralidade”.

As mulheres negras, historicamente, desempenharam importante papel na inscrição de epistemologias afro-diaspóricas na cultura brasileira, recolhendo e alinhando fragmentos das culturas violentadas pelo tráfico intercontinental, sobrepondo esses retalhos de memória aos códigos da cultura do colonizador. (Santos, 2012, p.33)

As relações sociais entre mulheres negras é emblema não apenas das marcas produzidas pelo colonizador sobre nossas corpas, mas também do que nós produzimos, nossas relações são retalhos da memória e história que o colonizador tenta infringir amnésia. Narrar nossas histórias, referenciar as nossas, não apenas no mundo físico é um caminho de expandir nosso polo de emissor e receptor, é um caminho para que meninas e mulheres negras não precisem ou queiram adotar as máscaras brancas e que haja a manutenção de nossos espelhos com a ancestralidade, para que esse não se quebre e possamos viver o pertencimento.

Além disso, Lévy (2010), aponta que as relações sociais são perpassadas pelas redes, mediada pelas tecnologias, dessa maneira ignorá-las é impossível. A rede social por si só não é capaz de gerar transformações positivas na sociedade e cidadanização das sujeitas as quais a própria vida, ponto de vida e existência são negadas (ou negligenciadas) pelo Estado, mas o que se faz delas para o processo de construção de consciência de raça, classe e gênero para a desnaturalização das racionalizações opressoras que marginaliza e empurra aos lugares de menores privilégios.

Cartells (2013), ao falar sobre as redes sociais, cita que os movimentos sociais desencadeiam e afetam questões voltadas às emoções, vindo a tocar participantes que a partir das trocas coletivas enfrentam os medos, traumas e desafios que possam existir devido a experiências do racismo.

As formas de socialização promovidas pela cibercultura construíram e constroem debates importantes em torno das relações de gênero, mulheres e poder. Paulatinamente, a autora percebe que estamos migrando a maneira de se viver em sociedade para o espaço virtual, trazendo nossos conflitos, desejos, anseios e embates para dentro desse outro espaço, onde a vida real já não pode mais ser desvinculada da virtual.(Pires; Motta, 2020, p.155).

Através de vivências, mulheres e meninas negras se conectam pela cibercultura, se reorganizam no espaço virtual e trocam dororidades, recebem apoio e confiança para contar e construir seus pontos de vida, tendo em vista que as histórias são a memória de um povo, conectadas, “viralizam” vozes, para escrever nossas histórias (novas), com queixas que expõe a fratura, os traumas, tornando público a dor que era privada, mostrando que esse privado é vivenciado por toda uma raça, logo precisa ser problemática, política. A partir da língua, narramos, ecoamos nossas vozes e pensamentos nas publicações de vídeos e novas narrativas que subvertem os contos, a fala e histórias nossas, narradas pela língua estrangeira do senhor, como aponta Nascimento (2019).⁶⁸

A língua é o que
Meu avô me contou
Mainha falou
E a que eu sei usar.

A língua
Não é da escola
Estrangeira, estranha
De lá.

A língua que falo

⁶⁸ Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo (Letramento Editorial, 2019).

E que me explica
E sei explicar
Não carece
De explicação nenhuma
Para se falar.

Eu não falo aqui a minha língua
Eu falo a língua que me deram
Mas essa língua é minha agora
Da forma que eu sei falar.

Na língua que nos deram, na qual apropriamos a nosso modo construímos aquilombamentos, e nesses espaços realizamos ações como o das Negas do Ziriguidum, que postaram como uma queixa exposta (tanto ao racismo naturalizado, como exercício de autorreflexão) ao racismo em nossas vidas, entre uma dessas queixas aborda sobre o racismo na infância, que é algo que tanto afeta o desenvolvimento infantil e estende-se a vida adulta. As negas do ziriguidum diante dessa temática, também realiza uma abordagem de discussões a partir de sugestões de filmes. Uma das sugestões foi a série “Them”, com destaque a uma cena em sala de aula, onde uma estudante negra é ridicularizada pelos colegas, porém a posição da professora é de diminuí-la e humilhar ainda mais⁶⁹.

Figura II- Suspensão por atrapalhar a sala de aula



Fonte: Página do Instagram @asnegasdoziriguidumoficial.

⁶⁹ <https://www.instagram.com/reel/C8GAjE5Mk-G/?igsh=NG44eDRyeHhrdmc3>

Para além dos comentários dessa publicação, um fator interessante que chama a atenção é o grande número de compartilhamentos 1.974, que demonstra que por mais que muitas de nós não compartilhe a partir das interações escritas nos 894 comentários as dororidades, ainda assim, são realizadas pelas interações a partir do compartilhamento com as pares. Nesta mesma publicação houve muitas trocas, relatos em um alto número de interações em forma de apoio e sentimento de dor por traumas compartilhados, onde muitas contaram o quanto sozinhas sentiam-se pelo fato de não encontrar proteção nas figuras dos adultos, dos professores, contra os ataques racistas, ou pelos castigos sofridos por reagirem de modo agressivo a humilhação.

Quando as professoras declararam não saber lidar com questões raciais na escola, segundo Oliveira, elas não estavam se omitindo conscientemente. Elas realmente não sabem! Prevalece, no universo escolar, um estatuto de branquitude, no qual a vítima precisa ser “alertada”, mas ao vitimizador não se tem o que dizer, simplesmente porque este permanece no mesmo território de branquitude, no qual atitudes e comportamentos discriminatórios são parte de um cotidiano e de um “território racial” idêntico. Sair deste território seria dismantelar a própria noção de identidade. Logo, é a identidade do outro que deve mudar. (Silva Jr, 2002, p.50-51)⁷⁰

De maneira e falas simples, As negas do ziriguidum, promovem reflexões críticas de temas que a sociedade busca silenciar naturalizando através da omissão. Elas “alertam” as vítimas sobre as opressões e que o lugar da submissão não é nosso por natureza e também alerta o vitimizador o advertindo sob seu papel na sociedade e a necessidade de ser aliados no combate ao racismo e desigualdades de raça e gênero. Politizam e ampliam as discussões e debate sobre a identidade, auto aceitação e auto ódio. Assim como no post anterior, onde elas questionam “quantas crianças negras cabem nesse vídeo?” na imagem também trazem essa abordagem.

⁷⁰ Como apontam diversas pesquisadoras negras e Eliane Cavalleiro. A educação anti-racista é um compromisso indispensável para um mundo melhor. 158. a mesma lista algumas características do que chama de educação anti-racista. 1. Reconhece a existência do problema racial na sociedade brasileira. 2. Busca, permanentemente, uma reflexão sobre o racismo e seus derivados no cotidiano escolar. 3. Repudia qualquer atitude preconceituosa e discriminatória na sociedade e no espaço escolar e cuida para que as relações interpessoais entre adultos e crianças, negras e brancas, sejam respeitadas. 4. Não despreza a diversidade presente no ambiente escolar: utiliza-a para promover a igualdade, encorajando a participação de todos os alunos. 5. Ensina às crianças e aos adolescentes uma história crítica sobre os diferentes grupos que constituem a história brasileira. 6. Busca materiais que contribuam para a eliminação do “eurocentrismo” dos currículos escolares e contemplem a diversidade racial, bem como o estudo de “assuntos negros”. 7. Pensa meios e formas de educar para o reconhecimento positivo da diversidade racial. 8. Elabora ações que possibilitem o fortalecimento do autoconceito de alunos e alunas pertencentes a grupos discriminados



Fonte: Página do Instagram @asnegasdoziriguidumoficial.

Seguidamente, elas apontam que os traumas gerados na infância, são irreparáveis. Citam que “Me lembro bem que quando criança o meu subconsciente já dizia: não seja preta. Foram várias tentativas de ser branca, mas com o tempo vi que outras crianças também repetiam as mesmas atitudes que tive”. As máscaras brancas infligem a personificação da negra, como se essa atuasse uma humanidade e feminilidade, visto que de acordo com as ideologias da colonialidade, a mulher negra doravante a marca do racismo e sexismo não carrega humanidade plena e a sua própria identidade deve ser mudada.

As Corpos de mulheres negras orbitam em torno e distante do corpo demarcador de poder. A não leitura de humanidade sobre eles está associada também ao emudecer. bell hooks (2019, p.31-32) aponta que na Educação “à moda antiga”, crianças deveriam ser vistas, não ouvidas, mais particularmente crianças meninas.

As redes sociais são um espaço não institucionalizado que favorece a autonomia de mulheres negras e a amplificação de suas vozes. Com o fenômeno das redes sociais, as movimentações para uma (des)construção⁷¹ de uma identidade negra alargam o fio que interliga tanto o se empoderar individual, quanto a identidade cultural coletiva, devido a amplificação do alcance da comunicação. Usufruindo dessa amplitude comunicacional,

⁷¹ A identidade da mulher negra foi construída sob imaginários de hipersexualização e serventia, imagens estereotipadas e despidas de simbologias positivas. E como cita Lélia Gonzalez “Cumé que a gente fica?” se nosso ponto de vida, para além de silenciados o elemento básico da humanidade que é o direito à vida é negado ou negligenciado. Estamos fugindo, construindo, ou leia-se desconstruindo sob o que fizeram de nós. Estamos escrevendo novas narrativas em nossas histórias que infringiram amnésia total (Ki-Zerbo) e restabelecendo o fio condutor que nos liga a nosso passado ancestral o mais longínquo possível (Diop, 1959, p.147). Nosso fio condutor está ligado às redes de apoio, afeto, saber e insubmissão que parte do virtual para o real, visto que como aborda Lévy (2010), essas estão interligadas.

mulheres negras criam novos discursos, ao invés de punir a negritude, o negrume das mulheres e meninas negras, elas falam do belo, do poder que é ancestral, da força. Blogueiras e influencers negras, politicamente posicionadas fazem o que Hall (2016, p.219) chama de racialização de um discurso descolonizado.

Se na comunidade, como aponta bell hooks, as meninas eram punidas pois ousavam falar, nas redes sociais são encorajadas e seguidas por pessoas que buscam inspirações nas vivências e forças de outras que também carregam as similares marcas que fazem com que orbitem diante das demarcações de poder, no espaço de interações digitais, aprendem, engajam e estabelecem laços, redes de dores e afetos para eclodir a bolha de poder, ou as demarcações que impedem que nossas corpos de mulheres pretas a adentre.

Assim, a internet, que oferece aos movimentos sociais a oportunidade de organizações, é tida como uma plataforma para a construção social da autonomia e da ação direta entre pares. Isso acontece à medida que as redes oferecem um novo padrão de organização de consulta mútua e de retroalimentação. Ou seja, as pessoas que atuam não apenas absorvem o conteúdo que está posto nesse espaço, mas também produzem esse material e, se não produzem, fomentam e disseminam a discussão a partir do compartilhamento. Essa descentralização possibilita novas formas de estratégias e de organizações para uma comunicação política que não depende necessariamente do sistema político ou das instituições sociais, mas, sim, das pessoas que estão participando desse processo. (Pires, 2021, p.46)

Deste modo, neste trabalho, foi colocado como meio de comunicação e análise tanto o conteúdo produzido pelas influencers digitais em suas redes sociais *Instagram* e *Youtube*, assim, como também as interações que ocorriam nos comentários, a partir das produções das inscritas e seguidoras. Produções essas que foram compreendidas como os relatos de suas experiências. Contudo é compreendido como textos tanto as produções em vídeos, imagens, quanto os comentários.

4.2 - A educação não formal para a formação do eu negra: À medida que conectamos nos tornamos.

As redes sociais são espaços de possibilidades de performance do ser e de tomada do debate político. Torna-se voz, pois, por séculos os opressores ensinaram que a negra é um ser selvagem e não racional, e desde então eles tentam nos amansar⁷², como discute a

⁷² No instagram @elisamasantosc, escritora e comunicadora, aponta o questionamento de “A quem serve a tua calma?” Ela aponta que se a tua calma serve para apaziguar em situações que você não deve estar você precisa de um grito, usar a raiva para fazer com que ela te mobilize para fazer você sair desses lugares.

Dra. Thelma, no @elastrabham.

Eu fui ensinada que ficar quieta mantinha a paz. Até que eu percebi de quem era a paz mantida. Os infratores têm paz. As pessoas não querem lidar com isso, tem paz, e eu neste corpinho estou segurando toda a guerra. A sociedade pede por mulheres silenciosas, mas mulher, o seu silêncio só beneficia aqueles que não querem abrir mão dos próprios privilégios para que você também tenha espaço.

Mulheres, sobretudo mulheres negras, não são preparadas, ou pensadas como sujeitas para ocupar posições e espaços de políticas, principalmente o de denúncia das nossas condições. Porém, devido à efervescência das políticas de mulheres negras e movimentos sociais feministas negras, as mulheres têm vazado ou rasurado as normas.

Esses movimentos são voltados para mudanças nos valores sociais, num sentido educador, formadores de um pensamento que respeite a diversidade e os direitos humanos. Por isso, o companheirismo e a autorreflexão são também características desses movimentos, pois muitas vezes as pessoas envolvidas não se conhecem pessoalmente, mas, por conta de interesses em comum, se aproximam nas redes. Além disso, uma forte característica desses movimentos é que reflete principalmente na atuação do movimento feminista nas redes é o seu caráter viral. Se determinado conteúdo “viralizar” nas redes, ele funciona como rastilho de pólvora, tornando-se muito popular e vindo, até mesmo, a se tornar um movimento que se materializa nas ruas. (Pires, 2021, p.46)

De publicações, em curtidas nas redes, espaço que reformulamos para nos expressar e lutar, realizamos ações em busca de direitos, em busca de vida, marcamos nosso ponto de vida nas redes sociais, publicamos, compartilhamos, curtimos e engajamos pautas sobre outras similares que nos une pelas dororidades. #mariellepresente, #maebernadepresente, #maebernadete, são algumas das hashtags mais famosas dessas ações negras feministas nas redes. São hashtags de vozes que sangram pelo mínimo que é o direito à vida. Ao expressar pontos de vida, expressamos que mulheres negras estão vivas e lutando por essa condição mínima e máxima dos direitos humanos, a vida. E que temos raiva dessa condição que o sistema nos coloca, Lorde (1981, p.1) aponta que:

Se a comunicação calma é utilizada para fazer você permanecer em situações de violência, ela é parte do problema. Não nos cabe ser negra mansa, o silêncio não nos beneficia, nós enquanto mulheres negras precisamos está rompendo tanto com as máscaras brancas, quanto as de silenciamentos, precisamos sim ser criadoras de caso, incomodar o cis-tema brancopatriarcal, em todas as frentes possíveis, sejam nas manifestações em ruas, nas salas de aula, ou nas redes a partir dos posts, comentários e engajamento nas hashtags a ações decoloniais mostrando que não somos objetos, mas sim sujeitas com subjetividades que perpassam interseccionalidades. Como aponta Curiel (2020, p.136) A interseccionalidade refere-se ao reconhecimento da diferença entre categorias cruzadas, onde raça e gênero, por exemplo, apresentam-se como eixos de subordinação que em algum momento se separam, com algum nível de autonomia, mas que estão interseccionados.

As mulheres respondem ao racismo. Minha resposta ao racismo é raiva. Eu vivi boa parte da minha vida com essa raiva, ignorando-a, me alimentando dela, aprendendo a usar antes que jogasse minhas visões no lixo. Uma vez fiz isso em silêncio, com medo do peso. Meu medo da raiva não me ensinou nada [...] Mulheres respondendo ao racismo significa mulheres respondendo a raiva; raiva da exclusão, dos privilégios não questionados, das distorções raciais, do silêncio, do maltrato, estereotipização, defensividade, má nomeação, traição e captação. Minha raiva é uma resposta às atitudes racistas e às ações e presunção que surgem dessas atitudes.

Nossa voz, nossa sabedoria carrega ancestralidades que se expressam na escrita negra, hoje realizada dentro e fora dos espaços online⁷³, expressam nossa raiva, nossa imparcialidade perante os silêncios, maltrato, estereótipos, má nomeação, traição do Estado e da sociedade para com suas cidadãs “bastardas”⁷⁴.

Afinal, ousamos falar, mas nossas vozes precisam ser ouvidas ou serão apenas gritos de raiva no vazio, e para que sejamos ouvidas é indubitável o reconhecimento de mulheres negras e seus pontos de vida, cada qual como sujeitas vivas, pensantes e criadoras, como aponta Kilomba (2019), para se falar é necessário que alguém ouça. A branquitude também precisa ser “alertada” e advertida para a desconstrução da tradição que regulamenta desigualdades e privilégios. Nessa linha de raciocínio Maria Pereira (2023, p.122) aponta que o racismo é real e cruel, e que esse está naturalizado. A mesma traz a citação de Botelho e Silva (2016, p.279-280) que apontam que:

O processo de “fabricação” dos sujeitos é sutil, vem acompanhado de argumentos que justificam sendo “natural” a distinção por desigualdades e exclusões. Assim a escola continua imprimindo sua “marca da distinção” (Louro,1997). Teóricas de estudos feministas, com foco na educação atentam, para a necessidade de se questionar não só o que se ensina nas escolas, mas também a forma que se ensina e quais os sentidos dados aprendido pelo(as) alunos(as) Mais ainda, é necessário problematizar as teorias e conteúdos, a linguagem carregada de sexismo, racismo e etnocentrismos,, transmitida nos espaços escolares.

⁷³ Como é o caso que aconteceu em julho de 2018, algumas youtubers negras engajaram seu público em uma campanha de boicote à marca Colgate - que divulgava uma nova pasta de dentes, da linha Luminous White. A campanha, inicialmente, com 12 “embaixadores” entre celebridades, dentistas, chefs de cozinha e influenciadores digitais brasileiros – incluindo uma mulher negra de pele clara. A campanha foi fortemente contestada nas redes sociais pelas youtubers Tia Má, Ana Paula Xongani, Natália Romualdo, Maristela Rosa, Tati Sacramento e sua audiência. Na plataforma Instagram, questionaram, através da hashtag #InfluênciaNegra a desproporcionalidade racial em relação à população brasileira e o fato de apenas uma mulher negra e de pele clara fazer parte do grupo. A mobilização realizada nas redes foi de tanta influência que a marca reformulou a proposta e convidou influencers negras de pele retinta para compor o casting da campanha.

⁷⁴ Faço uso desse termo de modo crítico, pois nem o Estado nem a sociedade reconhece mulheres negras como cidadãs.

O meio de educação formal tem sido um caminho limitado, ou melhor dizendo, limitante na proporção que tem sido para as classes altas uma forma de continuidade dos legados de netos, filhos e filhas de doutores, que desde jovens nascem já se preparando nas melhores escolas e conseguinte nos cursinhos para ingressar na universidade, nos cursos mais elitizados. Enquanto para as classes de baixa renda, marginalizadas, mulheres negras que raramente vem de um legado de riqueza de bens aquisitivos econômicos e cursinhos de preparação, mira o vislumbre do acesso a partir do Enem, de políticas públicas ou de mensalidades sofridas, assim algumas poucas adentram a área, concluem e/ou dão continuidade nos estudos.⁷⁵

Todavia é de profunda celebração a essas irmãs negras que rasuram a normalidade e incomodam o cis-temas, onde mesmo sem quaisquer equidades ainda adentramos e revogamos nossa presença e de outras.⁷⁶

Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra. [...] Pode-se dizer que os textos femininos negros, para além de um sentido estético, buscam semantizar um outro movimento, aquele que abriga toda as suas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida (Evaristo, 2005, p. 205-206).

As relações de desterritorialização física dos espaços de lutas sociais é um fenômeno em destrinchamento de potentes avanços e inovações, isso pois as formas de comunicação e ensino tem sido revolucionada à medida que adota novos meios para existir. Por tempos as barreiras direcionadas aos espaços de locução de voz e ideias apresentou um limitador da voz falante. Ação essa que precariza a própria abordagem e perspectiva feminista negra, pois se torna controversa à medida que hierarquiza de onde vêm as vozes aptas a falar, mesmo que essas vozes apontadas como aptas não carreguem vivências as quais dão propriedade narrativa.

Não estou dizendo que apenas quem sofre certas opressões é capaz de entender e investigar as realidades que afetam outras pessoas, mas digo que existe um privilégio epistêmico importante de ser considerado na produção do conhecimento. Isso significa que a subalternidade precisa deixar de ser objeto e passar a sujeito do conhecimento. (Curiel, 2020, p.136)

⁷⁵ Vestida de ousadia ensaio a mirar a beiro como SAIDIYA HARTMAN (2019) “Este livro recria a imaginação radical e as práticas rebeldes dessas jovens ao descrever o mundo através dos olhos delas. É uma narrativa escrita de lugar nenhum, do não lugar do gueto e do não lugar da utopia” busco falar de vozes rebeldes outras (negras performance em suas negritudes) no meio digital, as quais ocupam espaços que os olhares da colonialidade branquitude estão desacostumados a vislumbrar sem embranquecer...

⁷⁶ Falar de políticas públicas

A atividade de repetir as hierarquias exclui, ou visa excluir os corpos das margens que não se enquadram as normativas científico-acadêmicas, ou seja, corpos que não falam, escrevem ou portam-se de acordo com o código das performances institucionais. Essa visão normativa perpassa discussões de aptidão das mulheres negras sobre ocupar e estar capacitada a falar⁷⁷.

Devido a isso é urgente nosso desmonte da ferramenta do senhor dentro e fora dos espaços formais de educação. Fugir dos silêncios de modo crítico a ensinar e inspirar outras. Reconhecer, apoiar, intelectualizar negras outras⁷⁸ para munir nossa luta. Bárbara Carine (2023, p.141) em relato de vivência no palco acadêmico narra a indagação de professores sobre as cotas, os quais afirmavam que:

Se já tinha cota na graduação, não precisava de cota em outras instâncias, a exemplo da pós-graduação e do concurso de magistério superior. Também diziam que “cotas na pós-graduação baixariam a qualidade da pesquisa e também avaliação do programa na Capes”, diziam que “as cotas deveriam ser sociais e não raciais”.

Destarte nos fazer visíveis incomoda, visto que expomos as mazelas e falta de equidade entre raças, gêneros, classes entre outras. O que desconforta a branquitude, pois essa não deseja abrir mão de seus privilégios, assim os nega. Insistem em permanecer buscando negar a história, a capacidade e a intelectualidade negra, para continuação desses privilégios que os colocam em posições superiores de cargos e espaços de poder.

⁷⁷ Como diz a Lélia Gonzalez “Cumé que a gente fica?” se nos dissociam da intelectualidade nos mais variados campos, sejam eles reais ou virtuais? Quando uma negra erra, seja por um posicionamento ou fala infeliz nas mídias ou redes sociais, essa negra é novamente cancelada e sua trajetória por mais potente que seja é cancelada, invisibilizada perante a cena/ fala apontada como digna de cancelamento. A negra se quer pode errar e o social já se posiciona prontos a chicotear. Exigem um letramento racial crítico a toda negritude, mesmo que esse não esteja a disposição e alcance de todas essas vida, até mesmo devido ao fato de muito se criticar e ainda pouco se investir em ações de redes e canais que visam se chegar mais a grande massa, com intuito desse letrar com caminho perpendicular de dentro para fora e fora para dentro das paredes institucionais. Carla Akotirene, no dia 05/04/2024 lembrou a partir de seu Instagram @carlaakotirene um convite que recebeu para falar sobre cancelamento, a mesma escreve no post que “Nós já somos um povo estruturalmente cancelado de nossas vidas Negras. Cancelam a vaga de regulação, cancelam nossos CPFs, cancelam a linha de ônibus, cancelam a nossa humanidade em propagandas sensacionalistas, mas, geral quer cancelar o preto que ao contrário do branco não tem condição alguma de reposicionar a própria imagem. Não percebemos que branco rico nunca é cancelado, porque a lógica de cancelar, ou seja, tornar alguém inútil, foi trazida pela matriz colonial e das suas violências contra africanos e povos originários.” Quando um branco diz algo pouco se questiona a veracidade ou capacidade sob suas falas, porém a realidade é totalmente oposta ao se tratar de uma mulher negra.

⁷⁸ Intelectualizar, falar a partir de lugares diversos, mostrando que nosso saber é ancestral, que nossa capacidade não é menor devido a cor de pele. Aquilombar e multiplicar. Bárbara Carine (2023, p.83) coloca a necessidade desse intelectualizar para humanizar “Se fomos destituídos de humanidade pelo atributo da razão, é pelo intelecto que reconquistamos a nossa dimensão humana”.

Como Ahosi⁷⁹ pretas valentes, lançamos nossas palavras e escrita para incomodar mesmo, afinal de contas Conceição Evaristo já nos sinalizou “A nossa escrevivência não pode mais ser lida como história de ninar os da casa grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos” logo o escrever é um ato de rebeldia e força do nosso viver, pois a partir da escrita falamos, e através dessa fala forjamos o reconhecimento das várias nós, de nossas vidas, ou melhor digo, de nosso ponto de vida, uma vez que nossa escrita em redes ou livros atravessam nossas vivências.⁸⁰

Assim sendo, as publicações, os comentários, são compreendidos neste trabalho como gritos escritos de rebeliões, são falas de fuga, desabafos, afetos e denúncias. As falas formadas nos comentários são de vidas interseccionais⁸¹ constantemente negadas em múltiplas esferas da sociedade, vidas essas que são corriqueiramente empurradas ao espaço de subalternização devido a processos de negações estabelecidas nas estações dominantes poder-políticas⁸².

Durante toda pesquisa realizei uma análise netnográfica do canal da youtuber selecionada @Gabidepretas (Gabi Oliveira) e da página no *Instagram* @asnegasdoziriguidumoficial. Nesses espaços problematizei a *fuga* das negras dos silenciamentos, nossos rastros a contar dos questionamentos e denúncias nas redes que marcam a desobediência aos regimes ainda vigentes que buscam inferiorizar mulheres

⁷⁹ As Ahosi eram guerreiras fons que formavam um dos regimentos militares do Reino do Daomé até o final do século XIX.

⁸⁰ O conceito a qual ensaio desenvolver nesse trabalho faz jus justamente as falas de Conceição Evaristo “Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio minha ficção, não me desvinculo de um ‘corpo-mulher-negra em vivência’ e que por esse ‘o corpo, e não outro’ vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimentaria.” tendo em vista que o que busco trazer ao ponto central conceitual é essa vida, que a vida e essa vida é falante, é escrita, vive a partir de si. Para além do lugar de fala, mas uma (re)humanização pela intelectualização, e uma intelectualização pelo reconhecimento da vida como humana.

⁸¹ Como cita Anzaldúa (2000, p.232) “Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo. Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia. Para desfazer os mitos de que sou uma profetisa louca ou uma pobre alma sofredora. Para me convencer de que tenho valor e que o que tenho para dizer não é um monte de merda. Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever” valorizar os saberes transcritos para além das instituições formais de ensino é uma movimentação consciente de poder crítico para revolução do movimento feminista das negras perante as bases hegemônicas conceituais de intelecto.

⁸² Ao decorrer da escrita neste capítulo, irei apresentar o conceito de subalterno de acordo com a definição da autora Spivak.

negras. Essa problematização é o “criar caso” é o falar mesmo diante da desautorização de nossa intelectualidade. É fugir da normatividade e desnaturalizar a partir de questionamentos básicos de questões problemas invisibilizadas na estrutura vigente. Essas ações que geram incômodo, rasuras, são rastros que expressam dor e ousadia, o fugir da ausência. Rastros insubmissos que rompem fronteiras de lugar, espaço, idade, escolaridade e outras. A produção de conteúdos nossos, engajamento e comentários de negras nas redes são rastros que exercem a função de romper fronteiras como dialoga Lucas (2020, p.5) “E não são as fronteiras feitas para serem atravessadas?”

(E não são as fronteiras feitas para serem atravessadas?) É, esta, não simplesmente uma pergunta retórica, mas sim que traz em si uma questão importantíssima para os estudos que temos realizado ao longo de nossas carreiras: as fronteiras, sejam elas físicas ou simbólicas, mais do que nunca, estão sendo ameaçadas pelos corpos considerados invasores, criminosos, perigosos: corpos trans, imigrantes, não brancos, afeminados, com deficiência, de dimensões rebeldes aos padrões normativos de beleza e admissibilidade social. É por esse motivo que voltam, e com força, a crescer os movimentos de extrema direita pelo mundo afora. Entendemos que eles constituem uma resposta do poder, ou melhor, dos poderes que nos querem aprisionar, a esse passamento de fronteiras, a essa invasão que referimos. "Os corpos escapam", como tão bela e poderosamente afirmou certa vez Guacira Lopes Louro. Escapam e seguirão escapando. Até o ponto em que as fronteiras mesmas perderão o sentido de existir, posto que rasuradas pelos deslocamentos muitos dos corpos indesejados.

Evidentemente se naturalizou barreiras que impedem que nós mulheres negras e pobres adentremos espaços tidos como da ciência e da mídia. Então os reivindicamos, e poucas de nós adentramos as universidades. Porém, ainda assim, pouco do que escrevemos é reconhecido “ouvido” (a própria Conceição Evaristo problematiza como demora a vir o sucesso a nós, porém que devido a nossa própria mobilização ao sucesso das nossas o reconhecimento do outro e suas instituições sequer importa mais. Ela pontua isso ao abordar sobre sua não presença como membro da Academia Brasileira de Letras), porém, pluralizamos e para além de escrever e falar de nós, sobre nós e para nós nos espaços acadêmicos, também o fazemos em espaços populares como a internet, tornando-o ambiente de educação não formal. Apropriamos da ferramenta do senhor como estratégia política para enfrentá-lo, para enfrentar o Cis-tema, assim na dor, afeto e força da dororidade fugimos a caminho da liberdade, corremos não mais apenas pelas matas, mas a partir de todos os lugares seguros que ocupamos, realizando aquilombamentos para, como afirma Lucas (2014), enfrentarmos os inimigos da vida vivível.

(...) é pertinente, e profundamente imperativo, que reflitamos sobre e (re)elaboremos estratégias políticas capazes de enfrentar esses inimigos da vida vivível, tornando possível, conforme (...) afirma Butler, que “os corpos se movam livremente dentro de uma democracia”. E para que os corpos se movam livremente, para que eles ocupem os espaços e possam (re)existir, a branquitude, a heteronormatividade, os fundamentalismos, o capacitismo, e por que não dizer o capitalismo, tomados aqui como regimes políticos e epistemológicos de governação da vida, devem ser destituídos por meio da ação crítica (Lucas; ALós, 2014, p. 01).

Indubitavelmente a ação crítica de reconhecimento e conexão da voz com a vida é uma ação política desmanteladora aos inimigos da vida vivível, além de exercer influência para a movimentação das corpos negras perante os cis-temas. A teórica indiana Gayatri Spivak, questiona se pode um subalterno falar? Para a autora, os subalternos são pessoas que estão debaixo de tantas camadas de exclusão, que suas vozes já não podem sequer serem ouvidas, sequer são alcançadas pela justiça e pela legalidade. Se essas vozes realmente falam ou apenas carregam representações de fala? Como mulher negra e pobre afirmo, sim podemos falar, e falamos, contudo, nem todas falas são ouvidas e validadas em todos os espaços.⁸³

Logo, devido a essa ação política do não ouvir, as vozes subalternas buscam e elegem representantes de suas vozes para alcançar espaços pluralizantes, isso não na perspectiva de como cita Adson Gomes de terceirizar as lutas, mas de fazer viver e ecoar, pois nós mulheres pretas não subalternas, mas subalternizadas pelo cis-tema somos uma, mas não só.

Essas representantes são pessoas que vivenciam a dor e a transformam. O que fazem da dor? Elas fazem ecos, conexões, dororidades. Sobretudo buscam nas representações imagens de inspiração, não como heroínas, mas como mulheres possíveis, ousadas a ponto de escrever seus pontos de vida mesmo diante dos perigos opressores que a partir de diversos vieses buscam limitar o acesso ao direito de fala e escrita, negando produções localizadas para além dos papéis institucionais. Anzaldúa (2000, p.235) sintetiza a necessidade da não subversão diante desse processo normo-padronizante de nossa escrita, falas ou como conceituado nesta pesquisa “Pontos de vida”.

Joguem fora a abstração e o aprendizado acadêmico, as regras, o mapa e o compasso. Sintam seu caminho sem anteparos. Para alcançar mais pessoas, deve-se evocar as realidades pessoais e sociais — não através da retórica, mas

⁸³ Anzaldúa (2000, p.235) ao dialogar sobre o falar e a necessidade que falemos, com ou sem a aprovação, o se fazer ouvir. Ela aponta a Carta de Kathy Kendell, 10 de março 1980, sobre um workshop para escritoras ministrado por Audre Lorde, Adrienne Rich, e Meridel LeSeur. “Audre disse que precisamos falar. Falar alto, dizer coisas sem ordem— coisas que podem ser perigosas—e mandar que se fodam, pro inferno deixar sair e fazer todo mundo ouvir quer queiram ou não”.

com sangue, pus e suor. Escrevam com seus olhos como pintoras, com seus ouvidos como músicas, com seus pés como dançarinas.

Vocês são as profetisas com penas e tochas. Escrevam com suas línguas de fogo. Não deixem que a caneta lhes afugente de vocês mesmas. Não deixem a tinta coagular em suas canetas. Não deixem o censor apagar as centelhas, nem mordanças abafar suas vozes. Ponham suas tripas no papel. Não estamos reconciliadas com o opressor que afia seu grito em nosso pesar. Não estamos reconciliadas. Encontrem a musa dentro de vocês. Desenterrem a voz que está soterrada em vocês.

Não a falsifiquem, não tentem vendê-la por alguns aplausos ou para terem seus nomes impressos.

Alicerçada no desconforto de Anzaldúa, parto da perspectiva que a internet como meio não formal de educação, onde está inserido o canal e página que são abordados nesta pesquisa, insurge como um espaço de encurtamento de distância e novas probabilidades de fala, escuta e escrita. Meio de cultivo das vozes da liberdade na dororidade entre mulheres negras. Os conteúdos produzidos no meio digital sobre a negritude e valorização do belo e suas potencialidades é a fuga das mordanças e do feminismo brancos, onde a negra e nossa realidade não se enquadra em suas pautas⁸⁴. Nas plataformas a voz negra ergue-se em alto grave não como objeto, mas sujeita.⁸⁵ Além de sujeitas precursoras do feminismo das negras, agentes revolucionárias para além das formalidades institucionais.

⁸⁴ A Doutora e professora Bárbara Carine ao ser questionada sobre como se posiciona quando raça e gênero estão opostos ela exemplifica que a raça vem antes do gênero, pois uma mulher negra de uma comunidade ao engravidar, antes mesmo de saber o gênero, ela sabe que dali vem uma criança negra. Bárbara Carine continua sua afirmação sinalizando que “Eu escolho com quem tem paridade social comigo, mulheres brancas não tem paridade social comigo. Mulheres brancas sofrem violência doméstica, sofrem violência psicológica, sofrem violência nos espaços profissionais. Sofrem! Mas não sofrem violência de Estado na instância da sua brancura como mulheres negras sofrem, vocês não vão ver mulheres brancas sendo arrastadas, sendo presas injustamente e depois sendo arrastadas por viatura policial por km, por metros no asfalto. Cê nunca vai ver essa história. Você não vai ver um grupo de mulheres brancas reunidas protestando contra a violência policial contra seus filhos, que assassinou seus filhos, um grupo de mães lutando contra o genocídio dos jovens brancos. Você não vai ver. Não vai ver mulheres brancas tirando a roupa no mercado porque tão sendo seguidas por racismo e aí em protesto elas ficam de calcinha e sutiã. Cê não vai ver. Cê não vai ver mulheres brancas sendo expulsas de voo porque elas apresentam perigo pro voo, você nunca vai ver isso. Isso é uma violência do Estado pela sua dimensão racial. Então a raça vem antes do gênero”.

⁸⁵ Conceição Evaristo, dialoga em entrevista 18/12/2023 ela cita que “Há uma tendência na sociedade brasileira de reconhecer a influência das culturas africanas e afrodescendentes no Brasil, mas reconhecer em determinados campos. Então se reconhece muito bem a questão da culinária, a questão da música. Mas há uma dificuldade de reconhecer essa influência africana, por exemplo, na própria literatura ou na cultura, assim como pensadores. É como se o negro, e aí estou repetindo até a frase de Jurema Batista, né. É como se o negro tivesse só uma cidadania lúdica. Quando ele sai dessa cidadania lúdica e vai para a área do pensamento, vai para a área da produção do saber, vai para a área da intelectualidade. Então há uma tendência ou embranquece esse negro, como foi feito com Machado de Assis, ou ele vai passar por uma série de dificuldades como o grande poeta simbolista Cruz e Souza, que sofreu muito em função da cor”. Através do posicionamento de da literata Conceição Evaristo, é possível a abordagem de que a intelectualidade do negro e sua capacidade de fala constantemente são colocadas em xeque. Isso traz o questionamento e problemática sobre as mulheres negras das redes em perspectiva que são influencia. Em tal posição é necessário sempre o embasamento crítico nas postagens, abordagens e posicionamentos, isso devido ao fato de que nossa intelectualidade está diariamente em teste, desse modo é necessário o ser feroz no ecoar, mas também muita cautela para não repetir falas vazias que podem reforçar estereótipos e assim

O feminismo é um movimento crescente e como ensina bell hooks (2019, p.63) “...Acredito que mulheres e homens devem compartilhar uma compreensão em comum um conhecimento básico sobre o que é feminismo- se for para o feminismo, algum dia, se tornar um poderoso movimento político de massa”. Tal como é necessário a propagação da compreensão do feminismo para revolução, a ampliação ao enfoque racial dentro do próprio se faz indispensável, pois o termo feminismo não dá conta de nós, mulheres pretas cujo a cegueira da feminilidade diante da cor já foi anunciada a séculos. Ou na qual essa só é reconhecida como dispositivo para se consumir opressões outras.⁸⁶

Tornar-se mulher negra em meio a invisibilidade é um processo de conquista que transita entre as esferas individuais do empoderar-se, munir-se do *eu*, distanciado das óticas racistas e também coletiva, diante dos processos de identificações, dororidades, e percepção crítica perante as diversas conceituações do *ser negra*. Visão essa compartilhada por Andreza Jorge (2023, p.56) ao citar a grande pensadora e escritora mulher negra e intelectual brasileira Lélia Gonzalez (1988, p.2).

quando essa [Simone de Beauvoir] afirma que a gente não nasce mulher, mas que a gente se torna (costumo retomar essa linha de pensamento no sentido da questão racial: a gente nasce preta, mulata, parda, marrom, roxinha, etc., mas tornar-se negra é uma conquista).

Parafraseando Neuza Souza, nos tornamos negras. Esse processo é um trajeto que se torna menos massacrante à medida que nos fortalecemos no saber e alianças constituídas pelos caminhos da construção identitária. Andreza Jorge (p.53) destaca que esse processo se dá a partir desse tornar-se a partir do *eu*, do enegrecer-se.

assumir uma identidade racial é também uma questão de autoconfiança que se potencializa com conhecimentos das virtudes, valores e história a partir de um ponto de vista contra hegemônico e não eurocêntrico, ou seja, conhecendo as estórias que a história não conta.

Deste modo a disseminação das estórias negras é um mecanismo de desmonte da colonialidade, pois propaga nossas histórias silenciadas de resistência, impérios, rainhas

servir de ferramenta de desvalidação social de toda uma luta. Afinal de contas, a carne negra é a mais barata do mercado e a um curto mau posicionamento a chibata moderna está apta a castigar.

⁸⁶ Dororidade carrega no seu significado a dor provocada em todas Mulheres pelo Machismo. Contudo, quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, tem um agravo nessa dor. A pele preta nos marca na escala inferior da sociedade. [...] A Sororidade parece não dar conta da nossa pretitude. Foi a partir dessa percepção que pensei em outra direção, num novo conceito que, apesar de muito novo, já carrega um fardo antigo, velho conhecido das mulheres: a Dor - mas, neste caso, especificamente, a Dor que só pode ser sentida a depender da cor da pele. Quanto mais preta, mais racismo, mais dor (Vilma Piedade, 2017, p.17).

e afeto nas cenas múltiplas sendo para além de objetos inanimadas, mas protagonistas, ativas e vividas. O movimento feminista ainda carrega um perfil hierarquizante em questões como raça, classe e introdução acadêmica como problematiza Curiel (2020, p.138):

Uma das características da colonialidade do saber, como já dito, é assumir que quem foi definido como outx, aqueles que representam a diferença colonial, são geralmente os objetos das pesquisas: mulheres, negras, empobrecidas, pobres, indígenas, migrantes do Terceiro Mundo – como se só fosse possível realizar uma pesquisa feminista crítica e decolonial quando os transformamos em matéria-prima. Normalmente, os privilégios de quem produz conhecimento sobre esses “outros” e essas “outras” parecem inquestionáveis.

Ao se tratar de uma corpa negra não acadêmica, pouca ou raramente essa voz receberá destaque na sociedade. Muitas das falas voltadas ao tema são excluídas e inibidas dos enfoques de luta. Isso não por uma ineficiência e vazio, e possível eficácia na mobilização de meninas e mulheres negras, mas devido a titulação e lugar de onde a fala sai. Dessa maneira, algumas falas recebem maior importância que outras, onde muitas das vezes essa valorização se dá não pela simbolização do que se é dito, não pela relevância do que se aborda, mas devido ao perfil e titulação de quem diz. Para combater essa discriminação racista de nossas corpas e intelecto, precisamos enquanto corpas marcadas, criar redes de apoio onde prestamos referências umas as outras, além de dororidades.

As mulheres negras e mulheres indígenas, como estratégias de sobrevivência, sempre precisaram organizar e criar redes de apoio com outras mulheres para garantir a existência de suas famílias, principalmente por haver ausência total de apoio do Estado e estigma profundo sobre a vida desses corpos femininos em específico. (Andreza Jorge, 2023, p.160)

Andreza Jorge (2020, p.115-116), traz a luz da discussão o trabalho da filósofa, Nancy Fraser, uma crítica sobre o próprio movimento feminista em seu artigo “Como o feminismo se tornou empregada do capitalismo - e como resgatá-lo”. No referido trabalho, Cinzia Arruzza, também autora do livro, realiza críticas ao feminismo hegemônico. Segue abaixo a citação:

As reivindicações feitas por parte dos movimentos feministas para que mulheres sejam líderes em grandes empresas seriam um exemplo do que Fraser chama de neoliberalismo progressista, uma vez que a quebra do teto de vidro não questiona a estrutura do capitalismo e perpetua a exploração de mulheres mais pobres, especialmente as mulheres não brancas. Outro ponto tratado pelo manifesto diz respeito ao combate à dicotomia entre políticas identitárias e lutas de classes. O feminismo liberal, ao separar essas

duas noções, acaba se tornando mais uma vez convergente com o capitalismo e, conseqüentemente, com a opressão das mulheres, especialmente as mulheres não brancas. As autoras defendem que as políticas identitárias e a luta de classes estão imbricadas, o que acaba borrando as fronteiras entre público e privado. Nas palavras das próprias autoras: ‘A nova onda feminista tem potencial para superar a oposição obstinada e dissociadora entre “política identitária e política de classe’. Desvelando a unidade entre ‘local de trabalho’ e ‘vida privada’, essa onda se recusa a limitar suas lutas a um desses espaços.’ (Arruzza, 2019, p.34).

Andreza Jorge apresenta a importância crítica das autoras Fraser e Arruzza ao reconhecerem a necessidade de discussões relacionadas a questões identitárias e de classe no que denominam como nova onda do feminismo. Em contraste, a autora também apresenta a crítica das autoras feministas do sul global, que têm seus trabalhos de décadas, que são referência em propostas e discussões já levantadas e abordadas a tempos que são ignoradas por Fraser e Arruzza. Se percebe o silenciamento, a desvalidação de conhecimentos produzidos por aquelas denominadas simbolicamente como “subalternas” por grau de escolaridade, território que ocupa, cor da pele, sexualidade, entre outras interseccionalidades. Lamentavelmente já cantou e ainda se ecoa a realidade sob a voz e melodia de Racionais mc 's (2008, 6:43). Se nos desapropriam de nosso próprio corpo, desvalida nosso intelecto, crenças e tudo que nos constitui como sujeitos, como vamos progredir?

Desde cedo a mãe da gente fala assim “Filho, por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor”. Aí passado alguns anos eu pensei “Como fazer suas vezes melhor se você tá pelo menos cem vezes atrasado, pela escravidão, pela história, pelo preconceito, pelos traumas, pelas psicoses, por tudo que aconteceu, duas vezes melhor como? Ou melhora, ou você é o melhor, ou é o pior de uma vez, sempre foi assim. Se você vai escolher o que tiver mais perto de você, perto de sua realidade você vai ser duas vezes melhor como? Quem inventou isso aí? Quem foi o pilantra que inventou isso aí?”.

O Estado não possibilita a mulheres negras caminhos para nos constituir enquanto sujeitos, caminhos de equidades que proporcionem realidades diferentes as corpos negras, pois ele não se reconhece como racista. Ser duas vezes melhor como? Se a ordem dominante branquitude já dita quem somos, nossos papéis e lugares desde o momento que se sabe que um feto negro está sendo gerado⁸⁷.

⁸⁷O negro chega antes de tudo, o negro chega antes do nome. A página do Instagram @opiniaodapreta da socióloga e idealizadora do coletivo @frentenegraonline_oficial. A primeira página referida traz em seu post do dia 11/04/2024 as reflexões que aqui se fazem cabíveis e frescas da ativista e pesquisadora Sueli Carneiro “O negro chega antes da pessoa, o negro chega antes do indivíduo, o negro chega antes do profissional, o negro chega antes do gênero, o negro chega antes do título universitário, o negro chega antes da riqueza”. Desde o ventre o negro já chega. Ainda mais para ilustrar essa negritude proeminente cabe apontar o caso recente com duas palestrantes brasileiras em Harvard, Naira Santa Rita, embaixadora do

É tempo de nosso espelho ancestral reluzir, e o espelho da colonialidade se quebrar como aborda Aníbal Quijano “(...) é tempo de aprendermos a nos libertar do espelho eurocêntrico, onde nossa imagem é sempre, necessariamente, distorcida. É tempo, enfim, de deixar de ser o que não somos.” Não aceitamos mais ser a carne mais barata do mercado, ser a população desassistida. Revogamos o espaço para ser porta-voz de nossas narrativas.

Durante a pesquisa realizada no dia 25 de novembro de 2022 analisei a publicação das Negas do Ziriguidum que contava com 2.512 curtidas e 859 comentários. Partindo do estudo das interações foi possível concluir que o maior público interativo é formado por mulheres negras e que a página surge como um lugar de união das dororidades, ou seja, trocas e aconchego de dores vivenciadas por mulheres e meninas negras. É um aquilombamento virtual. E nesse quilombo a interação selecionada para análise interroga “O que é ser mulher preta?”



Fonte: Página do Instagram @asnegasdoziriguidumoficial.

Uma vez que analiso o post, questiono o quanto somos plurais, ser mulher negra perpassa tantos lugares, tantas feridas, tantas dores, tantos (re)começos, a cura, reconstruções, beleza, amor próprio, valentia, entre tantos outros adjetivos e lugares aos quais a própria netnografia não é capaz de alcançar devido a vastidão de experiências para ser expressa em um comentário. Porém percebo em evidência no ser mulher negra a partir

instituto DuClima e sua parceira palestrante e também embaixadora Marta Melo. Elas relatam e denunciam durante o discurso final da conferência que três racistas brancas que estavam na plateia questionaram se nas tranças (tranças e dreads) das duas mulheres negras tinha piolho. Naira relata que as agressoras falaram em alto tom, porém em inglês, confiantes que Naira e Marta, não soubessem a língua. A partir desse episódio, que é corriqueiro a nós mulheres negras (A zombaria, a incredulidade, a desvalorização e inferiorização *de nós*) evidenciasse a chegada da negritude antes mesmo de nossa própria apresentação, e aqui denuncio que nossa negritude radiar eminentemente não é a problemática em questão levantada, mas a crueldade, o racismo sobre ela, sobre *a nós*. Esse a nós em destaque surge pois busco reverberar e demarcar que é a agressão de todas as formas até mesmo inimagináveis aos nossos corpos pretos e tudo que nos compõe.

dos relatos a associação ligeira a dor e a dororidade como podemos observar no gráfico abaixo.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora Danielle Almeida

As definições mais frequentes de ser uma mulher negra foram “Resistência, guerreira e desafio.” A mulher preta e sua personalidade é imposta socialmente como natural a força, as dificuldades constantes. O afeto, zelo, carinho e cuidado para a corpa negra se enquadram como estranha⁸⁸, pois é associado a essas pela dor e o afeto triste⁸⁹. Isso pois como cita a Matheus (2021, p.42) “Mana, os afetos estão no corpo. E o corpo comanda a porra toda. Nada escapa ao corpo”. E a corpa preta estruturalmente por séculos é lido, apontado e estigmatizado como ferramenta sexual e de ganho. Não é o corpo para

⁸⁸ Em trecho do livro “Querido estudante negro” encontro o seguinte trecho que me toca enquanto penso afeto e carinho em nossos corpos e não me surpreendo ao ler os comentários e encontrar enxurradas de relatos de mulheres negras que também se sentem atravessadas com o tema. O trecho diz “Eu quero muito ter cabelo esticado, sabe? Não é nem por não achar meu cabelo bonito, eu acho as tranças que mainha sempre faz muito bonitas, e as tranças soltas trazem balanço ao meu cabelo, que sempre parece imóvel, estático. Mas eu queria um cabelo esticado só pra receber um carinho na cabeça mesmo”. A o carinho na cabeça é tão difícil, esse a qual me lembro veio tarde (Quando penso na infância e adolescência e nos toques ao cabelo, o que vem à mente são os coques ao pentear, o choro por ele não ficar para baixo, os saltos quando o ferro ou chapinha quente tocavam o couro, e as longas horas de relaxamento químico de 2 em 2 meses) em relação familiar percebo que veio timidamente a medida que eu me empodero enquanto negra e busco compartilhar com mainha. Já no romance, esse achei que nunca chegaria, e quando chegou afirmo, ainda me parece estranho, acho que não somos acostumadas para o cuidado, não somos educadas para o carinho na cabeça, definitivamente não.

⁸⁹ Espinosa entendia que, por estar fora do controle da racionalidade, os afetos são poderosas armas de organização política e de fortalecimento do espírito. Para ele, são os afetos que comandam o corpo e, em consequência, comandam a mente. Há separação, mas não hierarquia entre corpo e mente. Além do afeto do desejo, há mais duas diferentes afetações de mobilização do corpo e da alma: os afetos que potencializam o ânimo de vida, o qual chamou de afetos alegres, como o amor, por exemplo; e os afetos que diminuem nossa potência de vida, os afetos tristes, como a raiva e o ódio (ESPINOSA, 2009).

se casar, mas o para fuder e/ou trabalhar.⁹⁰ apontamentos esses já levantados em estudos significativos anteriores como os de Berquó, Pacheco, Chimamanda Adiche, Lélia Gonzalez, Grada Kilomba, entre outras.

i) A miscigenação vem sendo realizada muito mais pela preferência afetiva de homens negros por mulheres brancas do que de mulheres negras com homens brancos; ii) as mulheres negras (pardas + pretas) são as menos preferidas para uma união afetiva estável pelos homens negros e brancos, e, por isso, perdem na disputa matrimonial-afetiva para as mulheres brancas; iii) como resultante desta disputa, haveria um excedente de mulheres negras solitárias, sem parceiros para contraírem uma união. (Pacheco, 2008, p.5).

Bandeiras e lutas podem coexistir, assim como as variadas formas de opressões que são naturalizadas e legitimadas a séculos na sociedade brasileira sob bases ideológicas cunhadas diante de uma perspectiva colonial escravocrata, que legitima e defende a superioridade e inferioridade, direito ao aconchego e solidão, baseado na cor da pele e gênero. Cabe ressaltar como discute (Eric Williams, 2012) que a escravidão não nasce racista, ao contrário, o racismo que surge como consequência da abominação da discriminação racial e dissemelhanças estabelecidas.

De maneira a buscar construir e difundir novas narrativas, a atriz Ana Flavia Cavalcanti, usa suas redes sociais como forma de despertar “consciências” a partir de seus relatos, ela cita que é preciso pensar no viver nas melhoras, ou seja, na mobilidade. Ela cita que “No Brasil a gente valoriza a graduação, quem vai pra faculdade. Então se você não tem o diploma, você vale menos. Por que? É um *savoir-faire*, é um saber fazer” (grifos meus). Essa não mobilidade está associada a fatores de desigualdades históricas, sociais, políticas, de não mobilização para continuação de uma hierarquia que soma marcadores, fazendo com que nossas corpos orbitem o centro hierárquico do poder branco patriarcal, sendo as constantes outras do homem, branco, hétero-cis, cristão.

A filósofa e escritora Djamilia Ribeiro, na página @listapreta aborda esses marcadores e seus efeitos sobre as nossas corpos, a filósofa cita que:

⁹⁰ A relevância do tema sobre a “solidão” entre mulheres negras surge em 1987, quando um grupo de pesquisadores do Núcleo de Estudos da População, da UNICAMP, em destaque a pesquisadora Elza Berquó 6, analisou em sua pesquisa os padrões de nupcialidade entre os sexos, atentando, principalmente, para as diferenças étnico-raciais entre as populações pretas, pardas e brancas brasileiras. Esses estudos indicam dados importantes sobre a seleção de parceiros entre mulheres e homens pertencentes ao mesmo grupo ou de grupos étnicos diferenciados. A partir de fontes demográficas e dados censitários, do período de 1960 a 1980, a autora demonstra que além da idade, a cor é um fator condicionante na preferência dos tipos de união e na disputa entre os sexos no “mercado matrimonial”

Existe toda essa construção de que a mulher negra tem que ser guerreira, ela tem que ser forte. Quando na verdade ela tem que ser forte porque o Estado é omissivo. Naturalizar uma pretensa força da mulher negra é negar as violências sistemáticas as quais elas são vítimas historicamente. Esse lugar por exemplo da mulher negra forte faz com que negras recebam menos anestésias, faz com que mulheres negras sejam menos tocadas no pré-natal. Então quanto que isso não é meramente uma construção teórica, quanto que isso vai significar concretamente porque a opressão circunscreve os corpos das pessoas, não são coisas abstratas. E a gente parte de um lugar que as pessoas exigem ou a gente é discriminada dessa forma como falei, ou a gente é a deusa, a militante que tem que saber tudo, que tem que dar conta de tudo, atendente de demanda das outras pessoas, e eu pergunto, quando é que eu sou humana?

Analisando os comentários percebe-se esse eco das falas de Djamila, que remete à própria indagação das Negas do Ziriguidum sobre o que é ser mulher negra. E a constante entonação interrogativa soa de volta a nós “Quando é que eu sou humana?” gritando nos comentários de mulheres negras que exclamam o quanto estão exaustas, o quanto é cansativo e o desejo apenas de serem cuidadas. Não se trata de um choro por afeto, se trata de uma denúncia feita por corpos que reivindicam a vida, o desfrute, ou melhor expressando-me o bem viver.

As corpos negras fluem em redes de conexões vivas, expressam-se, teimam em demarcar no mundo seus pontos de vida. São vozes, experiências, narrativas vivas, constantes, teimosas contra a inscrição da inexistência.

Nesse panorama @asnegasdoziriguidumoficial (29/02/2024) em conexão a reflexão da também influencer Saramara, que em protesto as marcas que não oportunizam influencers negras, apareceu em seu *reels* toda pintada de branco (queixa essa feita também por outras influencers negras, entre elas a já citada Gabi Oliveira que aponta que desde 2015 às marcas, quando contratam, querem pagar menos as digitais influencers negras) insubmissa rompe o véu da inexistência e escancara nas redes sociais o racismo, o preterimento que a sociedade brasileira insiste em negar.

O campo de invisibilidade que as marcas e mídia impõe às pessoas negras é algo doloroso. Para começar, quem tem tempo de criar conteúdo no universo da jornada dupla em que pessoas negras vivem? Ser dona de casa, ser mãe solteira, ou pai negro trabalhando horas por dia? Quando conseguimos “criar conteúdo”, nós negros e periféricos, comprovadamente recebemos 29% a menos do que pessoas não negras. Não basta ser Sara Mara ou As Negas Do Ziriguidum. Você, pessoa negra, precisa depender da sorte para viver da internet, independente do impacto positivo que representa para seus milhões de seguidores. Enquanto isso, os brancos têm um esforço muito menor para alcançar sucesso, pois são filhos dos donos das marcas, têm network desde o

colegial, são filhos dos donos de emissoras. E entendam, não se trata de coitadismo, mas sim da síndrome que assola há anos: Síndrome da falta de oportunidade!

A princípio o objetivo era nos ter continuamente no lugar da servidão e para que não tivéssemos direito ao desfrute e lazer, porém, como vazamos, rasuramos e chegamos ainda que poucas, e a passos lentos, em espaços físicos e virtuais que a branquitude ocupa, optaram por mudar seus discursos, sua maneira de limitar acesso. Agora o discurso é sobre nossas capacidades, é sobre eliminação pela deslegitimação, pelo ódio, pela falta de oportunidades, pelo *hater*, sob a já conhecida ladainha de que não se encaixa no perfil buscado pela marca, empresa. Não basta a relevância dos conteúdos, é necessário números altíssimos, não basta o engajamento, é necessário a brancura. Preta Rara, muitas vezes questiona como o racismo interfere no avanço nas redes, como determinados sujeitos são abraçados e viralizam e como outros por mais que relevantes não são vistos como prioridade das marcas, até porque é necessário a circulação do capital para aquelas que produzem conteúdos, afinal de contas é um meio de divulgação de saberes, mas também ferramenta de sobrevivência.

A intelectual Carla Akotirene, muito engajada e ativa nas redes, recentemente experimentou (não como novidade) esse não reconhecer como presença simbólica de pesquisadora, professora e influencer negra. A intelectual negra comentou sobre dororidade e afeto em um post, na qual seu comentário repercutiu chegando às grandes páginas de fofoca, como a @nazaréamarga, onde denominaram-na como “Uma internauta”. Após a nomeação, Carla Akotirene e internautas comentaram sob protesto a classificação referente a intelectual. O protesto vem não apenas por não ser reconhecida, mas é uma raiva, a raiva da mulher negra por se qualificar e dedicar tanto, por ter propriedade de fala sobre o que comentou, porém perante seu negrume a página em questão do *Instagram* viu apenas a pele, logo associa a não intelectualidade. Como postou Bárbara Carine em seu *Instagram* (17/01/2024) Ser branco no Brasil é uma experiência fenotípica social de acesso à privilégios. Um deles é o passar-se por negro, passar-se por doutores ou quaisquer outras peles e função e não serem questionados em suas posições.

É evidente que a nomeação perpassa por um teor misógino, machista e racista no qual invalida os saberes da intelectual a transferindo ao lugar de subalternidade, do não

poder falar, de uma corpa qualquer, sem possibilidade de voz e fenótipo apta⁹¹. @valrioli comentou “Minha gente Carla Akotirene não é apenas uma internauta... é uma pesquisadora e autora importantíssima”. Como forma de demonstrar que estava presente e sua indignação, Akotirene acrescentou em resposta ao comentário de @valrioli “Meu Deus, comentei na “Dororidade” que fomos apresentadas e fui reduzida a internauta. É mole? [...]sou uma intelectual do assunto”. Posteriormente surgiram diversos outros comentários em apoio a pesquisadora, no entanto a referida página que realizou a publicação não expressou interesse a esse saber, a essa ser a qual eles com 9.4 milhões de seguidores tentaram reduzir a internauta, isso por diversas razões, entre elas a principal se tratar de uma mulher negra, retinta e com números menores de seguidores⁹².

A classificação repercutiu em Akotirene e em diversas seguidoras e pesquisadores que acompanham as movimentações e lutas da intelectual negra. Mas o porquê da repercussão e dor pela denominação? Essa dor é devido ao esvaziamento de toda uma luta e trajetória ignorada, pois não apontaram a professora, a intelectual, a pesquisadora, ou se quer a ativista, mas “Uma internauta”, não se viu uma pesquisadora, uma doutora abordando sua área de pesquisa nas relações sociais afetivas, mas um corpo falando sobre a situação. Só mais um corpo⁹³. Isso pois, a eles, os brancos, donos de tudo, nós negras só podemos falar de um lugar, e esse lugar nunca é ou será o do poder, mas o das redondezas, dos lugares comuns apenas de “Opiniões” e não o do “Conhecimento” do “científico”⁹⁴.

Presunçosos de si menosprezam nossos pontos de vida como pertinentes para romper o velho cis-tema de dominação e opressões, enquanto nós em todas nossas astúcias cunhamos a revolução neste mergulho íntimo do reconhecer-se, definir-se para

⁹¹ Spivak (2011-2014) aborda essa não validação e poder da fala da subalterna, onde sua vivência, sua fala só é validada a partir das colocações do homem branco ocidental salvador. Logo Carla Akotirene não é contemplada como uma intelectual, uma especialista que comentou sobre algo que aborda em suas pesquisas, isso pois automaticamente é lida como uma subalterna, seu corpo, sua pele negra retinta, seus cabelos crespos e traços negróides a denúncia, assim ocorre o esvaziamento social de seus títulos e saberes.

⁹² Apesar de ser ativamente engajada nas redes, Carla Akotirene conta com 316 mil seguidores. Ao referir a mesma como internauta, a todo um esvaziamento de seus feitos e saberes.

⁹³ Quando o branco intelectual fala de nós, nossas relações e particularidade é doutor, quando nós ousamos falar, somos mais uma “internauta”. Como diria a INTELECTUAL (E essa grafo em letras maiúsculas como ato de violação ao branco que se auto cunhou como o sagrado de todo o saber) LÉLIA GONZÁLEZ “Cumé que a gente fica?”

⁹⁴ Em muito se fala em decolonialidade, mas é aquela corriqueira história da validação do branco em cima de nossas produções. Bárbara Carine (2023, p.130), denúncia: “Os homens brancos cis gêneros, agora majoritariamente do sul global, continuam a falar do processo de construção de vias de enfrentamento da minha subjetividade. O sujeito universal continuava operando dentro do anticolonialismo sendo colonial e produzindo saberes a partir desse “outro” ainda objetivado, exatamente como a ciência positivista fazia, só que com uma nova roupagem. Assim sendo, pergunto: ‘quem descoloniza a decolonialidade?’”.

unir e fortalecer. Audre Lorde e Simone Beauvoir já nos contaram que nossos pontos de vida, nosso conhecer-se ao qual denominam como simples opiniões são as armas mais energéticas para o dismantelo da casa-grande. Simone Beauvoir disse: “É do conhecer as condições genuínas de nossas vidas que devemos tirar nossa força para viver e nossas razões para agir”. Audre Lorde, em seu poema ”Bons Espelhos não são Baratos” (1997), nos aponta o caminho enquanto feministas, aponta a necessidade de reconhecer as diferenças e agregá-las nas lutas, não dividir, pois essa já é uma ferramenta do senhor.

É uma perda de tempo odiar um espelho
ou seu reflexo
em vez de interromper a mão
que constrói o vidro de distorções
discretas o suficiente para passarem
despercebidas
até que um dia você examina
seu rosto
sob uma luz alva impiedosa
e o defeito em um espelho te atinge
se tornando
o que você acredita
ser o formato da sua falha
e se eu estiver junto desse seu "eu"
você me destrói
ou se você conseguir ver
que o espelho mente
você estilhaça o vidro
escolhendo outra cegueira
e mãos cortadas e indefesas.
Porque ao mesmo tempo
descendo a rua
um fazedor de espelhos sorri
criando e transformando novos espelhos que mentem
vendendo-nos novos palhaços com desconto.

O espelho em questão é o que o cis-tema faz de nós, o que conta sobre quem somos a partir de uma óptica racista. No entanto, nós mulheres negras já temos nossos espelhos e ele é ancestral. Para além do espelho temos precursoras do mesmo, como Gabi Oliveira que em seu primeiro vídeo do canal do *Youtube* | Introdução | DePretas postado no dia 19 de agosto de 2015, define que “Esse canal é voltado para meninas negras, sejam elas crespas, cacheadas, alisadas, com tranças, com lace... Aqui vamos falar sobre maquiagem, cabelo, moda, crianças e também sobre livros”. O referido apresenta 895 curtidas. Nesse vídeo introdutório a comunicadora optou por trazer vários cortes de momentos de gravações onde aparece de cabelos curtos e crespos, ousando em uma variedade de penteados, cores e acessórios. Nossa carapinha deve ser exibida, afinal de contas ela é um dos principais alvos do racismo em nossas corpos.

Enquanto selecionava os vídeos a analisar, o primeiro vídeo ao qual me deleitei foi postado no dia 17 de setembro de 2015, conta 115 mil visualizações e 8,1 mil curtidas e 286 comentários. Intitulado “A História do meu cabelo | Transição Capilar | Cabelo Crespo | DePretas” ela discorre sobre como se deu o seu processo de transição capilar e a forma que percebeu que existia uma dependência em está com os cabelos alisados. Durante o vídeo ela traz uma variedade de questões que são comuns entre mulheres negras. Gabi de Oliveira cita que não conhecia o seu cabelo crespo, isso pois desde os 4 anos de idade já era alisado, (Experiência essa que é sensível e também me agonia, ao ouvir automaticamente sou transportada para minha infância, onde vivenciei o sonho dos cabelos longos e lisos, na qual me sujeitei a um alisamento químico muito forte ainda aos 8 anos de idade, passei mal e mesmo assim fingi está bem para que o procedimento não fosse interrompido). Os cabelos são prisões e também janelas, pois muitas vezes os primeiros toques a ele não são de afetos, admiração, mas são de negação, de revoltas. No entanto, a partir do instante que se entende que não é apenas cabelo, a explosão e esplendor sobre este é grandiosa, pois nele se faz o ecoar, se saboreia a liberdade.⁹⁵

[@dianafranzone](#) há 7 anos comentou:

Adorooo você kkkkk dá vontade de ser sua amiga desde criancinha! Meu cabelo é crespo tipo "Vanessa da Mata" kkkkk e to terminando a transição, só que ainda não cortei. Minha cabeça mudou muito com a transição, nesse fato mesmo, de me descobrir, aprender a me amar, em outro vídeo você falou algo como "gosto é construção social" e é mesmo, antes eu achava feio, hoje eu me descobri e acho lindo, dou VALOR kkkk Você é linda e é com seus vídeos que me descubro mais como pessoa, como crespa, como filha de um homem negro e perceber toda essa herança cultural que não tinha conhecimento e nós, possuidoras de cabelo crespo, devemos entender mais. Gratidão.

⁹⁵ A comunicadora aponta que quando parou de alisar os cabelos e cortou (Retirando as pontinhas esticadas e danificadas) que se sentiu muito bem, que não sabia explicar, que não sabia se era a liberdade, mas que se sentiu muito bem. A saudosa Victória Santa cruz em seu poema cantado **Me gritaram negra**, compartilha conosco essa magnificência do Negra sou! Não quero alisar meu cabelo. Assim [@denisechuva](#) há 7 anos também comentou na publicação pontuando que “Pra mim a transição tbm foi bem mais do que cabelo”. Falar de cabelos a mulheres negras é falar também de afetos (Barbara Carine, 2023. Aponta em seu livro como que o cabelo crespo é tido como lugar do desafeto, que sempre via enquanto criança as professoras cuidando, fazendo penteados nos cabelos das colegas que eram lisos, mas o seu, sua cabeça não era o lugar do carinho) é falar de resiliência e dororidade. E no referido comentário citado acima [@monica28dsantos](#)

há 3 anos complementa 3 anos após na fala de [@denisechuva](#) “Pra mim tbm, é aceitação”.

Durante os processos coloniais houve uma edificação de uma civilização universal brancocêntrica. Todavia, como aponta Munanga, estamos sob um processo de construção universal ⁹⁶ sob outras bases, estas as quais carregam afetos e revogações do ódio, das construções para dominação as quais narravam corpos como outros, desprovidos de humanidade, histórias (Raízes, pois uma sujeita sem raízes, sem sua história é um constante errante) e direitos. @brunakezia265 há 5 anos complementa nas falas de Diana Franzon “VIVA NOSSA ANCESTRALIDADE!!”. Gabi de Oliveira durante os minutos 5:41 do vídeo também realiza o seguinte apontamento sobre não se tratar apenas de cabelo, mas origens, ancestralidade, empoderar, conhecer-se e plantar nossas raízes.⁹⁷

Na fazedura do olhar para traz (re)contamos nossas histórias, de nossas ancestralidades, reinos, impérios e grandes nações e não de errantes, degenerados, selvagens, não humanos, sem histórias, que tanto nos foi descrito para a consolidação da dominação de nossos corpos e mentes.

Assumir uma identidade racial é também uma questão de autoconfiança que se potencializa com o conhecimento das virtudes, valores e histórias a partir de um ponto de vista contra hegemônico e não eurocêntrico, ou seja, conhecendo as estórias que a história não conta. (Andreza Jorge, 2023, p.53).

O racismo enquanto instrumento (Como canta Emicida⁹⁸) de dominação nos roubou e segue roubando de nós.

Primeiro cê sequestra eles, rouba eles, mente sobre eles
Nega o deus deles, ofende, separa eles
Se algum sonho ousa correr, cê para ele
E manda eles debater com a bala que vara eles, mano
Infelizmente onde se sente o sol mais quente
O lacre ainda tá presente só no caixão dos adolescente

⁹⁶ Kebenge Munanga (2020, p.54) ao discutir o conceito de negritude perpassa por essa conceituação de civilização universal, onde ele afirma que um dos objetivos da negritude é o repúdio ao ódio. Que negros de todas as partes se apoia, que o objetivo não é excluir-se do restante do mundo, mas construir uma sociedade onde todos os mortais possam encontrar o seu lugar. Por venturas não seria esse apoio, essa solidariedade expressa na negritude de Césaire: “A solidariedade” que são expressos nas explanações de seus pontos de vida nos comentários? Nas dororidades, acolhimentos e trocas.

⁹⁷ Pra mim a transição é muito mais que cabelo, pra muitas pessoas. Ao menos pra mim foi assim, com a transição eu acordei pra muita coisa que eu sabia por alto, mas eu não entendia direito. Muitas coisas envolvendo a questão de ser mulher negra, questões sobre o racismo, questões sobre várias outras coisas. Inclusive o grupo do Facebook o cacheadas em transição foi tema da minha monografia e isso abriu meus olhos pra muita coisa, eu gosto muito de falar sobre cabelo, porque acho que ainda falta essa representatividade aqui, principalmente das meninas tipo 4, tem muitas blogueiras de cachos e a gente está meio jogada de lado pela mídia. Eu te incentivo a isso, a buscar se conhecer. Não passe pela transição só porque outras pessoas estão passando, passe porque você vai descobrir quem é você, o você que havia renegado durante a vida toda.

⁹⁸ Emicida - Ismália part. Larissa Luz & Fernanda Montenegro. (5:57).

Quis ser estrela e virou medalha num boçal
Que coincidentemente tem a cor que matou seu ancestral

O sintoma social⁹⁹ em torno da história negra, cruza passado e presente, histórias inacabadas. Assim a nossa pele é alvo repetidamente, é desígnio da “civilidade” que carrega como objetivo a clareza, a brancura. Se o passado e as desigualdades advindas dele são negados, a falsa democracia racial é pregada como certa, e assim nossas raízes podadas pelos silêncios, pelas mentiras na história, pelo próprio apagamento.¹⁰⁰

De modo já abordado no capítulo anterior, nós negras, em muito falamos e buscamos a conexão a nossa sagrada ancestralidade como meio de força, consciência e bom orí como aponta Luellem Castro na @tvpnumbra, no entanto, esse olhar para trás também é preciso pela branquitude, pelos homens, para assim, quem sabe, possamos construir novas civilizações universais, baseadas na negritude de Munanga, na solidariedade de Césaire, na dororidade de Vilma Piedade, na amefricanidade de Lélia Gonzalez, que transitam também nossos pontos de vida, que narra vidas nossas, não partido da ocidentalização de nossos corpos e do eu no outro, mas no ecoar de nossa voz, de nossas palavras, de nosso pretuguês. Novas civilizações, onde nossas corpos sejam políticas para além de objetos, mas sujeitos como Grada Kilomba (2019, p.28) aponta ao mencionar os conceitos de bell hooks (1989, p.42).

“sujeitos têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias” Como objetos, no entanto, nossa realidade é definida por outros, nossas identidades são criadas por outros, e nossa “história designada somente de maneiras que definem (nossa) relação com aqueles que são sujeitos”.

⁹⁹ a expressão sintoma social a partir de Kehl (2010) quando, ao analisar a política de silêncio em torno das práticas de tortura no período da ditadura militar no Brasil, percebe uma espécie de desdobramento repetitivo e macabro nas práticas policiais contemporâneas atravessadas pelo racismo e pela violência de Estado. Neste sentido, a autora afirma: “Não há reação mais nefasta diante do trauma social do que a política do silêncio e do esquecimento, que empurra para fora dos limites da simbolização as piores passagens da história de uma sociedade. Se o trauma, por sua própria definição de real não simbolizado, produz efeitos sintomáticos de repetição, as tentativas de esquecer os eventos traumáticos coletivos resultam em sintoma social. Quando uma sociedade não consegue elaborar os efeitos de um trauma e opta por tentar apagar a memória do evento traumático, esse simulacro de recalque coletivo tende a produzir repetições sinistras” (Kehl, 2010, p. 126). Pode-se pensar, a partir do que Kehl aponta sobre a ditadura civil-militar dos anos 1960, algo semelhante em relação ao trauma da escravização.

¹⁰⁰ Como é o caso da queima de documentos da escravidão realizada por Rui Barbosa em 13 de maio de 1891 “A república é obrigada a destruir esses vestígios por honra da pátria e em homenagem aos deveres e fraternidades e solidariedade para com a grande massa de cidadãos que abolição do elemento servil entraram na comunhão brasileira” <https://www.youtube.com/watch?v=GAjAoB5jTfM>. Novamente retornamos para a problemática do sintoma social de Kehl (2010). Onde a questão central do trauma não é tratada, mas se coloca um band aid gigante sobre o período como forma vazia de solucioná-lo.

As histórias são meios poderosos de dominação e libertação. Assim como as identidades, visto que só poderemos nos considerar realmente livres quando existir o controle narrativo e criativo das nossas, sobre nosso ponto de vida, e a escrita das mesmas através de mãos que enraízam dentro e fora das academias de ensino. Quando o sintoma social for tratado e não apenas ignorado¹⁰¹, varrido para longe dos espaços de memória coletiva, mas tratado, visto que a violência se inscreve no corpo¹⁰².

O corpo é seu domínio, assim como o conhecimento é poder¹⁰³. A página @pretodefatu compartilhou as falas de Lélia Gonzalez, interpretada por Sueli Carneiro, onde ela expressa a valoração do conhecimento das raízes negras citando “O negro mais bonito do mundo”:

Sabe qual é o negro mais bonito do mundo?
é aquele que tem consciência de suas raízes.
de suas origens culturais.
É aquele que tem a atitude de quem sabe que é ele mesmo
e não o outro determinado pelo poder branco.

Ao expor suas narrativas a partir dos pontos de vida, mulheres negras que, devido a vários fatores sociais não ocupam os espaços acadêmicos para produzir e falar do eu mulher negra, o fazem nas redes. Narram-se. Isso que fazem não de modo vazio, mas na simplicidade de demarcar-se sem a exploração de suas dores contadas por outras, por sujeitas que escrevem de fora para dentro. Clóvis Moura, na reunião realizada em Dakar no mês de janeiro - entre os dias 7 a 14 de 1974 - "Negritude¹⁰⁴ e América Latina" apontou que:

¹⁰¹ Costa, 2008, p.12; aborda que “Se a lei garantia o status jurídico de pessoas livres, ela não fornecia os meios para tornar a liberdade efetiva. A igualdade jurídica não era suficiente para eliminar as enormes distâncias sociais e preconceitos que mais de trezentos anos de cativo haviam criado. A lei áurea abolia a escravidão, mas não seu legado. Trezentos anos de opressões não se elimina com uma penada.”

¹⁰² Andréa Pires Rocha (2021, p.10) cita que “A ideia de superioridade branca e masculina, foi inicialmente propagada pelo cristianismo europeu, instrumento ideológico útil para a imposição da escravidão aos povos originários dos territórios ocupados. Mecanismo cristalizado na modernidade, que segundo Oyèwùmí (2019, p. 94), é acompanhada de transformações em esferas sociais e culturais, envolvendo categorias raciais e gênero, as quais foram “eixos fundamentais a partir dos quais as pessoas foram exploradas e as sociedades foram estratificadas”.

¹⁰³ Ninguém vai te dar a educação que você precisa para derrotá-los. Ninguém vai lhe ensinar sua verdadeira história, seus verdadeiros heróis, se eles sabem que esse conhecimento irá te libertar. Texto traduzido de Assata Shakur <<https://assatashakurpor.wordpress.com/textos/>>. Acesso 14/05/2024.

¹⁰⁴ Clóvis Moura (1974, p.1) cita que: Foi, aliás Aimé Césaire quem no seu Cahier d'un retour au pays natal, em 1939 empregou pela primeira vez a palavra negritude. Para ele significava "o simples reconhecimento do fato de ser negro e a aceitação deste fato de nosso destino", enquanto para Senghor significava "a soma total dos valores africanos".

Por isto mesmo (em que pese a opinião de certos cientistas sociais acadêmicos presentes) o colóquio de Dakar não foi uma reunião sobre o negro, como pretendem alguns, mas sobre o conceito polêmico de negritude relacionado com determinada área geográfica: a América Latina. Isto, porém não foi compreendido por alguns (felizmente minoria), que desejavam um encontro "higienizado", segundo a expressão de Nicomedes Santa Cruz, do Peru, que teve oportunidade, no plenário, de travar; várias vezes, debates sobre o assunto. Queriam o negro como objeto de estudo sociológico ou antropológico para enriquecimento dos seus conhecimentos acadêmicos. Ora, quem tem informação - pelo menos superficial - da bibliografia antropológica e sociológica das áreas acadêmicas, sabe muito bem como esses sábios se aproveitam do problema do negro para teses de doutoramento, como se estivessem fazendo pesquisas com a *Drósofila Melanogaster*.

Cumé que a gente fica? Cumé que a gente fala? Quando a gente fala se apenas uma elite seja ela branca ou negra detém o poder da narrativa, da escrita e assim por diante?¹⁰⁵ Mulheres negras, como apresentado no capítulo I, são minorias nas conclusões acadêmicas, tendo em vista que sequer foi analisada essa porcentagem nos mestrados e doutorados. Se nossa fala for valorizada apenas caso sejam produzidas de dentro das instituições, assim como hooks (2013) já apontou, estará fadado ao fracasso.

Mulheres negras periféricas ainda estão passando pelo processo de reivindicação de sua humanidade, de suas vidas. Andreza Jorge (2023, p.104) entrevista uma mulher que fazia parte do movimento feminista de dança no complexo da Maré. Ela nomeia a entrevistada de Ava Maria, e a questiona sobre o feminismo, direitos iguais entre outras questões e Ava Maria, responde;

Ontem estava vendo uma reportagem de uma mãe que estava falando que perdeu o filho, uma mãe preta, reclamando que o policial militar atirou no filho e a polícia militar estava alegando que foi "bala perdida" na cabeça. Ai a mãe estava mostrando a carteira de trabalho e o boné do garoto pra dizer que, se fosse bala perdida, o boné tinha que ter um furo e a fala da mulher era no dia que teve aquele homicídio dos meninos de Costa Barros com 111 tiros, "eu não deixei meu filho ir com eles, meu filho sobreviveu e ele poderia ser uma das vítimas daquele massacre e agora meu filho morreu do mesmo jeito. A única coisa que eu quero é provar a inocência do meu filho, ele não era bandido". E eu fico: A gente morre o nosso corpo, né? Matam o nosso corpo diariamente retirando os nossos direitos e depois quando a gente morre ainda querem matar a nossa memória, nos colocar num lugar de marginalizado sabe?".

O avanço é como um disco arranhado, se a pauta que deveria ser primária não for alcançada, não é um avanço real, é novamente um sintoma social.

É evidente que as comparações entre mulheres brancas e não brancas necessitam ser recorrentes, isso não no sentido de diminuição das pressões enfrentadas por mulheres

¹⁰⁵ Ao trazer o conceito de elite aqui me refiro não são uma elite econômica, mas elite no sentido de vantagem de ocupação de espaços.

brancas, mas de aprofundamento das reflexões de que ser mulher na sociedade não carrega um sentido homogêneo. A pesquisadora e doutora em ciências sociais Pacheco (2008) cita que “Assim, para esta concepção não existe uma identidade única, homogeneizadora de “ser mulher””. como discute Castro (1991). Mulheres negras ainda lutam pelo “direito de ter direitos”¹⁰⁶ sem que estes precisem ser fundamentados, mas baseados na constatação da vida.

E como avançamos? Pois bem, hooks (2013) já nos trilhou esse percurso, vamos avançar quando as falas tornarem-se possíveis de trocas em simples conversas. Logo é perspicaz acolher o ensinamento de hooks e compreender o âmago do movimento feminista que se trata de uniões, unificações de abundantes vozes que gritam desde os centros aos mais longínquos cantos.

Assim como hooks (2008, p.858) deleita-se na inquietação do poema de Adrienne Rich, em como os opressores moldam a língua inglesa para limitar, como arma de humilhar e envergonhar. O desassossego sob a maneira do direito a fala é exclusivo, esse limitar do opressor afeta a revolução do movimento negro feminista por basear-se em padrões, (na análise de hooks, trata-se de padrão linguístico do inglês, em contraponto com o inglês vernacular negro) em títulos acadêmicos para definir quem pode ser ouvido e falar.¹⁰⁷

Do mesmo modo que surge a necessidade de aperfeiçoar por décadas a própria ideia de negritude¹⁰⁸, é preciso também aperfeiçoamento dentro do próprio movimento intelectualizado para o dilema político de “feministas negras quem pode falar?” se apenas algumas poucas mestras, doutoras, pós- doutoras, ou também as negras as margens. A

¹⁰⁶ Hannah Arendt, no seu texto intitulado “O declínio do Estado-Nação e o fim dos direitos do homem”, que trata da questão dos direitos daqueles que não têm direitos. A afirmação de Arendt de que mesmo os apátridas têm “o direito de ter direitos” é um tipo de exercício performativo, como foi habilmente demonstrado por Bonnie Honig e outros; Arendt está estabelecendo, por meio da sua reivindicação, o direito de ter direitos, e não existe fundamento para essa reivindicação que não a reivindicação em si mesma.

¹⁰⁷ Enquanto era estudante de graduação em História, me recordo que sugeri a um professor em uma das palestras universitárias convidar alguma das funcionárias para falar, obviamente isso não aconteceu, mas a inquietação que fez sugerir a ideia foi “Se nós estamos aqui discutindo sobre elas, por que não ouvi-las? por que elas não podem contribuir? Ensinar?”. Compreendo que o falar também precisa de bases, mas só um porém, um será, será que essas bases são produzidas apenas e em conjunto com o diploma?

¹⁰⁸ Clóvis Moura; Sr. Alioune Sene, ministro da Educação do Senegal, no conclave de Dakar. Com veemência e muita objetividade traçou as coordenadas do que ele chama de negritude no atual estágio de desenvolvimento do mundo e a sua função cultural e política. É uma peça que reformula, a partir de uma visão realista e operacional da negritude a sua função, especialmente na América Latina e em toda a área do chamado Terceiro Mundo. Para ele, cabe, através da negritude a criação de um Mundo Novo, de um americano do Sul novo e de um negro novo. Isto irá formar a civilização do Universal. Neste processo de transformação a negritude desempenhará, como etapa de pensamento, o mesmo papel que os filósofos do século das Luzes, precursores da revolução de 1789 desempenharam, porque expressa uma vontade de libertação política e de desenvolvimento econômico e cultural.

influenciadora Saramara ao denunciar o mundo midiático e a preferência de marcas por um perfil específico de influenciadores. Saramara @sarazara3321 no dia 28/02/2024 em poste cita que

Eu vim abrir minha boca de gamela e denunciar que eu tô achando muito bonito quando esse povo fala de nós, ganha com nós. Entende tudinho sobre nós, só não quer falar isso com a gente mesmo né? Geralmente sentam, fazem roda, o povo declara que é aliado, que reconheceu que tão num lugar de privilégio, vem com um tal de uma mão lava a outra, mas quando chega em nossa vez a água acaba. Na nossa vez o sabão não tem espuma.

A denúncia da trancista e influencer Saramara, reverbera para além do próprio espaço que ela cita, pois, por vezes algumas comunidades se recusam a receber pesquisadores devido ao fato desses chegarem em seus territórios, realizarem suas pesquisas e sumir sem dar qualquer retorno. No ano de 2018 e 2022 realizei visitas a uma comunidade indígena, os Kiriris e em 2022 no projeto quilombando, pude ter uma vivência na comunidade quilombola de Pedra Negra da Extrema, e as colocações e falas desses territórios eram as mesmas apontadas por Saramara (Uma mão lava a outra, mas em nossa vez a água acaba, o sabão não espuma), eram denúncias de povos que estavam sendo sugados como objetos.

Assim sendo, essas (Mulheres negras, pobres, periféricas que estão à margem) podem falar apenas como objetos? Pois mesmo que se aponte uma escrita decolonial, em que elas são sujeitas, por qual razão apenas transcrevem suas falas e realidades e não suas escritas e anseios como referências? Muitas dessas mulheres produzem, escrevem, não em artigos científicos, mas em outras performances em seus espaços seguros (Na criação de versos, poemas, redes sociais, entre outras) e nestes se definem.

A luta feminista hegemônica que produz teoria e ocupa os lugares “de poder socialmente consolidados” precisa urgentemente envolver as interações teóricas da realidade de mulheres negras e indígenas, não apenas como “objeto” de estudo, mas como produtoras de conhecimento legitimado e sujeitas das próprias história.(Andreza Jorge, 2023, p.120)

Fica entendido desta maneira que enquanto houver a continuação das desigualdades, diante de mecanismos que excluem, frustram e oprimem, atreladas a marcadores de gênero e raça (E território), nós ainda seremos minorias nas produções,

mesmo que essas sejam sobre nós e nossos pontos de vida. As subalternas anseiam pela fala ¹⁰⁹ pela tão sonoramente pregada descolonização¹¹⁰.

De tal forma é cabível a especulação de que quantas Carolinas Marias de Jesus, não estão nos arredores dos muros acadêmicos? Cumé que a gente fica se não conseguimos adentrar esses espaços? Ficamos à mercê das Drósofila Melanogaster? Carlana Faria Rocha e Carlos Henrique de Lucas (2024, p.2) apontam “O colonizador europeu, alegadamente superior, decidiu, há mais de 500 anos, que os melhores lugares seriam para os brancos. Lugar de preto em tempos de colonialismo era as senzalas e, depois, a pobreza na cidade e no meio rural.”

A revista Forbes em sua análise da lista dos brasileiros mais ricos do Brasil, e um leve olhar sobre seus pálidos rostos comprovam que a agenda de poder do colonizador segue sendo repassada nas gerações, na lista o que se constata é a presença latente de homens brancos¹¹¹. A ausência ainda nos persegue em tantos territórios, mesmo em tempos tidos como modernos e desconstrutores.

Pensando neste lugar de poder que ultrapassa a economia, as negas do ziriguidum, provoca seus seguidores a pensar no seguinte questionamento “Você conhece algum herdeiro negro no Brasil?”. Com 1.015 comentários, o que chama maior atenção entre eles é o apontamento de inícios de mudanças nos cenários. @proanaafra comentou “Costumo compartilhar em minhas palestras, que estamos construindo a primeira geração de herdeiros negros no país. É um legado e tanto! Um feito que só está sendo viável, graças aos esforços e (herança não material) de nossos mais velhos.”

¹⁰⁹ Abdias do Nascimento na mesma Conferência. Dizia ele: "A mentalidade de nossa população de cor é ainda pré-letrada e pré-lógica. As técnicas sociais letradas ou lógicas, os conceitos, as idéias não a atingem "Espírito e Fisionomia do Teatro Experimental do Negro", Loc. cit. p. 10". Oras, não é essa mesma subjugação que as academias ainda fazem ao ter grande parte das negras apenas como objeto de pesquisas? Negras são lançadas repetidamente ao lugar de “internautas” pois fatores como marginalizações, desigualdades, subempregos e simples tarefa de sobrevivência nos fazem compelir porta a fora dos espaços escolares e acadêmicos.

¹¹⁰ Ochy Curiel (2007, p.2), conceitua descolonização como “Se refere a processos de independência de povos e territórios que haviam sido submetidos à dominação colonial política, econômica, social e cultural”.

¹¹¹ Confira abaixo a lista dos 10 brasileiros mais ricos segundo a revista Forbes.

Eduardo Saverin.

Vicky Safra e família.

Jorge Paulo Lemann e família.

Marcel Herrmann Telles e família.

Carlos Alberto Sicupira e família.

Fernando Roberto Moreira Salles.

Pedro Moreira Salles.

André Esteves.

Oras é preciso sim o movimento de associação de negros a riquezas, de negras a intelectualidade, ao desfrute de prazeres e lazeres da vida, afinal de contas “Onde a gente não se vê, a gente não se pensa” (Bárbara Carine, 2023p.147) e se pensar e florir em lugares que por vezes foram inférteis a nós, é bandeira que já foi hasteada por nossas ancestrais a sangue e lágrimas.

Bonito é florir no meio dos ensinamentos impostos pelo poder.
Bonito é florir no meio do ódio, da inveja, da mentira ou do lixo da sociedade.
[...] Bonito é renascer todos os dias.
[...] A verdade está chegando á tona, mesmo que nos arranquem os dentes!
O importante é prosseguir. (Potiguara, 2004, p.79).

Mulheres negras têm florido nos solos mais inférteis diante das estruturas sociais de dominação e opressão. Silenciadas pelo Estado que não as atende, pelos companheiros e a paixão as brancas como meio de demonstrar progressão hierárquica social, pela educação formal, que não pensa seus corpos como intelectuais, pelas mídias que optam, não por conteúdos que geram mobilizações, mas conteúdos vazios que em nada contribuem para o avanço da sociedade. E em tantas outras manifestações somos projetadas para não “nascer”, para nossa fala não florir, mas ainda assim, contra o solo que segura nossas sementes, (a mão que entala nossas gargantas), florimos já denunciando a dor, os avanços, as reivindicações por afetos, a fala/queixa de quem observa o sistema e percebe a força dele sobre seu corpo.

Corpos dissidentes, pesquisadores, ativistas, ativistas se insurgem dos abismos onde são obrigados a habitar. Re(ex)istem enfrentando fortes poderes, regimes de governação da vida. Recusam a neutralidade e se posicionam diante dos ecos coloniais. Lutas essas marginalizadas e, muitas vezes, descredibilizadas (Carlana Farias; Carlos Henrique, 2024, p.13).

A naturalização e aprazimento ao lugar de ausência e pobreza é algo que a negritude não mais se acalenta, ao contrário, constantemente existe dentro dos espaços onde uma de nós alcançou a responsabilidade de lutar por todas nós, e a inquietação pela presença e voz de irmãs, que devido a fatores como trabalho, e a síndrome da falta de oportunidades não conseguem se fazer presente. Como aborda Bárbara Carine, em seu *Instagram*.

Muitas vezes quando eu bato na academia, eu logo na sequência entendo essa responsabilidade que eu tenho de ser uma pessoa com mais de 300.000 seguidores e que tem uma certa audiência, as pessoas têm um grau de respeito

com as coisas que eu falo. Eu tenho que ter um compromisso ético com a comunidade no sentido de ter responsabilidade com o que eu falo. Eu falo as coisas sobre a academia, mas ao mesmo tempo eu estou lá dizendo, foi a academia que transformou minha vida, foi a academia que me fez tirar minha mãe da cozinha da casa dos outros e não só na perspectiva pessoal, mas na perspectiva coletiva quantas pessoas me viram na academia acessaram a academia e transformaram suas vidas, suas comunidades a partir da academia.[...] Olha a estética dessa sala [...] Essa sala só é possível porque pessoas não desistiram da academia [...] essa aula aqui só é possível porque pessoas fizeram esse trabalho que parece íntimo e disseram assim, vale a pena, porque se não for por mim é ao menos porque já derramou sangue para que eu tivesse aqui [...] é também por quem vai vim [...] a perspectiva é comunitária.

Em suma, nossa luta é coletiva, não é egocêntrica, é comunitária. Fernanda Carneiro cunhou o lema para mulheres negras que “nossos passos vêm de longe” acrescento que eles vieram de longe e não só, afinal de contas, nós mulheres negras somos terra que povoa, uma, mas não só.

É significativamente imprescindível que se ressalte que nestes passos coletivos a educação formal é um elemento que pode gerar transformações sociais, assim como o meio não formal de educação, redes sociais. Todavia, cabe entrar na luz da análise que no meio digital, onde o polo emissor é liberado nem todos falam com propriedade, ou se quer responsabilidade do que se expõe. Gabi Oliveira, no podcast @afetosnossos expõe o problema, ou a crise da influência que surge em consonância com o aumento de figuras tidas como influencers.

Uma coisa que eu tenho batido muito na tecla, que a gente precisa entender é que nas redes sociais todo mundo é influenciador [...] você pode ter uma amiga com dez seguidores e ela pode te influenciar, mas o que a gente tem hoje é o influenciador profissional, que é a partir do momento que você começa a receber ou dinheiro, ou produtos por conta da sua influência que exerce em sua comunidade, em seus seguidores[...] A ideia de influenciador profissional hoje, está muito ligada a ideia de receber coisas, as pessoas querem ser influenciadoras porque vem com a ideia de receber mimos, recebidos, ganhar muito dinheiro [...] Eu comecei em 2015 e eu percebo que quem começou antes começou por motivos mais simples e mais estruturados, não só a fama pela fama.

Enquanto pesquisadora que defende a amplitude do movimento negro feminista, chamando a atenção da necessidade de ouvir vozes outras, vozes que estão as margens, também chamo a atenção que essas vozes como colocado por Gabi Oliveira, precisam ter objetivos. Isto até mesmo para fortalecer a maior integração e unificação dentro do movimento, a palavra é um instrumento potente, sobretudo a negritude, desde nossas

raízes a palavra já era sagrada, já era poderosa, logo era preciso sabedoria para saber guardá-la e usá-la¹¹².

Posto que a negra mais bela é a negra que se conhece, esse conhecer se expressa na consciência de si enquanto uma ser, enquanto mulher negra (consciência de raça), é um requisito deveras necessário na ação política da fala. Precisamos dizer a todo momento quem somos (Vilma Piedade, 2017). “Eu sou. Nós Somos ou precisamos ainda Ser. E quando Somos, nem sempre encontramos a delícia de se saber Quem é... O Racismo declara, de forma ora sutil, ora agressiva, violenta... Não... vocês não São...” (Vilma Piedade, 2017, p.20).

O sistema que privilegia a branquitude não vai nos educar, afinal de contas isso pode destruí-lo, visto que o sistema se alimenta das opressões, violência, desigualdades e marginalidades. Os movimentos denunciam que está escancarada a ordem dominante e páginas e canais levantam propositalmente o desconforto, o desalento em questionamentos simples que desencadeiam o pensar por parte das seguidoras, como é o caso do post na página das negas do ziriguidum, onde no dia 04/07/2022 questionam “Seus avós conseguiram fazer faculdade?”. O post com 166 comentários aos quais analisei cada um deles e cataloguei com sim (Conseguiram) e não (Não conseguiram). Deste modo, de acordo com a análise, observei que grande parte das pessoas que comentaram são mulheres, em sua maioria negras. Dos 166 comentários, apenas quatro mulheres afirmaram que sim, sendo elas duas não negras e duas negras. E 162 afirmaram que não.

O sonho da mudança, da revolução, da vida é o que tem nos movido pelos caminhos dos quilombos a séculos. Neste caminho do quilombo @antoniopedro-f, homem de pele negra retinta, comentou na postagem das negas do ziriguidum “Minha filha vai dizer, Sim!”. Quase se é possível ouvir o ecoar de Conceição por detrás das palavras de @antoniopedro-f, recitando nossa dororidade, força e coragem em seus versos das vozes-Mulheres. Afinal de contas, as poesias também são (podem vir a ser) produções contra narrativas da colonialidade.

Logo, é imperativo rasurar o branco-colonizador-cristão-militar ocupante psíquico de si. Inadvertidamente, é preciso rasurar a autoridade intelectual, acadêmica ou não, e desobstruir elaborações criativas fora do espectro do Norte Global, fortalecendo o campo teórico da poesia, cujo caráter revolucionário

¹¹² Ao usar as palavras enquanto ferramenta de desconstrução da colonialidade é preciso sabedoria semelhante a das griôs, sábias para guardar e transferir as histórias do povo, os costumes e os conhecimentos.

segue amordaçado pelos dispositivos de validação científica. (Carla Akotirene, 2023, p.22)

A conjuntura da dominação e padronização dos saberes de acordo com o branco-colonizador-cristão-militar reflete os primeiríssimos no hoje, dentro dos próprios espaços formais de educação, isto pois ele limita o acesso, além de delimitar o que é científico ou não (O que é conhecimento que deve ser ouvido ou não), dessa maneira nossas corpas pretas, por diversos fatores, que perpassam entre histórico, social e estrutural de discriminações ficam as margens, desta vez não do Atlântico, mas doridas no lugar do não ser, não poder, às margens das mobilidades, onde umas poucas realizam os primeiríssimos, umas poucas adentram os espaços e hora ou outra tentam transformá-lo, prepará-lo para nossas corpas pretas.

As universidades e locais de poder não são pensados para mulheres pretas. @raquelepossu, mulher negra retinta, que segundo informações de sua bio do *Instagram* é estudante de psicologia na PUC, é modelo e atriz em formação. Raquel Possu, postou em seu *reels*, um desabafo a qual podemos analisar a problemática do corpo da mulher negra como o corpo estranho, que não pertence. Ela coloca;

Quando você é uma pessoa periférica que começa a acessar lugares de elite, ninguém te prepara pra o quão alienígena você vai se sentir. E eu digo lugares de elite de uma forma completamente leviana, eu estou falando de você acessar uma faculdade boa, eu estou falando de você ter um emprego legal, eu estou falando de você visitar lugares, sabe, de frequentar espaços que tenham uma qualidade de comida diferente. Não sei, um passeio legal que você queira fazer com sua família. A forma como eu melhor consigo explicar isso é pensar nessa situação como uma falha de comunicação, porque definitivamente eu não falo o mesmo idioma que essas pessoas, a forma que eu me movo, a forma como eu me comunico, as referências tanto do dia a dia, quanto referências dentro da educação, porque né óbvio, eu estou correndo pra chegar em um lugar que eles tiveram um tempo e apoio suficiente pra ir caminhando.

Porém sendo as primeiras, não por bondade e benevolência do Estado e sociedade, mas por lutas de nossas irmãs, hoje muitas mulheres negras são as primeiras de suas famílias a ocupar estes espaços universitários e outros lugares tidos como de elite. Raquel Possu conclui em seus *reels* afirmando que está muito cansada. É o cansaço de ter que ser a preta guerreira, de como coloca a cantora, negra, Bia Ferreira, que ao cantar afirma que seu som, é uma forma de educar pessoas pretas que não tiveram acesso ao mesmo tipo de informação que ela teve. Para além disso, Bia Ferreira, aponta o quanto é importante pessoas brancas se educarem, pois o racismo existe devido a elas, de acordo a cantora, se essas se educarem, a gente já para de morrer, pois a gente não tem tempo de ficar tentando

sobreviver e educá-los, e se eles próprios fizerem isso, e passar pra frente, já é um grande avanço.

A escritora, negra, Maria Carolina de Jesus, fala que “quem inventou a fome são os que comem”, assim de encontro a fala de Bia Ferreira, quem inventou o racismo, as desigualdades, são os que se privilegiam deles. Deste modo, a nossa luta é para sobreviver, para agarrar as poucas oportunidades únicas que surgem, para fugir e dismantelar os cenários que nos martirizam enquanto negras. Michele Santos, doutora em ciências, pela USP, comentou a partir de suas redes sociais sobre essa única chance que temos.

Ser a primeira doutora da minha família é saber que eu sou uma história de realização. Num dos programas eu assisti uma pessoa uma atleta paralímpica falando que uma pessoa com deficiência ela não é uma história de superação, eles são histórias de realização, eles não têm que superar a deficiência que eles têm. Quem tem que superar isso são as pessoas que têm preconceito com a pessoa com deficiência. Então eu comecei a dizer, eu não tenho que superar minha cor, quem tem que superar a minha cor são as pessoas que tem preconceito com a minha cor. Eu não tenho que superar a minha realidade difícil [...] Eu sou uma mulher preta, filha de empregada doméstica, que veio da periferia e que entendeu que o estudo era o seu único caminho, a sua única chance e que se essa chance não desse certo aí eu talvez reproduzisse o que minha mãe faz.

Estreando esse primeiríssimo, Michelle complementa dizendo que seu corpo ocupar esse espaço é um trabalho de suas ancestrais, que permitiram ela estar onde está hoje, pois todas que vieram antes lutaram muito para que uma mulher negra estivesse na faculdade de saúde pública da USP.

E uma negra que sabe de si, uma negra empoderada tende a brigar contra esse sistema e inspirar outras. A educação formal é um caminho que possibilita mudanças e mobilidade social, porém nossa inserção nesses espaços ocorre em pequenos números, isso contribui para a quase inexistente mobilidade social de mulheres negras. Como expõe Esmeralda Ribeiro: “Somos humanas. Somos diversas. Somos visíveis. E como autoras e donas de nossas próprias histórias, faremos valer a luta ancestral para que nossa palavra seja impressa, compartilhada, ouvida, repostada e respeitada.”

Mv Bill em uma entrevista com Bial em 2018 escancara como que a ferramenta do senhor que nos impõe para lutar por sobrevivência ainda prende nossa mobilidade, ferramenta eficaz a hierarquia da branquitude, pois nos prende em um sistema onde a sobrevivência é a luta diária e principal.

Não é verdade que todos os brasileiros têm condições de entrar na faculdade. Não por incapacidade mental, mas todos eles não estão concorrendo em igualdade. Primeiro porque o jovem negro, preto, que mora em favela, a primeira coisa que ele tem que fazer é tentar dividir, conciliar, estudo e trabalho [...] Minha mãe esboçava um sorriso muito maior quando eu chegava em casa com um dinheirinho que eu arrumava na feira, que eu arrumava tomando conta de carro, quando eu vendia jornal, do que quando eu mostrava meu boletim com notas boas pra ela. Por conta de histórico dela, do conhecimento dela de não conhecer nenhum outro parente, nenhuma outra pessoa, com meu biotipo que tivesse tido ascensão através do estudo, ela, coitada, achava que aquilo não era bom. Ela preferia muito mais me ver com uma carteira assinada, do que me ver com um boletim com boas notas. E muitos desses jovens que estão fora da Universidade, fora da escola, é por conta de uma realidade social. Porque, quando ele sai da escola, ele entra num processo de invisibilidade. Ele não é visto. É uma questão de representatividade.

Ser história de realização e representatividade não é um processo fácil, isso pois os lugares de poder, as universidades, não querem nossos corpos ocupando as cadeiras, nossas teorias nos referenciais, porque isso pode destruir a própria organização do sistema, afinal são as desigualdades, o racismo, sexismo, machismo e outras tantas opressões repetidas que o alimenta. Enquanto pessoas negras estão lutando para trabalhar, (sobreviver) e estudar (almejando outra realidade), pessoas brancas (que são privilegiadas se não financeiramente, são com o pertencer, pois pessoas brancas por mais que sejam pobres, encontram representatividade, espelhos dos seus em diversos lugares de poder), estão por aí nos cursinhos se dedicando unicamente aos estudos de vestibular. Somando-se a essa dificuldade de acesso ainda agrega-se o fato de parecer que somos como descreve bell hooks (2017, p.241) “corpos estranhos” ao espaço. Ou seja, corpos que não pertencem.

Durante a escrita e leitura de mulheres negras algo que me fez sangrar e palpar o que Piedade denomina de dororidade foi justamente compartilhar da vivência dos relatos das autoras negras sobre como a universidade pode ser opressora, pode nos marcar como ‘sabotadoras’ e levar a dúvidas de nossa própria capacidade enquanto intelectuais negras. Os afetos também são instrumentos políticos, então Ubuntu é estratégia de desmonte da casa grande, das “máscaras brancas”. Escrever é um ato político que devemos fazer mesmo em meio ao medo como nos declara Lorde. Somado ao ato da escrita, outra transgressão política é o apoio entre nós irmãs negras em nos citar como aponta Sueli Carneiro (2018, p.8)

Promover os nossos textos entre nós mesmas, e para além de nós, investigar uma biografia não conhecida ou não recepcionada como objeto científico, mas que nós informa a partir de nosso universo cultural negro, insistir em aprender

as informações contidas na obra, são atos de leitura que se transformam em atos políticos.

Parafraseando Jurema Werneck ‘Nossos passos vêm de longe’ e eles não vêm sozinhos. A mulher negra é sujeita individual, amparada na coletividade. Me recordo que em palestra da intelectual Dayse Sacramento, no evento produzido pelo PPGCHS, Fórum sociedade crítica¹¹³ (2024), que a intelectual apontou a importância de que nós tenhamos redes de conexões e trocas com outras mulheres negras, e o quão potente é usar as produções de nossas pares negras em eventos e produções. Afinal, como toca a poeta Ana Cristina Cesar, a escrita não está desvinculada do corpo e dos afetos.

A corpa da mulher negra é também um território político, não como propriedade, mas como lugar de reivindicações e (re)conquistas do direito do ser. Spivak aborda que “A mulher intelectual como uma intelectual tem a tarefa circunscrita que ela não deve rejeitar como um floreio”. As escritas de mulheres negras estão impregnadas de pontos de vida, e essas exigem visibilidade.

As negas do Ziriguidum, como as mesmas já colocaram em suas bio do *Instagram*, formam um quilombo online, e como líderes deste quilombo, desejam tocar seus seguidores e influenciar com conteúdo que as/os fortaleça na compreensão de quem são, ou seja, no desenvolvimento de incômodo as normatividades e consciência racial. Tornam visíveis o que não está escondido na sociedade, mas que está naturalizado, trazendo para foco do debate virtual nossos pontos de vida enquanto negras e negros na sociedade. (BASSALO, 2012, p. 24) dialoga sobre a relação entre espaço virtual e não virtual como reflexos das experiências dos sujeitos “(...) os diferentes espaços de convivência na internet podem ser considerados como produtos culturais da contemporaneidade, pois representam as experiências dos sujeitos, suas intenções, opiniões, argumentos e disposições sociais.”.

Assim, neste influenciar antirracista, a página convoca a reflexões de questões que tempos após tempos, os brancos donos de tudo pregam que é o natural. Inculcam o debate

¹¹³ De acordo descrições do site o fórum é “O Fórum Sociedade Crítica (FSC), principal evento do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais da UFOB, articula-se a partir das duas linhas de pesquisa do Programa: ”Linguagem, cultura e poder” e ”Sociedade, políticas públicas e sustentabilidade”, e tem por objetivo debater questões candentes nas sociedades contemporâneas, a exemplo das relações etnicorraciais, dos Direitos Humanos, do gênero e das sexualidades, dos estudos críticos em Educação e História, dos estudos sobre distintas capacidades corporais, dos Estudos Descoloniais, do direito à identidade e ao território”.

Mais informações e a programação completa estão disponíveis no site www.sociedadecritica.com.

sobre as normas, a ocupação de corpos brancos em lugares de privilégios, e os discursos de que esses são seus, da branquitude por direito, pelo seu esforço, inteligência e até mesmo direito divino. As ações destas tidas como influencers negras é uma movimentação que podemos denominar tanto de antirracista, quanto como de(s)colonial, isso, pois visa construir narrativas hegemônicas, além de desconstruir contos, histórias, falas e mitos criados sobre nossa negritude. Questionam a partir de post simples e de acesso prático e compreensão de toda a identidade negra, enquanto seres livres e de direitos.

Precisamos saber de nossos direitos e quem somos e assim anunciar a outras meninas e mulheres negras, para que assim a fuga dos grilhões se faça consolidada. “Se eu não tivesse me definido para mim mesma, teria sido esmagada pelas fantasias que outras pessoas fazem de mim e teria sido comida viva” (Audre Lorde).

A branquitude ainda não esqueceu dos grilhões com que nos acorrentaram. E, a todo momento, temos de dizer, gritar “Ei, a gente, faz tempo que arreventamos as correntes”, apesar da grande maioria do nosso Povo Preto ainda continuar acorrentado na imobilidade da escala social. (Vilma Piedade, 2027, p.43)

Quando as negas do ziriguidum realizam a provocativa reflexão ao seu público se conhecem algum negro herdeiro, elas usam seu poder da fala para incomodar negras outras, elas chamam ao pensar e geram nos comentários o desconforto da ausência, assim como no post analisado anteriormente, que se constatou que apesar da negritude ser maioria no Brasil, nós não somos os herdeiros materiais de nada, mas somos os herdeiros da colonialidade, onde ao questionar se as avós fizeram faculdade apenas quatro mulheres afirmaram que sim, enquanto todo restante das 166 disseram que não e apontaram o analfabetismo presente na família. A partir dessa simples pergunta, porém desconfortante e inquietantes respostas, questionamos o sistema educacional e o que ele tem produzido ou reproduzido nas salas e instituições do saber formal.

Assim também a educação. Por toda a parte onde ela deixa de ser totalmente livre e comunitária (não escrita) e é presa na escola, entre as mãos de educadores a serviço de senhores, ela tende a inverter as utilizações dos seus frutos: o saber é a repartição do saber. A educação da comunidade de iguais que reproduzia em um momento anterior a igualdade, ou a complementariedade social, por sobre diferenças naturais, começa a reproduzir desigualdades sociais por sobre igualdades naturais, começa desde quando aos poucos usa a escola, os sistemas pedagógicos e as "leis do ensino" para servir ao poder de uns poucos sobre o trabalho e a vida de muitos. Onde um tipo de educação pode tomar homens e mulheres, crianças e velhos, para torná-los todos sujeitos livres que por igual repartem uma mesma vida comunitária; um

outro tipo de educação pode tomar os mesmos homens, das mesmas idades, para ensinar uns a serem senhores e outros, escravos, ensinando-os a pensarem, dentro das mesmas ideias e com as mesmas palavras, uns como senhores e outros, como escravos.

Cumé que a gente fica se os espaços formais de educação reproduzem as estruturas de dominação que nos levam aos lugares de servidão? Se não estamos sendo formadas nas instituições escolares e universitárias, logo não somos nós que produzimos os textos sobre nós mesmas, e assim cumé que a gente fica?

Através dessas análises é perceptível o epistemicídio sobre os corpos negros. Isso porque o sistema da branquitude anula, a partir da ordem de dominação, os conhecimentos não-brancos, na mesma medida que limita acesso, onde corpos negros são vistas apenas como fonte primária de pesquisa e não de produção de conhecimento.

O epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção de indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. (Carneiro, 2005, p.99)

A partir dos posts o véu da meritocracia é levantado e escancara os mecanismos de deslegitimação do negro enquanto produtor e portador de conhecimento, diante desse rompimento do véu as vozes das negras ecoam por mobilidade do eu, ser e porvir. Isso não apenas nessa geração, mas almejando gerações futuras, até por que nossa luta é também coletiva (Assim como de nossas ancestrais foram para que hoje possamos está questionando a ordem também de dentro das academias) e assim precisa ser para gerar transformações, a luta negra feminista é “ubuntu”¹¹⁴.

As engrenagens que nos invisibiliza enquanto mulheres negras perpassam tantos caminhos em nossas vidas, vai desde o epistemicídio de nossas sabedorias e conhecimentos até nossa autoestima, enquanto confiantes com nosso corpo e intelecto. Somos como Formula Grada Kilomba (2019), ocupamos enquanto mulheres negras a

¹¹⁴ Noção que pode ser traduzida como algo próximo de “Eu sou porque nós somos”.

outridade, ser sempre o outro e nunca si mesma¹¹⁵. No entanto, esse constante direcionar negras a outra/o é um lugar a qual o próprio movimento de mulheres negras traça o embate direto, uma sublevação para a construção identitária de jovens e mulheres negras.

Diante dessa esfera de construção identitária como percurso a própria existência do si, outro recurso de conhecimento analisado foi o vídeo do canal da Gabi de Pretas, postado em 12 de janeiro de 2018, somando 158 mil curtidas, 14.538 comentários e 1.094.336 visualizações, (Os vídeos foram selecionados de acordo este nicho apontado como um mais antigo e um mais recente incluídos no nicho em alta. Também foi levada em conta a temática abordada como auto identificação, identidade, afeto) e apresenta em sua descrição as seguintes observações da produtora: “A Luiza Junqueira, do canal Tá Querida, criou a TAG “"Tour pelo meu corpo"”. Como para eu fazer um tour pelo corpo não tinha tanto sentido, decidi fazer um tour pelo meu rosto. Todavia o tour pelo rosto realizado pela influencer é um tour dorido e afetuoso, pois desenrola-se diante do processo de tornar-se negra.

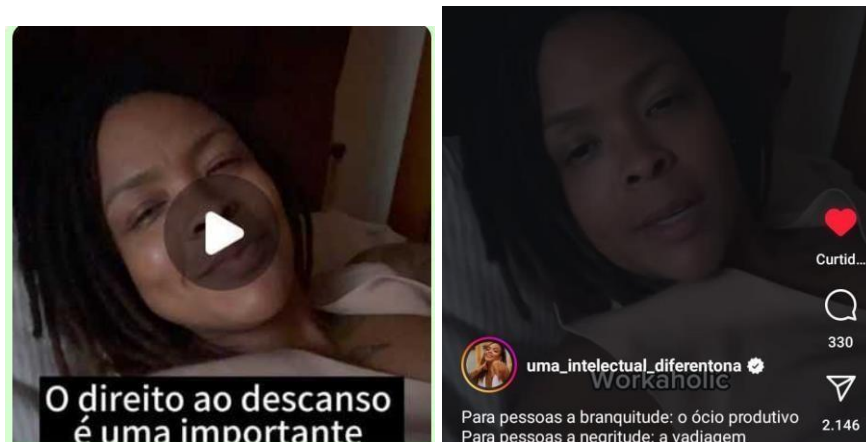
É importante que as mulheres negras em sua diversidade assumam seus lugares de fala para que possam existir enquanto tais, afirmando sua diferença em relação a categorias e padrões universais. Assumir a identidade de mulher negra se torna, assim, uma afirmação de epistemologias (leia-se práticas sociais, saberes e visões de mundo que evocam verdade) não dominantes e uma forma de resistir ao embranquecimento a que pessoas negras se submetem. (Souza, 2020, p.63-64)

Ser mulher negra é tornar-se. É vir a ser e construir-se como decorre Neusa Santos (1983), isso devido a negritude apesar de prescrita em seus rostos negros, em seus traços negróides, nariz grande, boca larga, carnuda, e pele escura. A negritude está para além deles. A negritude, ou melhor, o tornar-se negra é um dinamismo de compreensão histórica, de tomar elucidação de si como sua próprio ser (Uma ser que carrega seu ponto de vida, é por si só enquanto individua viva), do desenvolvimento da consciência racial e de gênero.

Essa ação de conscientizar-se caminha pela dor como é possível visualizar tanto no vídeo, quanto nos comentários, mas, não a dor de ser quem é, de ser negra, mas a dor de se ter uma imagem distorcida de si mesma, pois em tantos vários espaços a imagem da negra é associada não a mulher universal, pois esta é a mulher branca, mas a imagem da força constante e servidão, seja nas tarefas domésticas ou sexualmente. Precisamos falar,

¹¹⁵ Kilomba dá notícias do lugar lacunar que as mulheres negras estão sujeitas, que as torna não só invisíveis, mas, por vezes, inexistentes.

problematizar e questionar a mulher negra sobrecarregada, cansada, que tem sua corpa julgada como mercadoria, que precisa ser a mãe preta que faz todo trabalho e a mulata atraente. As redes sociais tem sim sido um caminho para o levantar dessa pauta e ensinar a nós que também merecemos o lazer, o descanso e o luxo.



Fonte: Página do Instagram @uma_intelectual_diferentona.

A dor consternada nas identidades de mulheres negras é uma dor construída pela ótica do outro que inferioriza o ser mulher negra, (A mulher negra pode enfrentar ainda outros marcadores de opressões), a colocando diante de uma utilidade e humanidade pela servidão, pelo trabalho constante e assim até hoje carregamos em nossos subconscientes vestígios dessa forma de dominação, que criminaliza nosso descanso como vadiagem, como questiona Bárbara Carine via seu *Instagram*. (Nós repetimos ciclos do cansaço. Me lembro que minha mãe desde jovem reclamou de dores nos joelhos, porém até hoje observo que ela não descansa, que sempre tem um afazer, uma casa para limpar todos os dias, uma louça para lavar e etc. E eu por muito tempo repeti essa “rotina”) Como se ler no poema “outrÁfricas” de Livia Natália. A negritude não dói, o que dói ao corpo são os marcadores associados a inferioridades, o que dói é o cansaço, o fazer constante, a inexistência ou existência para a negação.

O negrume de minha pele
não dói na ponta dos meus dedos,
não dói entre minhas pernas,
nem nos joelhos.
Não dói quando meus cabelos se dobram
em cachos crespos,
não dói.
Esta cor que fala antes de mim,
que chega alastrando-se
e a tudo contamina com
seu cheiro salobro de outrÁfricas,
em mim não dói.

Ela dói no outro.
Arde, violenta seus olhos.
Fere, na carne grossa do medo,
a brecha macia que sabe
do vermelho-irmão de todo sangue.

Gabi de Pretas pontua logo ao iniciar o vídeo essa dor do negrume “Confesso que esse foi um vídeo difícil de ser gravado. Mas eu espero que ajude mulheres como eu”. Sem incertezas afirmo, ajudou! Afirmção que parte não apenas do eu, em minhas vivências que antes de pesquisadora, de autora, sou mulher negra, mas das tantas outras mulheres em sua maioria negras que trocaram suas dororidades em forma de comentários na referida publicação. O nos cuidar, descansar e luxar levantados nas postagens abordadas aqui, se faz a partir de uma perspectiva do auto amor da negra, e não como viés de agradar branquitude.

O vídeo selecionado no canal Gabi Oliveira é um dos que se encontra em destaque no canal, e traz um tema significativo: a construção da identidade da negra, do negrume que se faz dorido. Assim como o post analisado anteriormente a postagem atingiu um grande número de interações nos comentários por se tratar de um tema que desperta a dororidade, ou seja, união a partir das dores em mulheres negras, dores essas criadas por traumas das injúrias raciais e racismo vivenciadas no hoje e por nossas ancestralidades.

A mulher negra, elemento no qual se cristaliza mais a estrutura de dominação, como negra e como mulher, se vê, deste modo, ocupando os espaços e papéis que lhe foram atribuídos desde a escravidão. A “herança escravocrata” sofre uma continuidade no que diz respeito à mulher negra. Seu papel como trabalhadora, a grosso modo, não muda muito. As sobrevivências patriarcais na sociedade brasileira fazem com que ela seja recrutada e assuma empregos domésticos, em menor grau na indústria de transformação, nas áreas urbanas e que permaneça como trabalhadora nas áreas rurais (Nascimento, 2021a, p. 58).

Em primeiro lugar, Gabi Oliveira destaca que durante a infância seus traços negróides eram motivo de lágrimas, que seu nariz era o principal alvo das revoltas, denominado por ela como o "martírio", o corpo, os traços naturais que não podem ser transformados e/ou quando podem é apenas sob risco cirúrgico, é ideologizado através da régua da branquitude que se auto conclamou o padrão, de maneira que se transmuta de imaginário para algo cultural tradicional de acordo pontua “Von Mises (2010), que as ações humanas e, logo as estruturas sociais, são produtos de ideologias, pois não se pode conceber a formação de algo sem um pensamento prévio” saindo da psique para uma fática realidade que colonialmente nos persegue.

A corpa, conjunto mulher negra é uma corpa estranha em todos os ambientes de destaque e poder que ocupa, nas universidades somos o corpo estranho¹¹⁶, assim como na estética, lugares de cuidado, afeto, poder e luxo¹¹⁷. Como contesta a blogueira @alissagaldino via seu *Instagram*.

¹¹⁶ Como é denunciado por várias pesquisadoras negras em seus trabalhos como livros, posts e palestras que estão nas grandes mídias como bell hooks, Sueli Carneiro, Bárbara Carine, Carla Akotirene, Jeane Tavares, Preta Rara, Deise Sacramento, Conceição Evaristo e muitas outras pesquisadoras negras feministas. Bárbara Carine, que é fundadora da primeira escola afro-brasileira do Brasil, a Escola Afro-Brasileira Maria Felipa, ela aponta a grande problemática que é nossa presença, nossa formação em espaços de educação formal, uma educação pautada no escravismo e racismo <https://www.instagram.com/reel/C8EmTxPApaA/?igsh=bnN5MmJ5aXBicTII>. E que diante dessa preocupação de uma mãe negra e educadora ela criou a escola <https://www.instagram.com/reel/C-H4-G7Rloj/?igsh=MTd3anNxaDRyNW9sNQ==>. Nossos direitos básicos para o viver democraticamente são aplicados na medida do faz de contas, da precariedade como aponta a deputada Macaé Evaristo, nossos direitos são omitidos, tanto do saber, conhecimento, quanto o de segurança. <https://www.instagram.com/reel/C-qXnvoyYso/?igsh=MWJibXg1cXl6anQ0dQ==> <https://www.instagram.com/reel/C9Nu1BJPlOG/?igsh=MTRzaDZ1dno0NDc2aQ==> acesso em 17/05/2023.

¹¹⁷ Ao abordar luxo aqui percorro não apenas o luxo do desfrute do capitalismo, mas o luxo de ter possibilidades de sonhar, de ter e até mesmo descansar, pois nós mulheres negras como reflete Bárbara Carine, nós estamos sempre correndo, sempre fazendo algo para alguém, porém precisamos desnaturalizar a preta guerreira, que não para, naturalizar o descanso e silenciar as vozes que associam o descanso da branquitude ao ócio do produtivo e a negritude a vadiagem. Trago as palavras poéticas de trechos do poema “Não vou mais Lavar os pratos” de Cristiane Sobral (2021, p.21-22), para assim ilustrar esse luxo “Não lavo mais os pratos, quero travessas de prata, cozinhas de luxo e joias de ouro legítimas. Está declarada a Lei Áurea” Romper com a óptica de regeneração do negro pelo trabalho, pela servidão. Abolimos. Durante a escrita desse trecho em muito me lembro de minha mãe, e não tenho em minhas memórias de infância e já da vida adulta uma recordação de minha mãe em que ela não estivesse super atarefada, sempre limpando, cozinhando, lavando, sempre trabalhando e quando a convidado para o lazer, para uma viagem, para o descanso a resposta é quase que imediata o soar do não posso. Nós mulheres negras precisamos normalizar em nossas vidas o luxo, sim do usufruir e do descansar. Na página de instagram da filósofa @luana.ozemela a pesquisadora discute o conceito da filosofia africana de Igwebuike Economics, e nele perpassa a discussão do avanço econômico, do luxo não como algo simples e individual, mas pensando em grupos como mulheres negras como um progresso coletivo. Ela cita que: “Como a gente pensa progresso e empoderamento econômico não da ótica da acumulação individual do capital, mas como que a gente pensa empoderamento econômico no sentido de mobilidade positiva, de progresso econômico do coletivo. Então, alguém se destacar numa comunidade, num vilarejo econômico não é para benefício próprio é sempre pensando como que eu faço agora para pensar numa lógica, não de crescer o bolo pra dividir, mas de pensar como a gente faz para pensar meios para a comunidade progredir economicamente coletivamente, é uma lógica de pensamento que faz com que eu reflita que a minha ações de hoje tem implicação para as minhas gerações futuras” Então quando falo de luxo, me volto não apenas no desfrute voltado ao capitalismo (também a ele, porém não apenas), mas luxo no sentido de Igwebuike Economics, de um desfrute coletivo, de um poder estar, ser ou poder vir a ser coletivamente.



asnegasdoziriguidumoficial Em um recente vídeo compartilhado na rede vizinha, a influenciadora Alissa Galdino ([alissagaldino](#)) destacou a importância de pessoas normalizarem o luxo e o conforto na vida de pessoas negras. No vídeo, ela mencionou o progresso da comunidade negra em termos de acesso à educação e qualificação profissional, mas observou a dificuldade em ocupar espaços de conforto e luxo.

Ela compartilhou sua experiência pessoal de perder seguidores ao publicar conteúdos sobre compras de maquiagem ou outros itens de luxo, ao contrário das influenciadoras brancas que ganham seguidores com isso. Ela enfatizou a necessidade de normalizar o conforto e o luxo para pessoas negras, sem precisar provar nada a ninguém, afirmando que merecem viver vidas confortáveis.

Reprodução: TTK / [@alissagaldino](#)

Fonte: Página do Instagram [@asnegasdoziriguidumoficial](#).

Incluindo as observações de Gabi Oliveira, os traços e corpos de mulheres negras foram e são traços que durante a construção do mito da beleza da mulher, enfrentaram concomitantemente estereótipos do sexismo, machismo e do racismo onde afirmavam nossa mercadorização. A começar do diálogo, é perceptível que os valores enviesados em uma cultura que inferioriza o negrume da mulher preta, suas capacidades e necessidades são transmitidos através da linguagem, dos costumes e culturas de modo consciente e inconsciente. A youtuber destaca que apesar de ter um corpo magro padrão, outras de suas características fugiam a essa norma, e essas já foram alvo de ataques severos, tais como seu nariz que por anos foi sinônimo de dor. A mesma questiona “O que te fez acreditar que esse nariz (seu nariz) é feio, e esse (expõe foto do nariz fino de uma mulher branca) é bonito? Porque é que os dois não podem ser bonitos?”. As abordagens de Gabi de Oliveira se entrelaçam a de [@alissagaldino](#) que questiona “O porque mulheres negras não podem simplesmente usufruir dos luxos?”, do descanso como aborda Bárbara Carine.

A temática estética, trabalho e lazer a mulheres negras sai muito cara, pois quando a abordamos, tratamos não apenas o belo, o trabalho e o descanso, mas questionamos a própria definição da branquitude e suas normas de padrões de corpos e lugares a ocupar. Thais da Silva (2019, p.137) aborda como em uma publicação essa temática da estética é também caminho da tomada do lugar e constitui luta política social.

[...] que a estética negra é, sem sombra de dúvidas, um instrumento de auto aceitação, de resistência, de empoderamento, uma forma de mostrar que não aceitamos o padrão socialmente imposto, mas que o negro é belo, é lindo, é

diverso, é versátil. Somos seres políticos e nossa opção estética diz muito sobre nós, nossas crenças, nossos valores, afirma nossa experiência e nossa resistência contra tentativas de nos enquadrar em modismos que banalizam nossa cultura, nossa estética (Anunciada, 2016).

Nas redes sociais sempre que esta temática de estética é levantada voltadas a mulher negra¹¹⁸, apesar de tanto debate recente sobre a dor da mulher negra, ainda se conserva o pensamento de banalização e não admissão da dor preta como válida. A nossa estética é lida socialmente como a estética das que servem na casa e na cama. Como questiona Lélia Gonzalez ao narrar que quando vai atender a porta de sua casa a algum vendedor questionam “a patroa está?”.

Mulheres negras são empurradas ao lugar de servis, culpadas ou vitimistas. a associação e levantamento de pautas como o preterimento sob nossas corpas cobertas de negrume, e nossos traços, se percebe nas discussões e acusações de que se trata de mimimi, pois a preferência romântica, segundo os acusadores, em nada tem a ver com a pauta de questões raciais. No entanto, como problematiza Nilma Lino Gomes, “A estética negra configura-se como saber identitário e estético-corpóreo.

A mulher negra sofre de maneira mais profunda a pressão no sentido do branqueamento, especialmente, do ponto de vista estético [...] E por ser, geralmente, a principal responsável pela educação dos filhos, a mulher negra é utilizada como canal de repasse dos sentimentos de inferioridade impostos pela sociedade, e que causa tantos danos a autoestima de crianças e jovens negros. Por outro lado, o homem negro, também vítima destas contradições, tende a afastar-se da mulher negra em virtude da ideologia que os inferioriza, relegando-a a solidão [...] (MNU, 1992, p.17-18 in Pacheco, 2008, p.2)

A inscrita @maisaoliveira365 comentou a um ano atrás que “4 anos depois e esse vídeo continua sendo tão significativo”. Foi possível observar que o comentário conta com 82 curtidas, e a interação de uma mestranda que se autodenomina como

¹¹⁸ A youtuber Nátaly Neri, também aborda essa temática no vídeo “A IMPORTÂNCIA DA ESTÉTICA E AUTOESTIMA NEGRA: Geração Tombamento é Política?” apresenta autores do movimento negro do Brasil, e conceitos como identidades, raça, política e poder. A mesma aponta baseada em Munanga, que para os movimentos negros brasileiros devem organizar suas bases populares, e que falar sobre estética é um caminho necessário no próprio movimento, pois a forma que a gente se ver, se senti é fundamental para transformar e resignificar e negar construções racistas ligadas a estética e cultura afro. <https://www.youtube.com/watch?v=srKdoOEbjeg> no decorrer do vídeo se tem o comentário de @winnieo.3715 há 5 anos (editado) É IMPOSSÍVEL afirmar uma estética negra sem gerar conflitos. Os olhares agressivos, comentários, piadas são automatizados, especialmente se o ambiente e evento são tipicamente brancos. Te acompanho há anos e seu trabalho já me ajudou muito a me reconhecer de forma positiva Nataly, minha relação com meu cabelo e negritude e outra. Sou muuito grata por seu trabalho. Vida longa! O papel das redes e interações que denunciam o privado ao público, como problema não de um indivíduo, mas, como coletivo, provoca o Estado e o social, os convida a criação de políticas e ações que pensem o corpo não branco, também como um ser humano.

@pesquisa.influenciadora, que aparece na interação com pesquisa semelhante a esta que realizei, a mestrandia em Ciências sociais na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) desenvolve a pesquisa “Influenciadoras digitais negras: narrativas e processos de construção de identidades”. Tais análises tanto do reconhecimento da significância do vídeo, apesar de anos de produção, quanto a realizada pela mestrandia da Ufes, demonstram o qual conscientes nós estamos sobre nossos processos de influência e alcance, demonstra o quanto reconhecemos a significância das narrativas outras em abundantes espaços para a nossa construção identitária, enquanto sujeitas que estão dentro e fora das instituições de ensino.

Os pontos de vida estão sendo percebidos e expostos, mulheres e jovens negras estão demonstrando sua existência e a partir das narrativas demonstram vida e que esta vida está sendo reconhecida a partir da exposição, denúncias, insubmissão e reivindicação.

Gabi afirma que o nariz não tem ponta fina e que ao sorrir ele se abre, ela complementa contando que por muitas vezes já deixou de sorrir por essa característica e que durante a infância, o órgão sem qualquer resquício característico da branquitude era seu martírio. A mesma aponta que seus lábios grossos em dois tons, um marrom mais escuro e um tom mais rosado, característica essa que se realça devido ao formato de sua gengiva protuberante para frente também não escapou às discriminações e violências sobre seu corpo (nosso corpo negro), pois, assim como o nariz, são marcas da não branquitude.

Assim diante de uma cultura masculina onde a definição de intelectualidade, saber, beleza da mulher, por séculos passam pela inspeção do outro, ou seja corpo do homem branco, sob ele se cristalizou a narrativa do padrão, baseado no mito modelo como beleza real, necessária a ser alcançado por todas as mulheres para estarem incluídas nas definições de mulher bonita com direito ao amor, carinho e cuidados. Não somos nós, negras, mulheres negras, mulheres?

5- Capítulo III- Nas postagens mulheres negras instruem o problematizar a democracia dos corpos.

5.1 - O uso das redes para fins democráticos.

As mulheres de hoje ainda estão sendo chamadas a atravessar a fenda da ignorância masculina e educar os homens sobre nossas existências e nossas necessidades. Essa é uma ferramenta velha e arcaica usada por todos os

opressores para manter as oprimidas ocupadas com as preocupações do senhor. Agora temos ouvido que é tarefa das mulheres de Cor educar mulheres brancas – frente à tremenda resistência – sobre nossa existência, nossas diferenças, e nossos respectivos papéis em nossa sobrevivência conjunta. Isso é um desvio de energias e uma trágica repetição do pensamento racista patriarcal. (Lorde, p.31.)

Nós mulheres negras já precisamos desde o ventre sobreviver (lutar para sobreviver), pois são tantos os fatores que corroboram para nossa morte, mesmo ainda enquanto feto. Assim, o ensinar pessoas brancas sobre o mínimo de respeito e combate ao fenômeno que eles mesmos produziram, soa como uma tarefa de desvio de foco para que nossas corpos permaneçam sublocadas nos papéis de prestação a branquitude. Mulheres negras lutam para sobreviver, educar-se em meio às mazelas do Estado, sendo “canceladas” à percepção do menor deslize de erro. As nossas não podem se enganar, porém a branquitude a todo momento ao reconhecer um erro (ação racista ou quaisquer outros crimes) afirmam está no processo de aprender. O direito ao erro, nada mais é do que um grande privilégio da branquitude¹¹⁹.

A pesquisadora intelectual Carla Akotirene, em seu *Instagram* trouxe um *repost* de uma reflexão realizada em 2020 no *twitter*, sobre como estruturalmente corpos pretos são cancelados, seja nas redes ou espaço físico. Ela questiona:

Nós já somos um povo estruturalmente cancelado de nossas vidas negras.
Cancelam a vaga de regulação
Cancelam nossos CPFs
Cancelam a linha de ônibus
Cancelam a nossa humanidade em programas sensacionalistas, mas, geral quer cancelar o preto que ao contrário do branco não tem condição alguma de reposicionar a própria imagem.
Não percebem que o branco rico nunca é cancelado, porque a lógica de cancelar, ou seja, tornar alguém inútil, foi trazida pela matriz colonial e suas violências contra africanos e povos originários.

¹¹⁹ Em um vídeo em seu *reels* abordando “fraude de cotas” a intelectual Barbara Carine, explica o que é branquitude, isso ela faz de modo didático, um ensinar, educa e ensina também fora dos espaços institucionais, o que vem a nós potencializar, visto que grande parte das nossas não são as que ocupam as cadeiras das palestras e grandes congressos. Ela traz o conceito para o meio, com suas redes abertas ao público, ela ensina que “branquitude é o sistema de manutenção dos privilégios de um dado grupo social caracterizado por ter o fenótipo, ou seja, a estética, a estampa branca. Toda e qualquer pessoa branca tem acesso aos privilégios da branquitude, é um privilégio da branquitude poder se passar por negro, por indígena, por quilombola para acessar o direito socialmente adquirido de uma cota racial, é um privilégio branco, porque você nunca vai encontrar uma pessoa negras e indígenas se passando por brancas para acessar os privilégios da branquitude, o privilégio de ter a estética do poder, da aparência televisiva, o privilégio de ter a estética dos melhores empregos, da inteligência, da sobrevivência de não engrossar a estatística de genocídio, de não ser seguido por segurança no shopping, de não ter sua bolsa revistada, de não ser confundido com criminoso. Você nunca vai ver uma pessoa negra se passando por branca para acessar os privilégios dessa brancura”. No mesmo vídeo @gabriellabpita comentou “A certeza da impunidade é um privilégio branco”. É um privilégio branco a amnésia histórica, crimes como racismo e discriminações.

Os espaços, assim como a romantização sob alguns corpos não são ações neutras. São ações políticas construídas conscientemente a partir de uma estrutura machista, sexista e sobretudo racista, com bases no colonial, que naturaliza a “bondade e inocência da brancura”. Mayana Soares (2021, p.62) aborda sobre essa relação social do amor à brancura.

Quando adolescente, completamente seduzida por livros e produtos culturais que passavam na televisão, imaginava o amor através das produções românticas heterocisgendradas brancas, fosse por meio dos romances de José de Alencar ou das famosas novelas televisivas. Construir uma relação de amor com personagens e suas tramas e ter sempre em mente quem são os principais objetos amados, dar-lhes forma e aparência. É fácil amar a norma e o padrão. Observe como é fácil amar homens heteroscis brancos. É fácil lê-los como infantis, mas não cruéis, como dóceis, no menor gesto de gentileza, mesmo que isso não seja uma prática em suas vidas. como assertivos e não violentos, como heróis, quando não praticam o abandono paterno e assim desejar ser escolhida por eles... e por aí vai. Demorei ao menos uns trinta anos para compreender que macho-cis-branco-heterossexual-dedicados ao capital não se limita à existência generificada na palavra “homem” ou a condições de privilégio que lhes cercam apenas, se trata de uma instituição que aprendemos a amar, servir e tê-la como totem, modelo representacional e parâmetro de amor.



Fonte: Página do Instagram @asnegasdoziriguidumoficial.

A cantora Wanessa Camargo, após expulsão de reality brasileiro, e percepção que seus posicionamentos racistas haviam sido percebidos, usufruiu do grande privilégio branco de ser racista, de cometer crimes sem quaisquer culpabilização afirmando ainda está passando pelo processo de aprendizagem, além de buscar pessoas negras para aprender como a mesma cita uma “afrobetização” para lhe ensinar, entre essas pessoas a também influencer Saramara.

Novamente a corpa negra, vem a missão de ser mãe preta, alfabetizar, ensinar e cuidar da branca, da branquitude, sobre o sistema de discriminação que os mesmos fundaram e retroalimenta a partir de suas auto desobrigação do aprender.

A compreensão de Gonzalez sobre a mãe preta é àquela que não está relacionada nem ao imaginário branco de pessoa de “extraordinário amor e dedicação totais” nem àquela afirmada pelo julgamento de algumas e alguns negras e negros como traidora da raça. Na sua interpretação a mãe preta é a mãe, pois é aquela que cuida, que nutre, põe para dormir e alimenta. Ou seja, a que cumpre o papel de mãe. A senhora branca é apenas a outra, a que põe no mundo. A tarefa de cuidado e ensino, de valores e da língua, fica sob a responsabilidade da mãe preta. (Costa, 2021, p.42).

Carla Akotirene (2014) em seu perfil reflete “Hoje está tão difícil as pessoas se constrangerem, se culparem e se desculparem”, ou seja, buscarem meios de evolução social, envergonhar-se do próprio crime que é o racismo. Muitas em sua branquitude voltadas a suas opressões, generalizam o ser mulher, porém como questiona Lélia Gonzalez “Cumé que a gente fica?” Elas e eles envolvidos nos privilégios da branquitude querem a mãe preta, a preta serviu para lembrá-los que a escravidão acabou. Porém, como afirma Bárbara Carine, em seu poema “Vão ter que pagar”.

Vão ter que pagar pelos meus ancestrais
Que se foram construindo a fortuna dos seus pais
Vão ter que pagar pelo meu irmão
que morreu jovem e sonhava em ver o hexa da seleção
Vão ter que pagar pelo meu conhecimento que não é
só fruto de muitos anos de estudo e resiliência
É fruto de sobrevivência
de uma filha de empregada doméstica que na favela
aprendeu a sua ciência
Não é só pelas graduações, mestrado, doutorado e pós-doutorado
Vão ter que pagar pelo corre do ônibus lotado
Pelo dinheiro do transporte emprestado
Pelo velho jaleco lascado
Pelo computador não acessado
Pelos quilômetros diariamente andados
Pelos nãos na cara estampados
Pelos amigos que perdi assassinados
Vão ter que pagar e nem é pela escola antirracista que criei
É pelo conhecimento que quando criança eu não acessei
Pelas vezes que chorando sucesso a minha mãe jurei
Vão ter que pagar e quer saber?
Vão ter que pagar caro
Pra aprender que não se faz gente preta de otário
Querendo dar espelho em troca de nosso ouro
Quer ter formação antirracista, branquitude?
Mete a mão no teu tesouro
Não vai achando que sou seu crioulo
Sou um ser inteligente
Que socializo livremente com minha gente
Mas se você quer acessar meus saberes de anos, de lágrimas,
de sangue em duas horas
Vai ter que pagar e eu não entendo por que choras

Grupo privilegiado, a branquitude simula o desejo do saber ser antirracista, ou simplesmente não ser racista, na mesma medida que exerce o racismo, querem um negro para chamar de seu, para esse o ensinar. Ação essa que não deixa de ser a performance do racismo, pois transfere ao negro o papel de combater sozinho o racismo, como se esse fosse um problema exclusivo de negros.

São racistas, porém assim não se reconhecem, ou diz está no tal processo constante do aprender e assim socialmente são perdoados, pois como apontou Mayana Soares (2021) a branquitude, não apenas o homem branco, “se trata de uma instituição que aprendemos a amar, servir e tê-la como totem, modelo representacional”.



Fonte: Página do Instagram @asnegasdoziriguidumoficial.

O lugar e papel do branco nos processos de racismos, a muito abordamos a partir da perspectiva do oprimido, no entanto, para fortalecer a luta, é necessário o desconforto também do outro em sua brancura.

Albert Memmi, esse pensador, em *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, nos propõem a análise e pesquisa de forma mais profunda tanto daquele exerce o papel de opressor quanto aquele exerce o papel de oprimido. Vale lembrar que a teoria antirracista, de maneira geral, tem restringido em pesquisar o oprimido, deixando de lado o opressor. Desta forma, é sugerido que a opressão é somente um “problema do oprimido” em que o opressor não se encontra relacionado. Por esta razão que Guerreiro Ramos sustentou que teorias sobre relações raciais no Brasil são na verdade uma

¹²⁰ Florestan Fernandes “o brasileiro possui preconceito de ter preconceito” (Guimarães, 2005c, p. 77).

“sociologia do negro brasileiro” (Ramos, 1995[1957]c, pp. 163-211, Sovik, 2004^a, pp. 363-386). Não se trata, portanto, de teoria sobre relações raciais, trata-se de uma abordagem unilateral, feita muitas vezes por prestigiados pesquisadores brancos preocupados em analisar o “problema do negro”. (Lourenço Cardoso, 2010, p.610)



Fonte: Instagram @asnegasdoziriguidumoficial.



Fonte: Instagram @patroablack

Como criticou Emicida em seu ativismo musical “A felicidade do branco é plena, a felicidade do preto é quase.”. Enquanto o racismo não se tornar de fato concretamente também problema de branco, nós, enquanto humanidade não iremos superá-lo. Não porque o negro precise do agenciamento do branco, mas porque esse não é, ou deve ser problema de negro. É necessário um aprimoramento da branquitude crítica.

Portanto, ciente da tarefa complexa que é desvelar a dissimulação do preconceito racial e do racismo por parte dos brancos em nossa sociedade, somente considere branquitude crítica aquela que desaprova o racismo

publicamente (Cardoso, 2008, pp. 178-180). Essa perspectiva de criticidade ganhará maior vigor pela comunidade internacional, particularmente, pelos países membros da ONU, depois da trágica experiência da Segunda Guerra Mundial, que entre outras razões, o Estado nacional alemão motivado pelo ódio étnico e racial assassinou milhões de judeus (Arendt, 2006, p. 458; Gilroy, 2000, p. 141). Nesse ponto vale salientar que a branquitude crítica condena e analisa os trágicos acontecimentos deste momento histórico. Lourenço Cardoso, 2010, p.612)

A psicóloga Jeane Tavares, em sua página de comunicação no *Instagram*, republicou no dia 02/07/2024 um vídeo onde uma mulher de pele e fenótipos brancos afirma que racismo é natural. A mulher diz que “O racismo existe e vai existir, enquanto a maior quantidade de crimes for causada pela população negra. É um instinto de defesa da gente, vai ser sempre natural, normal e instintivo do ser humano ter um pouco do que a gente chama de racismo, julgar a pessoa pela raça. Se você está em um parque à noite e ver uma pessoa negra, com trejeitos de uma pessoa que parece ser um criminoso, você vai ficar com mais medo do que se você visse uma pessoa branca de terno e gravata, isso é natural do ser humano”. Nas falas escancaradas da racista, fica claro a todo instante que a definição de humano não se estende a negritude (Vista como perigo, selvagem) é como se nossa humanidade estivesse sendo construída. A branquitude busca silenciar suas próprias crueldades tanto no hoje, quanto no passado, marginalizando a imagem da negritude.

Produzem desigualdades institucionalizadas para perpetuar e abafar os olhares e discussões sobre a própria branquitude e seus privilégios seculares.

Na verdade, o legado da escravidão para o branco é um assunto que o país não quer discutir, pois os brancos saíram da escravidão com uma herança simbólica e concreta extremamente positiva, fruto da apropriação do trabalho de quatro séculos de outro grupo. Há benefícios concretos e simbólicos em se evitar caracterizar o lugar ocupado pelo branco na história do Brasil. Este silêncio e cegueira permitem não prestar contas, não compensar, não indenizar os negros: no final das contas, são interesses econômicos em jogo. Por essa razão, políticas compensatórias ou de ação afirmativa são taxadas de protecionistas, cuja meta é premiar a incompetência negra, etc., etc. (Cida Bento, 2002, p.3).

A nós mulheres negras a ancestralidade é uma raiz, uma base simbolicamente significativa, deste modo, constantemente nos voltamos a dentro, a essa ancestralidade como meio de potencialização do eu, porém, diferentemente a branquitude, ainda hoje pouco se volta a seu próprio passado, a sua ancestralidade para compreender, abordar e levantar-se como aliado nas discussões de seus efeitos, seus marcos e privilégios. Jeane Tavares, no post citado acima, aponta que:

Racismo é isso: a atribuição prévia de características (no caso, perigosa/violenta ao negro e confiável/seguro ao branco de terno) segundo a aparência (fenótipo) de uma pessoa pertencente a um grupo. #Branquitude é esse lugar de poder que permite a uma pessoa branca naturalizar o racismo, fazer um vídeo e divulgar na internet sem medo de responder por isso.

Enquanto buscamos reafirmar nossa humanidade não podemos nos perder sendo mãe preta de branco, pois o cis-tema que nos marginaliza, violenta e mata é deles. Ensiná-los é tempo que devemos voltar às nossas. Audre Lorde argumenta que é uma ferramenta do senhor nos manter ocupados com suas necessidades, ou seja, é um mecanismo do próprio sistema racista para retardar nossos avanços, em diversas áreas às quais tivemos desejos de performance (de ter oportunidades para. Me recordo que durante a leitura de Bárbara Carine ela aponta sobre como pessoas brancas, mesmo que em condições financeiras baixas, estão representadas pelos seus nos lugares de poder. São corpos que naturalmente pertencem, a branquitude tem sido “local” de privilégios, de estar e poder estar) desde posições sociais, econômicas, de voz e escuta, não apenas economicamente, porém uma questão mais profunda.

A identidade racial branca não se trata de uma identidade homogênea e estática porque se modifica no decorrer do tempo. De acordo com o contexto, por exemplo nacional, ser branco pode significar ser poder e estar no poder (Cardoso, 2008, pp. 204-210). No entanto, se observa uma mudança em países como: África do Sul, Brasil, Venezuela, Bolívia e Estados Unidos, se nos restringirmos ao poder Executivo. A branquitude é um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, objetivo, isto é, materiais palpáveis que colaboram para construção social e reprodução do preconceito racial, discriminação racial “injusta” e racismo. Uma pesquisadora proeminente desse tema Ruth Frankenberg define: a branquitude como um lugar estrutural de onde o sujeito branco vê os outros, e a si mesmo, uma posição de poder, um lugar confortável do qual se pode atribuir ao outro aquilo que não se atribui a si mesmo (Frankenberg, 1999b, pp. 70-101, Piza, 2002, pp. 59-90).

A branquitude tem sido a certeza do poder, da impunidade e dos direitos. Desde 1989, a partir da lei nº 7.716, racismo e injúria racial são definidos como crimes.

asnegasdoziriguidumoficial



NOTÍCIAS

Mulher filmada imitando macacos durante roda de samba no RJ é argentina.

Curtido por [ligia.souza20](#) e outras pessoas

asnegasdoziriguidumoficial ALERTA GATILHO !! A jornalista Jackeline Oliveira relatou um ocorrido na última sexta-feira em uma roda de samba na Praça Tiradentes, Rio de Janeiro. Em um evento predominantemente frequentado por pessoas negras, um casal de brancos imitou gestos e sons de macacos. A mulher, identificada como Carolina de Palma, é argentina e faz parte da Asociación Orff Argentina (aaorff_argentina), uma associação que se intitula como organização sem fins lucrativos que divulga as ideias pedagógicas de Carl Orff e promove cultura argentina, latino-americana e mundial. Carolina desativou seu perfil nas redes sociais. Procuramos pela associação, mas não tivemos retorno até o presente momento.

[#AsNegasDoZiriguidum](#)

Ver todos os 5.435 comentários

[ummbrasileira](#) Gentem! Olhem essa mulher!

A autoestima do povo branco me assusta.

Fonte: Página do Instagram @asnegasdoziriguidumoficial.

Todavia não é necessária muita pesquisa, tanto no virtual, quanto no físico, para perceber que os sujeitos que detêm a brancura na pele e nos fenótipos exercem atos racistas abertamente sem a menor cautela ou medo da repreensão, pois estão cientes do poder, do privilégio e do amor social a brancura. Os posts apresentados como o de Thiago Gagliasso, Luiza Sonsa e Carolina não são casos isolados. Como aponta a seguidora no comentário “A autoestima do povo branco me assusta”, a branquitude acrítica internalizou a ficção da supremacia, e até os dias de hoje, apoiados em toda uma estrutura que os protege e reafirmam, exercem atos criminosos racistas.

Diante desses espaços de poder e segurança é comum e constante a espera de um agenciamento negro pela branquitude, a espera confortável do ser os ensinando, enquanto desfrutam do viver e até apropriam-se de nossos pontos de vida. E sob a desculpa do errar é humano (essa afirmativa penso servir apenas quando o tom da pele é claro, alvo, quando o humano é branco, pois a nós negras e negros não temos direito ao erro, quando o fazemos eles já estão vigilantes, prontos a chicotear/atirar) criminalmente discriminam, inferiorizam, deslegitimam e desumanizam.

Nossas dores assim como nossas corpas não causam comoção, não recebem afetos, pois como aborda Mayana Soares (2021) “Afetos são políticos”. O véu da inocência se rompe quando observamos como somos acolhidos pelo Estado (número de pessoas negras encarceradas, de homicídios, de pessoas negras que vivem nas ruas e extrema pobreza), pela sociedade, e até mesmo nos núcleos familiares e de amigos.

Na imagem abaixo podemos observar uma jovem branca chorando, sendo acolhida, recebendo um copo de água para se acalmar após ser flagrada furtando a loja Americanas, já nas imagens seguintes temos o caso de uma criança negra que estava passeando com sua mãe no shopping, quando sua mãe foi abordada acusada de furto (a descrição batia, eles disseram “é negra, e como descreve o poema de WJ Policial confundiu negro com traficante e Matou, "f*da-se, era só mais um") e a segunda imagem, trago para reforçar a sinalização de raça, que a cor sempre chega primeiro. Afirimo isso pois, mesmo que haja mudança na classe social, o negrume da pele nunca deixará de ser demarcação para a falta de afetos positivos.



Fonte: tiktok metrôpoles Oficial

@patroablack, mulher negra que trabalha em suas redes, tanto *tiktok* quanto o *Instagram*, trazendo a luz e promovendo debates sobre mulheres negras e o negro na sociedade, apontou como o choro da mulher negra gera comoção diante da sociedade, ela aponta a fala de Djonga “quem tem a minha cor é ladrão e quem tem a cor do Eric Clapton é cleptomaniaco”. Ela aponta que ele está dizendo nesta frase que uma mulher negra não tem essa mesma sorte, que basta a gente analisar a quantidade de notícias de mulheres que foram humilhadas e presas por roubar um pão para dar para os seus filhos¹²¹. Ela

¹²¹ Aqui alguns casos onde a mulher negra quem furtou para se alimentar. <https://www.esquerdadiario.com.br/Mulher-negra-rouba-por-fome-e-e-agredida-por-seguranças-basta-de-machismo-e-racismo-Justica-ja> <https://g1.globo.com/profissao-reporter/noticia/2022/07/13/jovem-presa-por-roubar-comida-diz-vi-o-sofrimento-da-minha-mae-dos-meus-irmaos-que-eram-pequenos-e-por-isso-fiz.ghhtml>

acrescenta a partir de casos comuns que chegam ao grande público através das mídias, entre esses casos populares cita o reality brasileiro Big Brother Brasil e elucida as disparidades presentes, visto que o programa reflete parte da sociedade. Ela aponta o poder do choro da mulher branca.

“Ainda sobre a comoção do choro da mulher branca, essa é uma situação que acontece em outros cenários. Basta a gente lembrar do BBB, quando Bruna ataca o Alfaca e o César Black, e depois chorou, ou então uma mulher dos EUA que quis pegar a bicicleta de um homem negro e chorou também. São mulheres brancas que cometem algum tipo de violência, seja ela qual for, mas que começam a chorar quando elas veem que a corda vai arrebentar. Elas se colocam como vítimas da situação, mostrando toda sua vulnerabilidade e facilmente passam a ser acolhidas. A lágrima da mulher branca é muito potente, porque ela está ligada ao símbolo da feminilidade, já que as mulheres brancas são o protótipo do belo, do delicado, da mulher para casar, recatada do lar, então mesmo uma mulher negra, mesmo calma e suplicando por piedade, ainda assim ela é percebida como agressiva. [...] Sarah, foi chamada de raivosa pelo Fred (homem branco) também do BBB. Ela foi se posicionar sobre a situação que ela não gostou. Essas situações acontecem todos os dias’.

O discurso, a fala, são elementos poderosos na sociedade¹²², tendo em vista que a oralidade exerceu grande papel nas comunidades negras, e que foi por meio do discurso e poder da palavra que o projeto colonial se instaurou. Desse modo, quando somos impedidas de falar, somos impedidas de transmitir nossas ideologias, de nos mostrar e marcar como políticas e pensadoras (até mesmo como seres, como humanas). No entanto, o meio virtual, as redes surgem ou melhor, as tornamos ferramenta de desmonte, pois as notícias, conhecimentos e denúncias apresentadas por mulheres negras não são apenas posts, é nosso discurso imperando em meio às políticas de silenciamentos.

Em sua obra Cibercultura, Pierre Lévy (2010) nos diz que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação: o ciberespaço. Segundo ele, a nós cabe explorar suas potencialidades mais positivas nos planos econômico, político, cultural e humano. Indubitavelmente a modernidade nos trouxe tecnologias que nos permitiram a partir de seus usos modificar os modos como

<https://noticiapreta.com.br/justica-nega-liberdade-a-mae-de-5-filhos-que-furtou-miojo-e-refrigerante-de-supermercado-na-zona-sul-de-sp/>

<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2023/02/mulher-tentou-furtar-macarrao-refrigerante-outra-desviou-milhao-qual-presa.html>

<https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/prisao-por-furto-de-comida-revela-descompasso-entre-justica-e-realidade-de-pessoas-pobres/>

¹²² Milena Costa (2021) aponta que sua tese tem como principal objetivo discutir práticas e discursos de solidariedade feminina experienciadas por mulheres em grupos na internet por meio da rede social Facebook. aborda o poder e magnificência do discurso diante da sociedade como ferramenta de libertação e/ou opressão, a mesma para elucidar suas ideias apresenta em seu texto o pensamento de FRANCO e CERVERA (2006) que diz “É que a língua, ao ser reflexo da sociedade que a utiliza, transmite a ideologia imperante nela, pois reflete e reforça as desigualdades derivadas das discriminações exercidas contra as mulheres através do androcentrismo e do sexismo”.

pensamos e agimos no mundo. Dentro desses planos, mais diretamente no campo político dos movimentos sociais, obviamente o cenário também passou por transformações e se reconfigurou fazendo das redes uma ferramenta importante para os diferentes ativismos, trazendo novas alternativas de militância, estratégias de ação e organização, e também novas linguagens, muito porque, a linguagem é um ponto importante dentro das militâncias, seja ela do movimento negro, LGBTQI+ ou feminista³. A linguagem não é algo natural, ela é construída social e historicamente, operando como um reflexo da sociedade e da cultura na qual está inserida. (Costa, 2021, p.15)

Nas redes sociais produzimos ecos de dororidades, onde mulheres negras narram e queixam-se da maneira em que somos naturalizados socialmente como corpos matáveis, da lata do lixo, como aborda Gonzalez. Nesse espaço de possibilidades uma nova educação é exercida, uma educação de contra narrativas, fora dos ambientes institucionais com o propósito de ensinar sobre a não naturalização de ter que ser constantemente guerreiras e guerreiros, sobre o roubo de nossa infância, de nossa maternidade enquanto mães negras, de nosso romance preto e diversas áreas, desde as dores ao empoderamento, ao conhecimento de nossa potencialidade, ao ensinamento da descoberta que temos uma voz, e que o ser negra mansa compensa apenas ao senhor, que domina a partir do desconhecimento e da acomodação.

As imagens abaixo foram selecionadas pois transcrevem o roubo da infância negra, desde cedo é preciso aprender a lutar, seja para defender os nossos, ou para nós mesmos. Na primeira imagem postada por Carla Akotirene, temos a charge do caso onde uma jovem menina negra esbraveja para liberarem sua mãe, que é acusada de furtar uma loja, enquanto na segunda imagem postada pelas negas do ziriguidum, temos a denúncia de abuso do Estado contra jovens negros, que são violentamente abordados nas ruas, junto a ação e dor da mãe negra, que mesmo ocupando cargo e espaço de poder, ainda assim segue sendo uma mãe negra, ou seja necessita ser forte diante da sociedade que marginaliza corpos pretos, que é escancaradamente racista e não se intimida ao exhibir tal característica¹²³.

¹²³ A página de Instagram, patroa do black, que discute alguns post viralizam, pontuou sobre a necessidade das pessoas entenderem que racismo não é opinião, *trend* ou brincadeira e sim crime sério, isso ao questionar *trends* populares do *tiktok* que ridicularizam a negritude, tais como a “Antes tinha medo do escuro” essa *trens* mostra pessoas brancas que afirmam que antes tinham medo de escuro, agora namora pessoa negra, ou vídeos onde pessoas comentam gostar de negão atrelado a hiperssexualização, ou negritude e criminalidade.



asnegasdoziriguidumoficial Alerta Gatilho !! Três jovens estrangeiros, acompanhados de dois garotos brancos brasileiros, voltavam para casa em Ipanema por volta das 19h, quando uma viatura da Polícia Militar parou bruscamente em frente ao prédio onde estavam hospedados. Os policiais desceram com armas em punho e realizaram uma revista íntima nos jovens de 13 e 14 anos. Segundo Raiana Rondhon, mãe de um dos meninos brancos, os jovens foram obrigados a tirar casacos e levantar as roupas. Após a abordagem desproporcional, testemunhada pelo porteiro do prédio, os policiais questionaram a origem dos jovens, e o filho de Raiana explicou que eram estrangeiros, filhos de diplomatas, a turismo no Rio. Depois de perceberem o erro, os policiais liberaram os jovens, mas alertaram que poderiam ser abordados novamente.

Julie-Pascale Moudouté, mãe de um dos meninos negros e diplomata do Gabão, contactou o Ministério das Relações Exteriores (Itamaraty) para exigir uma solução, classificando a abordagem como racista e inaceitável.

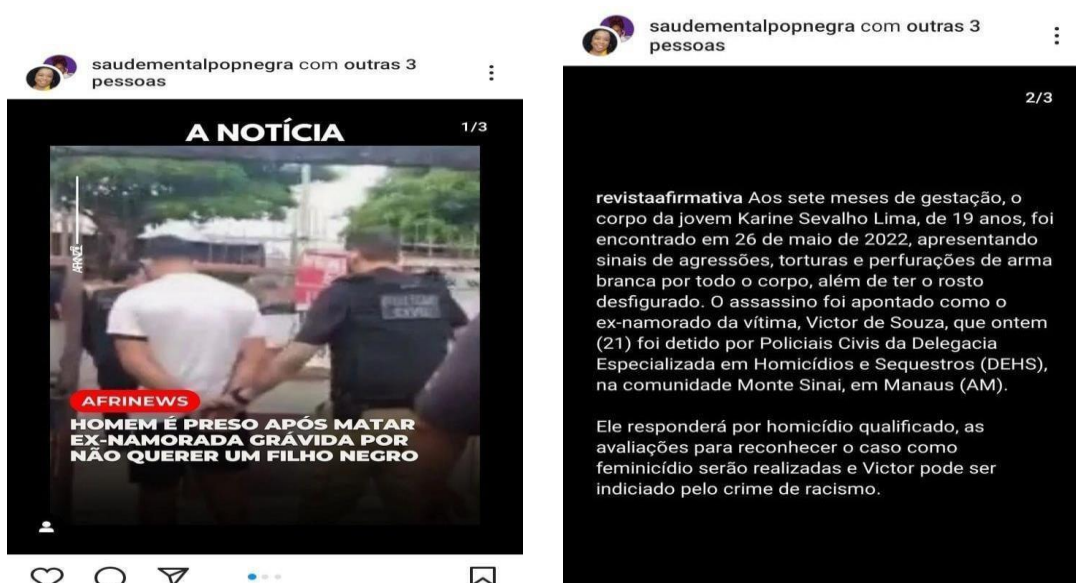
Fonte: Página de Instagram @uma_intelectual_diferentona.

A negritude ninguém oferece água, mesmo diante da inocência. Sobre o caso onde a menina negra grita, buscando defender sua mãe, a intelectual Carla Akotirene, comentou dizendo que “A nossa existência ‘por si’ configura-se ato infracional aos olhos da sociedade. Ninguém se abala com o terror imposto às nossas crianças. Cabe ressaltar que o comentário proferido pela mesma pode ser lido nos dois casos, ou melhor dizer, nos milhares aos quais nossas corpos são lançadas, sem água, sem abraço, sem benefício da dúvida, a sentença já foi dada e nosso negrume aos olhos do sistema racista social já declarou, culpado! Porém é gritante relatar a nossa não passividade diante das ordens que visam hierarquicamente silenciar as opressões, desigualdades, racismo, machismo e sexismo sob nossas corpos.

Piedade (2017) aborda em suas reflexões durante o desenvolvimento do conceito de dororidade que:

Sabemos que o Machismo Racista Classista inventou que Nós - Mulheres Pretas - somos mais gostosas, quentes, sensuais e lascivas. Aí, do abuso sexual e estupros, naturalizados da senzala até hoje, foi um pulo. Pulo de 129 anos, e passamos a ser estatística. Os dados oficiais sobre violência sexual falam disso. Estamos na frente, morremos mais nas garras do Machismo do que as Mulheres Brancas... é simplesmente banalizado no cotidiano - Mulher Preta é Pobre. Mulher Pobre é Preta. Pelo menos na sua grande maioria. (Piedade, 2017, p.14)

As corpos das negras enfrentam a inóipia do afeto, inscritas sobre o negrume da pele junto ao gênero¹²⁴, lidas como objeto, lançadas ao lugar simbólico da serviçal ladra e da lascívia sexual, diante da farsa do discurso da democracia racial. O afeto também é político¹²⁵, seja esse concedido em abundância, ou em sua ausência. A mulher negra, o experimentou desde as senzalas como mecanismo para controle, distinções e dominação empregada pelos senhores em sua brancura as negras e negros as quais usurpavam a vida sob narrativas de bondade e direito divino. Diante da construção e desenvolvimento da ideia de amor, a mulher negra estruturalmente sexualizada ocupa uma órbita distante do ideal de romance, afeto e amor em todos os sentidos, com a falta dele, nós negras constantemente somos lançadas a maléfiquização, a culpabilidade, ao não cuidado. Afirmativa essa que os números de feminicídio comprovam, como é o caso exposto e denunciado pela página @saudementalpopnegra.



¹²⁴ [...] é justamente aquela negra anônima, habitante da periferia, nas baixadas da vida, quem sofre mais tragicamente os efeitos da terrível culpabilidade branca. Exatamente porque é ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha. Isto porque seu homem, seus irmãos ou seus filhos são objeto de perseguição policial sistemática (esquadrões da morte, “mãos brancas” estão aí matando negros à vontade; observe-se que são negros jovens, com menos de trinta anos. Por outro lado, veja quem é a maioria da população carcerária deste país) (GONZALEZ, 1984, p.231).

¹²⁵ Como projeto civilizatório, a colonialidade não poderia apenas se alicerçar na violência física para se tornar viável e alcançar seus propósitos de conquista: eram necessários afetos de sedução, narrativas que produzissem dominação através do desejo de vir a ser. Daí, o afeto do amor desponta como uma ferramenta fundamental de controle da casa grande, que busca a todo custo seduzir e conquistar, para que, descontentes com o que somos, amemos nossos senhores e desejemos nos tornar sua imagem e semelhança. Impor a si como objeto de desejo amoroso pelos povos violentados, para que desejássemos e amássemos seu deus, suas normas, sua brancura, com a promessa de que assim, e somente assim, alcançaríamos a felicidade, a salvação e a legitimação no campo da humanidade.

Fonte: Página de Instagram saúde mental da população negra.

As corpos das mulheres negras, como discute a pesquisadora Lélia González, tem sido o corpo da constante mucama, a abolição afinal de contas nada aboliu, pois nossas corpos ainda hoje na sociedade é lido socialmente enquanto objeto de satisfação aos desejos dos senhores, e a nós ainda recai a culpa, a culpa da violência, dos abusos sexuais e até quando somos mortas, somos culpabilizadas, como foi o caso da jovem Karine Sevalho Lima. A liberdade a nossas corpos, verdadeiramente ainda não foi lançada, essa ainda segue em processo de ser lavrada a partir de nossas lutas, suor, sangue e voz.



Fonte: Página de Instagram @saudementaldapopnegra.

Os desmazelos do governo fingem não ver (produzem a partir das ações capitalistas) as desigualdades, a pobreza extrema. Praticam a escancarada regularização do biopoder em consonância com a necropolítica, que produz corpos revoltosos e os extermina, apontando-os insistentemente como culpada, culpado, as/os constantes errantes. Nos comentários presentes na imagem logo acima, a pauta “palmitagem” surge como meio de legalizar a violência e a morte, a comunidade negra entende como “palmitagem” a preferência por parceiros brancos.

No entanto, entre as mulheres negras não se trata sequer de uma opção explícita, tendo em vista que nossas corpos como já abordada em falas anteriores, são as corpos preteridas, as corpos cujo afeto é quase sempre raro. Homens negros, quando ascendem

social e financeiramente, de imediato surgem com parceiras brancas, afirmação essa que se concretiza ao analisar as parceiras dos jogadores brasileiros, sobretudo os mais conhecidos pelas mídias. Porém essa seta que acusa, a eles em suas posições de vantagens de gênero não ecoa de forma como ecoa a mulheres que sempre são culpabilizadas. Ressalto que essa observação não se trata em desejo de punição aos irmãos brancos, mas um ecoar sobre a necessidade de uma consciência de raça, para que nós enquanto negras não sejamos abandonadas na luta como aborda Jeane Tavares. É uma observação para relembrar aos nossos que nossa união é empoderamento, é desmonte do sistema que é racista.

Curtido por psicologabiancaisidora e outras pessoas afemme1 Precisamos falar sobre essa guerra afetiva entre homens pretos e mulheres pretas. A PaLMITaGEM se tornou pauta de engajamento nos últimos anos com o pretexto de combate a eugenia, aprofundamento este que dificilmente é feito. O que essa discussão tem alcançado de forma efetiva é fomentar o desamor já tão palpável entre nós.

Mulheres negras têm pontuado sua solidão e estão sendo invalidadas. Como se um falar do que passa anulasse automaticamente o que outro sofre. A interseccionalidade está aí, mas raramente a usam. Aliás, o movimento negro precisa pautar gênero, e aprofundar muito mais seus debates sobre masculinidades.

Mulheres negras nem quando são alvos de violências são respeitadas, estejam vivas ou mortas. Seu sofrimento é espetacularizado mas suas dores não recebem acolhimento. Recentemente vimos o caso da apresentadora Patrícia Ramos que sofreu calada vários tipos de agressões de seu ex-marido e seu desabafo repercutiu em culpabilização dela.

É massante lutar em todas as direções e ainda permanecer em alerta sobre aqueles que dividem as mesmas trincheiras conosco, nada mais colonizado do que uma pessoa preta revitimizando outra. Viva

É massante lutar em todas as direções e ainda permanecer em alerta sobre aqueles que dividem as mesmas trincheiras conosco, nada mais colonizado do que uma pessoa preta revitimizando outra. Viva ou morta!

Pretos e pretas têm se apedrejando nas redes por suas escolhas românticas e enquanto isso o sistema aplaude nossa falta de foco, união e desorganização para combatê-lo.

Para mim, a única coisa boa desse assunto que sequer deveria ter a importância que dão, é a quantidade de misoginia que sempre vem à tona. Isso dá uma boa perspectiva do quanto o caminho ainda é longo.

Texto @afemme1
#misoginia #movimentonegro #machismoestrutural
#palmitagem

Ver todos os 86 comentários

23 de novembro de 2023 · Ver tradução

Fonte: Página de Instagram @saudentaldapopnegra.

O racismo e sexismo acontecem de maneira tão naturalizada e violenta a corpa da mulher negra, que essas são as vítimas mais frequentes do feminicídio, porém suas reivindicações ainda são desumanizadas.

Todos os racismos são abomináveis, são crimes, mas eu achei que o racismo brasileiro é um crime perfeito partindo da ideia de um judeu prêmio [Nobel] da Paz que disse uma vez que o carrasco mata sempre duas vezes, a segunda pelo silêncio, e nesse sentido achei o racismo brasileiro um crime perfeito. É como um carrasco que você não vê te matando, está com um capuz; você pergunta pelo racista e você não encontra, ninguém se assume, mas o racismo e a discriminação existem. Esse racismo matava duas vezes, mesmo fisicamente, a exclusão e tudo, e matava a consciência da própria vítima. A consciência de toda a sociedade brasileira em torno da questão, o silêncio, o não dito. Nesse sentido, era um crime perfeito, porque não deixava nem a formação de consciência da própria vítima, nem a do resto da população através do chamado mito da democracia racial [...] (Dantas, Ferreira, & Veras, 2017, p. 40).

De acordo reportagem do Bom dia Brasil (2023) são as negras as mais frequentes vítimas do feminicídio, enquanto o número diminui em relação a mulheres brancas, quando se acrescenta o fator raça, é perceptível o número de aumento de casos “O mesmo recorte aponta que 62% das mulheres vítimas de feminicídio no país são negras. A violação aos direitos humanos da população negra, sejam mulheres ou homens, aparece ainda em outros pontos do relatório da Anistia Internacional”. A partir do post analisado da @saudentaldapopnegra um dado que chama a atenção é a mulher negra, mesmo que morta ainda ser violentada, a usurpadora que seduz, enquanto o homem branco, é inocentado romanticamente, talvez até levemente imaturo, mas não cruel.

Como a página postou, mesmo mortas, mulheres negras não são acolhidas, ao contrário, suas dores ora são espetacularizadas, ora sequer ouvidas. Enquanto a imagem do homem branco é sempre relacionada à pureza, ao afeto e lealdade.

Homem, branco, cis, hétero e cristão é símbolo de poder e privilégios, quando falamos desses privilégios e abordamos o empoderamento e voz de mulheres negras, rapidamente há descredibilização da relevância do conteúdo levantado, é questionada, não pela falta de potencialidade, mas pelo excesso da mesma, pois mulheres empoderadas e falantes estremecem o sistema patriarcal branco.

Nosso revogar a voz e fala perpassa temas sociais de combate ao racismo, de políticas públicas, de uma educação eficiente que promova a igualdade e não a continuação de ideologias de superioridades de raças e corpos. Como aponta, Carolina

Maria de Jesus “Quem inventou a fome, foi os que comem” aqui a parafraseando neste capítulo questiono “quem inventou o racismo foi o branco” logo nós, enquanto mulheres negras ao questionar e evocar direitos a uma educação que venha desnaturalizar as estruturas sólidas macho branco patriarcais é um ato de auto afeto que parte do individual e alcança a coletividade.

Nos locais de educação não formal como as redes sociais *Instagram* e *Youtube*, mulheres negras ensinam a mulheres negras que a “fome” não é nossa companheira, mas sim ferramenta do colonizador. Que conhecer, saber, são meios para a libertação das máscaras. Assim como nossas ancestrais uniram-se mesmo diante da dor, nós em nossa dororidade consciente de nossa negritude, (ao abordar negritude abro parênteses para afirmar que o grupo de pessoas pardas também está incluso no mesmo, pois ao decorrer da pesquisa e análises de publicações muito observei a maneira em que o sistema usa das “vantagens” de pessoas pardas na sociedade para enfraquecer o movimento negro com uma luta interna dentro da comunidade, tirando o foco da discursão que é urgente “os privilégios da branquitude” como debate Santos (2002, p. 13), nós estamos agregadas na mesma categoria), podemos transformar a realidade das nossas, ou ao menos usar dos meios que temos para buscar uma transformação dos lugares em que ocupamos.

Dessa maneira a aceitação passiva das ferramentas do colonizador, as máscaras de silenciamentos é um ato de reverência que a negritude, nós mulheres negras não estamos dispostas a exercer. A lei 10.639/2003 e 11.645/2008 trazem a obrigatoriedade do ensino da História dos povos negros, africanos, afro-brasileiros e indígenas, porém analisando o contexto atual, com base em Levy (2010), reafirmo que um estudo da atualidade é incompleto se o meio digital virtual não for levado em conta, visto sua atuação nos comportamentos humanos e sociais. Com base nisso sintetizo que as redes sociais têm sido um caminho possível para a liberação política das corpos e vozes de mulheres negras. Enzler (2017) adota o conceito “militância na internet”, termo esse de diálogo sobre estratégias profícuas do ativismo, não levando como elemento principal o espaço onde essas ações acontecem, mas sim, seu alcance. Que se intensifica com o avanço da web 1.0 para a web 2.0, modificação que possibilita nossa performance de educação as nossas também no online.

A web 2.0, ou a web social, apresenta funções e usos inovadores. De maneira interativa (através de blogs, redes sociais e outros), onde, on-line, circulam informações e cria-se ambientes virtuais de sociabilidade. Temos, a partir dela, um espaço voltado à coletividade, onde a produção, troca e circulação de informações e conteúdos não mais dependem de conhecimentos técnicos na

área de programação ou informática, pois a usuária não necessita desses conhecimentos para produzir seus próprios conteúdos, passando de mera expectadora à produtora e nisso difere exponencialmente da web 1.0. (Costa, 2021, p.58-59)

Dedicar nosso tempo ensinando para a branquitude o quanto errado e cruel é o racismo é desvio de nossas forças, visto que eles o criaram, eles o conhecem muito bem a ponto de aprender a ser antirracista. O uso da Web 2.0 é um meio de nos conectar. Fernanda Rocha (2017) debate que as ações feministas no meio digital promovem uma quarta onda do feminismo.

Assim, nesta nova onda que adota o virtual para fins democráticos, mulheres negras ensinam as nossas a serem criadoras de caso e críticas, a questionarem nossos direitos, instigam negras a ocuparem espaços e perder o medo da fala como vimos ao decorrer desta pesquisa, as redes sociais são espaços de ensino para as irmãs negras, de incomodar e desnaturalizar nossos papéis e lugares sociais, espaço de desmistificar nossas corpos como cita o @musicaastro, homem negro que há 3 anos, comentou no vídeo de Gabi Oliveira.

“Oi! Não costumo postar e nem comentar vídeos sobre esse tema. Apesar de ser relevante, moderno, atual, é também triste, odioso e desumano. Mas estou aqui para dizer que o seu vídeo é precioso e soube como ninguém desfilas as razões do negro ser lindo. Você fez uma poesia nesse vídeo, cada faceta do seu corpo é um verso, nesse universo de uma pessoa inteira. E, o mais importante, é sentir que você não disse frases vazias da boca para fora, recitou com maestria a sua, a minha, a verdade de tantos da nossa raça”.

A observação realizada por Castro, é muito significativa na medida que observamos que as dororidades da negritude também tocam os homens negros, porém como aborda Carla Akotirene e Lélia Gonzalez, já citadas acima, esses carregam vantagens de gênero na sociedade, e muitas vezes que conseguem transformações em suas realidades enquanto sujeitos negros, optam pela escolha de uma parceira branca como meio de demonstrar a sociedade uma ascensão social e a nós, somos abandonadas na luta, apontadas como “palmiteiras”, quando de certo procuramos o afeto positivo.

5- CONCLUSÃO

As redes sociais é um espaço de trocas, engajamento e entretenimento as quais percebo a partir desse trabalho que pode ser também um meio potente de ensino e difusão de saberes, debates e conhecimento para as nossas, visto que temos enquanto mulheres negras brasileiras apenas 136 anos de liberdade legal das nossas corpos e devido a isso

em muito fomos privadas da fala e agora enquanto comunidade que está se (re)organizado ocupar espaços modernos como esses é movimento de incentivo ao respeito e credibilidade de nossa intelectualidade e capacidades sociais de fala e conhecimento.

(...) pode-se afirmar que as comunidades virtuais do século XXI, formuladas pelos coletivos negros e presentes nas redes sociais, constituem-se como quilombos virtuais, cuja finalidade é fortalecer a ideia de identidade e de autonomia (empoderamento) que reverbera até hoje naqueles que tiveram esses sentimentos arrancados de si por 3 (três) séculos. Sendo assim, as comunidades virtuais caracterizadas pela capacidade de desterritorialização tornam-se espaços de fortalecimento e regaste das diversas culturas negras espalhadas pelo Brasil (SANTOS; SILVA, 2019, p. 7).

Assim sendo enquanto pesquisadoras e pesquisadores negras e negros, torna-se como aborda Lévy (2010) um caminho quase inviável abordar nossos movimentos de luta sem levar em consideração também as ações que acontecem no virtual, esses que tem se constituído enquanto quilombos virtuais onde nos marcamos e estendemos diálogos e questionamentos significativos a grupos de mulheres e meninas negras que não tem em seus cotidianos o acesso as discussões em salas de aulas, em livros e grandes artigos.

Nestes espaços virtuais muitas mulheres negras conscientes de suas negritudes e seus papéis enquanto influencers para engajar no ato de ensinar e criar definições positivas e fortes do ser negra, pois como aborda Patrícia Collins (2019, p. 23) “Quando a própria sobrevivência das mulheres negras está em jogo, criar autodefinições independentes se torna essencial” e nossa sobrevivência enquanto pretas mães, irmãs, filhas, pesquisadoras, tantas outras sobretudo Mulheres está em jogo, visto que somos ainda a carne mais barata dos ruas, becos, vielas e online¹²⁶.

O canal de *Youtube* analisado, as páginas do *Instagram* constituem como espaços políticos de ensinios e trocas, porém cabe ressaltar que nem todas as falas e publicações de negras no mesmo levam a conscientização e valorização de nossa raça, das nossas, isso devido ao fato de que para além de ferramenta de comunicação essas redes virtuais também são espaços onde se visam uma ascensão econômica e fama social, devido a isso algumas das discussões ricas para nos enquanto negras circulam junto a fofocas que viralizam nas redes. A exemplo de comprovação dessa afirmativa temos a página analisada nesse trabalho de pesquisa @negasdoziriguidumoficial que apesar de sua

¹²⁶O trabalho da pesquisadora Doutoranda Samily Loures de Freitas, aborda a disparidade de oportunidades e financeiras na redes virtuais ao se tratar de influenciadoras negras e influenciadoras brancas <https://periodicos.ufes.br/scs/article/view/36577/23928>.

potencialidade, nos 2 últimos anos mudou o estilo de publicações, as que antes eram voltadas ao empoderar, questionar e ensinar de nós para nós, tornou-se também um espaço de notícias da vida particular de celebridades negras.

As influencers e o espaço virtual encurtam hierarquias estabelecidas no ensino formal que a certo modo em sua educação ainda adota práticas racistas onde apresentam as diferenças das corpas enquanto naturais para o racismo, mostrando a história negra apenas como “lugar de corpas caladas e exploradas” que não falam, questionam e apenas servem, nas redes a partir das vozes de negras conscientes e criadoras de casos obtivemos maior alcance de públicos, trocas de dororidades e exposições de pontos de vida, onde questionamos quem somos e os lugares que ocupamos em diversos espaços enquanto sujeitas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Jaqueline Gomes de. A PESQUISA ETNOGRÁFICA ONLINE EM TEMPOS DE CULTURA DA CONVERGÊNCIA. Revista Observatório, Palmas, v. 5, n. 6, p. 109-131, out.-dez. 2019.

AKOTIRENE, Carla. (2019). Interseccionalidade São Paulo: Pólen.

ANUNCIADA, Patricia. Estética negra, opressão e resistência. Blogueiras Negras, 2016 [http://blogueirasnegras.org/estetica-negra-opressao-e-resistencia - acesso em: 20 maio 2022].
» <http://blogueirasnegras.org/estetica-negra-opressao-e-resistencia>

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1987.

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La frontera: la nueva mestiza*. Cidade do México: Universidad Nacional Autónoma de México/Programa Universitário de Estudios de Género, 2015.

ANZALDÚA, Gloria E. (Ed.). Introdução. In: _____. *Making face, making soul, haciendo cara: creative and critical perspectives by feminists of color*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1990.

ANZALDÚA, Gloria E. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revistas Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 1. sem. 2000.

BARROS, Surya A. Pombo de. História da educação da população negra no Brasil: estado da arte (1989-2010). In: PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira; CURY, Cláudia Engler (Org.). *Histórias da educação da Paraíba: rememorar e comemorar*. João Pessoa: Edufpb, 2012.

BENTO, Maria Aparecida Silva. BRANQUEAMENTO E BRANQUITUDE NO BRASIL In: *Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras)* Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58).

BENTO, Berenice. Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação?. *cadernos pagu* (53), *Cad. Pagu* (53), 2018, <https://doi.org/10.1590/18094449201800530005> .

BENTO, Berenice. Judith Butler, Afetos e neoTFPismo. *Revista CULT*, 30 out. 2017 [<https://revistacult.uol.com.br/home/afeto-judith-butler-neotfpistas/> – acesso em: 01 jan. 2017]» <https://revistacult.uol.com.br/home/afeto-judith-butler-neotfpistas/>

BIANCONI, M. Lucia; CARUSO, Francisco. EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL. ISSN 0009-6725 On-line version ISSN 2317-6660. *Cienc. Cult.* vol.57 no.4 São Paulo Oct./Dec. 2005

BOAVENTURA, de Souza Santos. *Para além do pensamento da linha abissal: Das linhas globais à ecologia de saberes* 2007.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. v. 1.

BUTLER, Judith. Cuerpos que importan: Sobre los limites materiales y discursivos del “sexo” – 1ª ed. – Buenos Aires- Paidós. 2002.

BURGUESS, Jean, GREEN, Joshua. YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa está transformando a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

CAMPOS, Christiane. CIBERATIVISMO E ENGAJAMENTO: MOBILIZAÇÃO DA AUDIÊNCIA ACIONADA POR INFLUENCIADORAS DIGITAIS NEGRAS. XV enecult encontro de estudos multidisciplinares em cultura. Salvador- BAHIA- BRASIL. 01 a 03 de agosto de 2019.

CAMPOS, Gabriela Rocha; FARIA, Hila Martins Campos; SARTORI, Isabela Duarte. Cultura da Estética: O Impacto do Instagram na Subjetividade Feminina. Artigo de trabalho de conclusão de curso de Graduação em Psicologia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CESJF) na Linha de Pesquisa Psicologia e tecnologia, 2019.

CAMPOS, Luiz Augusto; FELIX, Marcelle; JUNIOR, João Feres. A Família Margarina Recebe Visitas: Branquitude e publicidade em cinco décadas (1968-2017). Rev. Bras. Ci. Soc. 38 (111) • 2023 • <https://doi.org/10.1590/3811005/2023>.

CANDIDO, Marcia Rangel; JÚNIOR, João Feres. Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 27(2): e54549 DOI: 10.1590/1806-9584-2019v27n254549.

CARDOSO, Cláudia Pons. Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras /. – Salvador, 2012.

CARDOSO, Lourenço. O BRANCO-OBJETO: O MOVIMENTO NEGRO SITUANDO A BRANQUITUDE. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 13, n. 1, jan./jun. 2011.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: Ashoka Empreendimentos Sociais; Takano Cidadania (Orgs.). Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, 2003.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. 2011. Disponível em: <http://www.unicap.br/neabi/?page_id=137>.

COSTA, Cláudia de Lima; ÁVILA, Eliana. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o “feminismo da diferença”. Estudos Feministas, Florianópolis, 13(3): 320, setembro-dezembro/2005.

COSTA, Milane do Nascimento. “Nós Por Nós”: solidariedade feminina nas interfaces entre sororidade e dororidade - práticas e discursos em grupos de mulheres numa rede social digital / Milane do Nascimento Costa. - Campina Grande, 2021. 127 f.: il. Color

FERNANDES, Renata Sieiro; GARCIA, Valéria Aroeira. Educação não formal no contexto brasileiro e internacional: tensões que perpassam a formulação conceitual. v. 26, n. 2, Passo Fundo, p. 498-517, maio/ago. 2019.

FOUCAULT, Michel. Nascimento da biopolítica. São Paulo, SP: Martins Fontes. 2008.

FRANKENBERG, R. Race, sex and Intimacy I: Mapping a discourse. Minneapolis: University of Minnesota. (1999b).

GOMES, Nilma Lino. Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. In: SOUSA, Boaventura de Souza Santos; MENESES, Maria Paula (Orgs.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010. p. 492-516.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, L. A. et al. Movimentos sociais urbanos, minorias e outros estudos. Ciências Sociais Hoje, Brasília, ANPOCS n. 2, p. 223-244, 1983.

GONZALEZ, Lélia. A categoria de amefricanidade. In: RIOS, Flávia; LIMA, Márcia (org.). Lélia Gonzalez. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro, Zahar, 2020. 361 p. [<https://mulherespaz.org.br/site/wp->

content/uploads/2021/06/feminismo-afro-latino-americano.pdf - acesso em: 15-03-2022].
»<https://mulherespaz.org.br/site/wp-content/uploads/2021/06/feminismo-afro-latino-americano.pdf>

GONZALEZ, Lélia. RACISMO E SEXISMO NA CULTURA BRASILEIRA. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; Silva, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Movimento negro e educação. Revista Brasileira de Educação, Set/Out/Nov/Dez 2000 N° 15.

GROSGUÉL, Ramón. Descolonizando los universalismos occidentales: el pluriversalismo transmoderno decolonial desde Aimé Césaire hasta los zapatistas. In: _____; CASTRO-GÓMEZ, Santiago (Org.). El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 63-78.

GROSGUÉL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos póscoloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de; MENESES, Maria Paula (Org.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010. p. 455-491.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG/Brasília: UNESCO, 2003.

hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo, Elefante, 2019

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais /; autoras Adriana Varejão ... [et al.]. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

JESUS, Carolina Maria. Quarto de despejo: diário de uma favelada. 9ªed. São Paulo, Ática,2007.

JORGE, Andreza. Feminismos favelados: Uma experiência no Complexo da Maré. Ed.- Bazar do Tempo. 2023.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KOZINETS, Robert. V. Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: , 2014. 203p.

LEMOS, André. [Ciberespaço e tecnologias móveis: processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura](#). In: MÉDOLA, Ana Silvia; ARAÚJO, Denise; BRUNO, Fernanda (Org.). **Imagem, visibilidade e cultura midiática**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 2010.

LIMA, Fátima. Bio-necropolítica: diálogos entre Michel Foucault e Achille Mbembe. Arquivos Brasileiros de Psicologia; Rio de Janeiro, 70 (no.sp.): 20-33.

LORDE, Audre. Os usos da raiva: Mulheres respondendo ao racismo. Audre, Lorde, Sister Outsider: Essays & Speeches by Audre Lorde (Berkeley: Crossing Press, 2007), 124-133. Desde 1961. 1981 : <http://www.blackpast.org/1981-audre-lorde-uses-anger-women-respondingracism#sthash.XEaCdFT1.dpuf> .

LORDE, Audre. Textos escolhidos. Retirado e traduzido de “I Am Your Sister - COLLECTED AND UNPUBLISHED WRITINGS OF AUDRE LORDE”, Oxford University Press, 2009.

LUCAS, C. H., & Alós, A. P. (2016). Uma crítica para enfrentar os poderes que nos querem aprisionar. *Revista Periódicus*, 1(4), 01–03. <https://doi.org/10.9771/peri.v1i4.15418>.

MACHADO, Jorge. Ativismo em rede e conexões identitárias novas perspectivas para os movimentos sociais. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 9, no 18, p.248-285, jul./dez, 2007.

Mbembe, Achille. *Necropolítica*. São Paulo, sp: n-1 edições.- 2018.

MENEZES, Adriane Ramos. AS NARRATIVAS DE INFLUENCIADORAS NEGRAS SOBRE ESTÉTICA: REFLEXÕES SOBRE A PRESENÇA DA TIA MÁ NO INSTAGRAM. 2022.

MUNANGA, K. As ambigüidades do racismo à brasileira. In: Kom, N. M., Silva, M. L., & Abud, C. C. *O racismo e o negro no Brasil* (pp. 33-44). São Paulo, SP: Perspectiva. -2017.

Nascimento, Abdias. *O genocídio do Negro Brasileiro: Processo de um racismo mascarado*. São Paulo, SP: Perspectiva. 2017.

RATUSNIAK, Célia; SILVA, Carla Clauber da. EVASÃO ESCOLAR OU EXPULSÃO: POR QUE ALUNAS-MÃES ABANDONAM A ESCOLA? *Psicologia Escolar e Educacional*. 2023, v. 27. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392023-243705> Localizador - e243705.

PASSETTI, Edson. Micropolítica como tecnologia governamental. *Revista Ecológica*, São Paulo, n. 17, jan-abr, pp. 59-73. 2017.

PIEIDADE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PIRES, Desirée de Oliveira. Ciberfeminismo: ensinar e aprender nas redes!.In: VII Seminário Vozes da Educação: Resistências, políticas e poéticas na vida e na educação: Regina Leite Garcia, presente! São Gonçalo: UERJ: Faculdade de Formação de Professores, 2019.

PIRES, Desirée de Oliveira. Educação e ativismo de mulheres nas redes sociais: um estudo sobre o movimento #EleNão. – FURG, 2021.

PIZA, E. Porta de vidro: entrada para branquitude. In: Carone, I. & Bento, M. A. da S. (orgs.) *Psicologia Social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*, (pp. 59-90). Petrópolis: Editora Vozes. 2002.

POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*.São Paulo: Global, 2004.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala*. 1ª Edição. Belo Horizonte. Letramento: 2017.

ROCHA, Carlana Faria; LUCAS, Carlos Henrique de. *INSURGÊNCIAS E RE(EX)SISTÊNCIAS AOS ECOS COLONIAIS: ENSAIO SOBRE AGENCIAMENTOS*

ARTIVISTAS. Revista de Estudos Interdisciplinares, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 01–22, 2024. DOI: 10.56579/rei.v6i1.763. Disponível em: <https://revistas.ceeinter.com.br/revistadeestudosinterdisciplinar/article/view/763>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SAFFIOTI, Heleith. Gênero, patriarcado e violência. 2ªed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SAFFIOTI, Heleith. O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1987.

SANTIAGO, Flávio. NÃO É NENÊ, ELA É PRETA, SE VIRA SOZINHA! UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DAS INTERSECÇÕES ENTRE AS RELAÇÕES RACIAIS E DE GÊNERO NAS CULTURAS INFANTIS ENTRE AS CRIANÇAS DE 0-3 ANOS EM CRECHE.

SANTOS, C.; SILVA, R. N. Quilombos Virtuais: as novas expressões de (re)territorialização, resistência, ativismo e empoderamento negro nas redes sociais. Logos: Comunicação e Universidade - UERJ, 2019.

SILVA, Suelen de Aguiar. Desvelando a Netnografia: um guia teórico e prático. Intercom – RBCC São Paulo, v.38, n.2, p. 339-342, jul./dez. 2015.

SILVA, Ana Célia da. A representação social do negro no livro didático: o que mudou? por que mudou? /. – Salvador: EDUFBA, 2011. 182.

SOARES, Mayana Rocha. Nós: afetos e licenciatura. Salvador, 2021.

SOUZA, Neusa Santos. Tornar-se negro: Ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar. 2021.